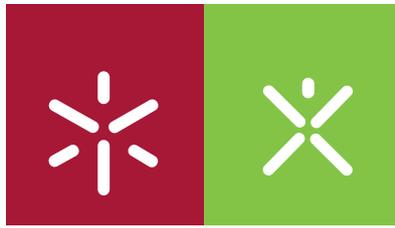




Universidade do Minho
Instituto de Estudos da Criança

Patrícia Regina Martins Lima

**CAMPINÁCIOS: VIVÊNCIAS DE ANIMAÇÃO
SÓCIO-CULTURAL**



Universidade do Minho

Instituto de Estudos da Criança

Patrícia Regina Martins Lima

CAMPINÁCIOS: VIVÊNCIAS DE ANIMAÇÃO SÓCIO-CULTURAL

Tese de Mestrado em Estudos da Criança
Associativismo e Animação Sócio-Cultural

Trabalho efectuado sob a orientação da
Professora Doutora Teresa Sarmento

Setembro de 2009

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

Malas feitas pronto a partir

Ir pr'a fora para entrar

Nessa aventura de me descobrir

Nos sorrisos que me vais rasgar

(Hino do Acampamento Entre - Aspas 2008)

A todos aqueles com quem partilhei esta aventura

AGRADECIMENTOS

Mais do que uma investigação para alcançar um grau académico, este estudo foi uma experiência única e inesquecível, foi uma descoberta de mim própria e dos outros, das relações interpessoais que se criam num espaço tão diferente.

Quero, portanto agradecer a esta grande família que me recebeu de braços abertos e um sorriso nos lábios.

À Direcção Local do colégio das Caldinhas que prontamente me receberam e auxiliaram nesta investigação.

Aos animadores entrevistados e ao Assistente Nacional do movimento pela disponibilidade.

À equipa de animação do Campo de Férias *Entre-Aspas 2008* e todos os seus participantes por partilharem comigo esta experiência.

À Professora Doutora Teresa Sarmento pela orientação.

À minha família e a todos os meus amigos que souberam dar sempre aquele *empurrãozinho* e aquela palavra de incentivo.

CAMPINÁCIOS: VIVÊNCIAS DE ANIMAÇÃO SÓCIO-CULTURAL

RESUMO

Os Campinácios são um dos três movimentos juvenis associados à Companhia de Jesus em Portugal que apesar de partilharem a mesma filosofia (a Pedagogia Inaciana) e a mesma estrutura a nível da organização do campo têm diferentes destinatários. Assim, o movimento em estudo destina-se a todos os alunos dos três colégios Jesuítas de Portugal, localizados em Santo Tirso (Colégio das Caldinhas), Cernache (Colégio da Imaculada Conceição) e Lisboa (Colégio S. João de Brito).

A presente investigação tem como objectivos conhecer os Campinácios e estudar de que modo a vivência dos campos de férias contribui para a formação integral dos seus participantes através do papel que estes exercem na questão da cidadania ensinada/aprendida – cidadania praticada.

O método escolhido para a sua realização foi o estudo de caso apoiado na observação participante, entrevista, análise documental e de conteúdo e inquérito por questionário. Tentamos participar no maior número de actividades do movimento, de modo a ter um conhecimento mais profundo do mesmo. Porém, pela aproximação local, a nossa amostra baseou-se, essencialmente, na Direcção Local do Colégio das Caldinhas e seus animadores.

Ao longo da investigação fica patente a existência de uma relação entre a cidadania ensinada/aprendida – cidadania praticada. Os aspectos mais visíveis são o facto dos participantes se tornarem animadores com a finalidade de continuar no movimento, passando, assim, o testemunho como outros lhes passaram a eles e, a transposição da postura que assumem num campo de férias para as suas vidas.

CAMPINÁCIOS: SOCIAL AND CULTURAL ANIMATION EXPERIENCE

ABSTRACT

The Campinácios are one of three youthful movements associated to the Company of Jesus in Portugal, in spite of sharing the same philosophy (the Pedagogy Inaciana) and the same structure in terms of the organization of the holidays camp they are destined to different groups of persons. The movement in study is destined to all the students of the three Portugal's Jesuit Colleges, located in Santo Tirso (College of the Caldinhas), Cernache (College of the Immaculada Conceição) and Lisbon (College S. João de Brito).

The present investigation has like objectives know the Campinácios and to study in which way the existence of the holidays camp contributes to the integral formation of his participants through the questions of taught / learnt citizenship – practiced citizenship.

The method chosen for his realization was the study of case supported on the observation participant, interview, documentary analysis and content and inquiry questionnaire. We try to take part in the biggest number of activities of the movement, to have deep knowledge of that. However, for the local approximation, our sample was based, essentially, on the Local Direction of the College of the Caldinhas and his presenters.

Along the investigation the existence of a relation is obvious between the taught / apprehended citizenship – practiced citizenship. The most visible aspects are the fact of the participants become presenters with the finality of continuing in the movement, passing the evidence as the others passed to them and pass over the attitude they assume in a holidays camp for their lives.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
1.DELIMITAÇÃO.....	3
2.ENUNCIADO DO PROBLEMA	4
3.OBJECTIVOS E QUESTÕES GERADORAS.....	5
CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	
1. ANIMAÇÃO SÓCIO-CULTURAL (ASC)	6
1. ANIMAÇÃO SÓCIO-CULTURAL (ASC).....	7
1.1.CONCEITO,FUNDAMENTOS E CARACTERÍSTICAS	8
1.2.MODALIDADES, ÂMBITOS E DIMENSÕES.....	11
1.2.1.ASC NA INFÂNCIA E JUVENTUDE	12
1.2.2.ANIMAÇÃO URBANA	14
1.2.3.ANIMAÇÃO SOCIO-EDUCATIVA.....	15
1.3.ASC EM PORTUGAL	16
1.4.ASC E A EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL.....	17
1.4.1.A ASC E OS CAMPINÁCIOS	21
1.5.A ASC E A EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA E PARA OS VALORES	22
1.5.1.OS CAMPINÁCIOS E A EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA E VALORES	24
2.ANIMADOR SÓCIO-CULTURAL	26
2.1.O ANIMADOR E A FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS E JOVENS.....	30
3.PARTICIPAÇÃO INFANTIL E JUVENIL	32
3.1.TIPOLOGIAS DE PARTICIPAÇÃO	32
3.2.OBSTÁCULOS E POTENCIALIDADES DA PARTICIPAÇÃO	35
4.O ASSOCIATIVISMO	37
4.1.O ASSOCIATIVISMO JUVENIL COMO PRÁTICA DE PARTICIPAÇÃO	37
4.2.O PAPEL DO ASSOCIATIVISMO JUVENIL NA FORMAÇÃO DOS JOVENS.....	40

4.2.1.0 EXEMPLO DO VOLUNTARIADO JUVENIL.....	41
5.OS CAMPOS DE FÉRIAS INACIANOS.....	44
5.1.MOVIMENTOS INACIANOS	44
5.2.PEDAGOGIA INACIANA – A METODOLOGIA INSPIRADORA.....	45
5.3.ESTRUTURA DO CAMPO DE FÉRIAS.....	49
5.3.1.ITINERÁRIO GERAL DO CAMPO DE FÉRIAS INACIANO	50
5.3.2.ITINERÁRIO PARTICULAR	51
5.4.ANIMADORES	53
CAPÍTULO II – METODOLOGIA	54
1.INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA.....	55
2.ESTUDO DE CASO.....	56
3.DESENHO DA INVESTIGAÇÃO.....	57
4.INSTRUMENTOS DA RECOLHA DE DADOS	60
4.1. OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	60
4.2. ANÁLISE DOCUMENTAL.....	62
4.3. INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO	62
4.4. ENTREVISTA	64
4.5. ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	67
CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	70
1.CAMPINÁCIOS.....	71
1.1.GÉNESE DO MOVIMENTO	71
1.2.ORGANIGRAMA	73
1.2.1.ÓRGÃOS DO MOVIMENTO	74
1.3.OBJECTIVOS E PILARES DOS CAMPINÁCIOS.....	75
1.4.PARTICIPANTES.....	77
1.5.ANIMADORES	79
1.5.1.PAPÉIS, FUNÇÕES E SUAS CARACTERÍSTICAS.....	80

1.5.2.PROCESSO DE SELECÇÃO E FORMAÇÃO DOS ANIMADORES	88
1.5.3.BREVE CARACTERIZAÇÃO DOS ANIMADORES	90
2.DIRECÇÃO LOCAL DO COLÉGIO DAS CALDINHAS	92
2.1.ESTRUTURA DA DLCC.....	92
2.2.PLANO DE ACTIVIDADES DA DLCC	92
2.3.AS REUNIÕES DE ANIMADORES DA DLC.....	C93
2.4.ANIMADORES DA DLCC	94
3.APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	97
3.1.PERSPECTIVA E VIVÊNCIAS DO MOVIMENTO ENQUANTO PARTICIPANTE	97
3.1.1.MOTIVAÇÕES PARA PARTICIPAR NUM ACAMPAMNETO	97
3.1.3.DEFINIÇÃO DO MOVIMENTO	104
3.2.PERSPECTIVAS E VIVÊNCIAS DO MOVIMENTO ENQUANTO ANIMADOR.....	105
3.2.1.MOTIVAÇÕES PARA SER ANIMADOR.....	105
3.2.2.IMAGENS DOS ANIMADORES RELATIVAMENTE AO PAPEL E QUALIDADES DO ANIMADOR.....	107
3.2.3.EXPERIÊNCIAS DE ANIMADOR.....	109
3.2.4.IMAGENS SOBRE O MOVIMENTO.....	112
3.3. VIVÊNCIA DA FÉ.....	114
3.4. PARTICIPAÇÃO ASSOCIATIVA.....	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
BIBLIOGRAFIA.....	122
ANEXOS.....	134

ÍNDICE DOS ANEXOS

ANEXO I – INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO	135
ANEXO II – PLANO DE ACTIVIDADES DA DLCC	136
ANEXO III – QUADRO SÍNTESE DAS ENTREVISTAS	139

ABREVIATURAS

ASC – Animação sócio-cultural

Campinácios – Movimento Inaciano de Acampamentos dos Colégios da Província Portuguesa da Companhia de Jesus

Camtil – Campos de Tempo Livre

INA – Instituto Nun' Alvres

CC – Colégio das Caldinhas

CSJB – Colégio São João de Brito

CAIC – Colégio da Imaculada Conceição

GRACOS – Grupo de Reflexão e Análise dos Colégios da Companhia de Jesus

PPCJ – Província Portuguesa da Companhia de Jesus

DN – Direcção Nacional

DL – Direcção Local

DLCC – Direcção Local do Colégio das Caldinhas

EN – Encontro Nacional

ENA – Encontro Nacional de Animadores

AN – Assistente Nacional

OL – Órgão Local

CVX – Comunidade de Vida Cristã

CVX-U - Comunidade de Vida Cristã para Universitários

SBV – Suporte Básico de Vida

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Características do animador nas décadas 70/80 e a partir da década de 90 (Baseado em Lopes, 2007).....	26
Tabela 2 - Guião da Entrevista realizada aos animadores seleccionados do CC	66
Tabela 3 - Indicadores da análise de conteúdo das entrevistas realizadas aos animadores do CC ...	69
Tabela 4 - Responsabilidades do Director de um campo de férias organizado pelos Campinácios (Adaptado Vicente, 2008b e Almeida, 2004)	84
Tabela 5 - Responsabilidades da Mamã num campo de férias (Adaptado Almeida, 2004)	86

ÍNDICE DOS GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição por colégio e sexo, em percentagem, dos animadores que responderam ao inquérito por questionário	1
Gráfico 2 - Distribuição dos animadores por ano de entrada no movimento	1
Gráfico 3 - Distribuição dos animadores DLCC por ano de entrada	1
Gráfico 4 - Distribuição, em percentagem, do ano de nascimento dos animadores da DLCC referente ao ano lectivo de 2007/2008	1
Gráfico 5 - Distribuição, em percentagem, do ano de nascimento dos animadores da DLCC referente ao ano lectivo de 2008/2009	1
Gráfico 6 - Distribuição, em percentagem, por sexo dos animadores da DLCC no ano lectivo 2007/2008.....	1
Gráfico 7 - Distribuição, em percentagem, por sexo dos animadores da DLCC no ano lectivo 2008/2009.....	1

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Escada de Participação Juvenil de Hart (Baseado em Soares, 2006 e Costa, 2008) 1

Ilustração 2 - Logótipo do movimento 1

Ilustração 3 - Organigrama dos Campinácios (Fonte: www.campinacios.org) 1

O QUE É SER CAMPINACIANO?

*O*ntem, no recreio, um jovem interpelou-me e perguntou-me:

– *Afinal, o que é que tem de tão especial, ser Campinácio?*

– *Sim! Quem são os Campinácios? O que é que fazem?*

Tentei explicar-lhe em vão pois, na verdade, não tenho reflectido nem um pouco sobre isso.

Mas sabes, lembrei-me das vezes em que me despedi de ti!

– *Quantas vezes é que esse nosso gesto se terá repetido... ao longo de dez anos? ... Dez anos de Campinácios!*

Partimos todos os anos com esperança no olhar, vontade de contar mil e uma madrugadas... e a Mãe Terra acolheu-nos no seu colo.

Dobrámos dinheiro que foi esquecido no fundo da mochila, atiramos lá para dentro as T-shirts mais coloridas, dois pares de “blue jeans” bem coçados e pouco mais...

Com aquelas botas que foram ficando esbranquiçadas pelo pó dos caminhos, comemos quilómetros pelos montes e vales, às vezes com o cansaço a moer-nos os ossos, mas sempre com uma canção no peito e “aquele brilhinho nos olhos”.

Partilhámos o tempo, coisas, comida, olhares, ideias, preces e canções.

Aprendemos a amar Deus nos outros e (curioso!) em nós próprios!

Aprendemos também que a vida vale a pena ser vivida se tiver um bom sentido.

Descobrimos o real valor da sopa, do pão com marmelada e da bolacha-maria!

Sentimos o conforto do carinho da mamã, quando estivemos na “mó-de-baixo” e nos adormeceu no seu colo, à noite na roda!

Da viola extraímos estranhas mágoas e morremos um pouco quando ficámos para trás no Cais... com o sal a queimar-nos o olhar.

Já em casa, esvaziamos a mochila. A roupa ainda cheirava a despedida e voltaram mais fortes todos os momentos, odores e sentimentos do Campo.

Fizemos da saudade tinta para as mais lindas linhas e, por momentos, ia-mos entupido a caixa do correio uns dos outros com cartas desencontradas na ânsia de voltar...

Juntos descobrimos a quantidade de coisas que estão escondidas dentro dum canivete e na casca de uma árvore! Que há rios sem poluição onde apenas nada a amizade e a alegria (além dos peixes, claro!). Que, às vezes, mais vale um gesto e um sorriso do que mil palavras. Que faz todo o sentido cantar o Anzol, às seis da manhã, no cimo de um penhasco. Que as saudades de casa também se curam com um mergulho no rio. Que lavar a louça é “baril”. Que o chouriço na brasa é mais saboroso quando a meia-noite se aproxima. Que o nosso melhor amigo não é aquele que só nos sorri mas, principalmente, aquele que chora connosco. Que também sabemos fazer coisas bonitas e que não somos “rasca”.

Há “paletes” de coisas que nos marcaram (e marcam!) e fizeram (e fazem!) voltar, todos os anos.

A vontade de partilhar. A natureza. O Pai. Os outros. O teu sorriso enfarruscado. A sensação de liberdade. Uns olhos lindos de morrer. Aquele rapaz que me olhou de maneira diferente. Umhas tranças pretas a espreitarem por baixo de um chapéu de palha. A sorna de “rabo pró ar” a escrever ao Amigo Secreto. A telenovela. A Missa de Campo. A Mamã. A Alvorada. Os BDS (Bom dia Senhor). As pinhas a estourarem na fogueira. O assalto ao castelo. O pôr-do-sol com os pés dentro de água. A caminhada. As bolachas escondidas no fundo da tenda. Descascar batatas para trinta e seis “galfarros”. A noite de gala... e todas as “partidas” que os animadores prepararam e nos pregaram.

João Regueiras¹

¹ <http://campinacios.loyola.pt/regueiras.html>.

Acima de tudo é sermos nós próprios, num mundo que todos juntos criamos. Desejamos que o “mundo cá de fora” fosse assim, mas mesmo sendo difícil, transpondo o que aprendemos, sempre contribuimos um pouco. Acho que ser campinaciano é ser livre de preconceitos, de censuras, de vergonhas, de medos, acreditar num Ser com o qual falamos e que por vezes nos dá tantas respostas, ser amigo, companheiro, educador, estar de coração aberto para os outros, é ter presente as frases: dar sem receber; dar não dói”. Para além disto e tudo e muito mais que haveria para dizer é também: dormir nas tendas, dormir ao relento, fazer serões até às tantas, ajudar a mamã na cozinha, acordar cedo para fazer coisas que ninguém imagina... para que numa situação “menos boa” nos lembrarmos disto tudo e conseguirmos esboçar um sorriso... (Animadora do CAIC).

INTRODUÇÃO

A dissertação que se apresenta intitulada *Campinácios: Vivência de Animação Sócio-cultural* insere-se no âmbito do Mestrado em Estudos da Criança – Associativismo e Animação sócio-cultural, do Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho.

Esta investigação recorrendo ao *Estudo de Caso* tem como objecto de estudo os Campinácios (*Movimento Inaciano de Acampamentos dos Colégios da Província Portuguesa da Companhia de Jesus*), um dos três movimentos juvenis associados às actividades da pastoral dos jesuítas².

A presente dissertação está dividida em três partes fundamentais: a fundamentação teórica, a metodologia e a apresentação e análise de resultados. Antecede-lhes a introdução e sucede-lhes as considerações finais. Nesta Introdução apresentamos a delimitação temática, o enunciado do problema, os objectivos e as questões geradoras da investigação.

No capítulo I reflectimos sobre o conceito, princípios e características da Animação Sócio-cultural (ASC), em particular o papel do Animador Sócio-cultural na formação dos jovens. Na compreensão destes construtos teóricos analisamos ainda a Participação Juvenil, tipologias e o Associativismo Juvenil. Na parte final deste capítulo caracterizamos os *Campos de Férias Inacianos* do qual os Campinácios fazem parte.

O capítulo II corresponde à metodologia utilizada. Neste capítulo descrevemos a Investigação Qualitativa e o *Estudo de Caso*, o desenho da investigação e os instrumentos utilizados para recolha de dados.

No capítulo III fazemos a apresentação e análise dos resultados. Começamos por descrever os Campinácios como movimento juvenil, as suas características, objectivos, participantes e animadores. De seguida, damos o exemplo de uma das três direcções locais do movimento (DL), a Direcção Local do Colégio das Caldinhas (DLCC), direcção em que incidiu a investigação. E, por fim expomos os resultados da análise das entrevistas relativamente à importância do movimento na vida dos seus participantes e animadores, na perspectiva dos últimos.

² Os outros dois movimentos designam-se por Camtil e Gambozinos.

Nas considerações finais são apontadas as principais conclusões acerca desta investigação e pistas para o futuro no estudo das vivências da animação em Campos de Férias.

1. DELIMITAÇÃO

A falta de opção, por parte dos pais, no que diz respeito à escassez de espaços onde deixarem os seus filhos durante as férias escolares foi uma das razões para o aparecimento dos campos de férias.

Por campos de férias entende-se *as iniciativas destinadas exclusivamente a grupos de crianças e jovens, compreendidas entre os 6 e os 18 anos, cuja finalidade compreenda a realização, durante um período determinado, de um programa organizado de carácter educativo, cultural, desportivo ou meramente recreativo* (artigo n.º2, capítulo I, Decreto-Lei n.º 304/2003, de 9 de Dezembro de 2003).

Neste sentido, várias câmaras municipais e associações promovem estas iniciativas com a finalidade de ocupar os tempos livres de crianças e jovens mais desfavorecidos contribuindo para o bem-estar dos mesmos e para a sua integração na vida comunitária, numa perspectiva de cidadania saudável, criando espaços que lhes permitem o seu desenvolvimento pessoal e cívico.

O sucesso desta experiência fez crescer o mercado de procura e oferta destas iniciativas uma vez que a realização de actividades de carácter lúdico, cultural e desportivo assumem, cada vez maior relevância na formação e desenvolvimento integral do indivíduo. Por isso, os campos de férias, são para crianças e jovens uma oportunidade única de formação e desenvolvimento de competências, não adquiridas em meio escolar, mas que se torna importante incentivar e desenvolver.

A presente investigação pretende abordar o tema dos Campos de Férias, mais concretamente os Campinácios, campos organizados para os alunos dos colégios da Companhia de Jesus em Portugal (Colégio das Caldinhas – CC -, Colégio Imaculada Conceição - CAIC - e Colégio S. João de Brito – CSJB -) entendido como um instrumento que ajuda a alcançar o objectivo dos

colégios que é *Educar para Servir* num contexto de educação não-formal, isto é formar homens e mulheres do futuro dedicados aos outros e ao serviço destes.

Este movimento apoia-se no Paradigma Inaciano, fonte de inspiração de todas as actividades da Companhia de Jesus e, por isso, para além do seu carácter educativo, os campos organizados pelos Campinácios têm uma componente muito forte dedicada à fé.

2. ENUNCIADO DO PROBLEMA

Com a crise da escola e o reconhecimento da importância da educação não-formal e informal na formação integral do indivíduo surgiram novos contextos de educação/formação como por exemplo os campos de férias. Estes são meios que proporcionam aos seus participantes o contacto, a aprendizagem e a compreensão de realidades e valores essenciais para uma cidadania efectiva.

Para muitos estas iniciativas continuam a ser entendidas apenas como uma forma de ocupar o tempo livre das crianças e jovens, mas na realidade acreditamos que vivendo em comunidade, trabalhando em grupo e /ou e prol dos outros os participantes adquirem competências pessoais, sociais e culturais que lhes permitem ser cidadãos participantes, responsáveis e construtores do seu próprio futuro.

Quase a completarem vinte anos de existência assistimos a uma procura cada vez maior dos Campinácios, por parte dos alunos. Actualmente pelo número de inscrições efectuadas o movimento organiza nove acampamentos de verão (dois para cada escalão e um de formação para os novos animadores).

Partindo do objectivo dos colégios jesuítas *Educar para Servir* e do facto dos Campinácios serem um dos instrumentos para a sua concretização formulamos a pergunta de partida do seguinte modo: ***O que são os Campinácios e de que modo contribuem para o desenvolvimento das crianças, jovens e animadores?***

Através desta pergunta de partida pretendemos estudar o papel assumido pela ASC na questão da cidadania ensinada /aprendida – cidadania praticada.

3. OBJECTIVOS E QUESTÕES GERADORAS

Os objectivos e as questões que nortearam a investigação tiveram em conta o conhecimento dos Campinácios, no que respeita a organização, funcionamento, objectivos e pilares; dos seus participantes e animadores e do papel que a ASC assume no contexto do movimento. Assim foram definidos os seguintes objectivos:

- Caracterizar os Campinácios a nível da sua estrutura, objectivos e filosofia.
- Descrever as actividades dos Campinácios.
- Caracterizar animadores e participantes do movimento.
- Descrever o papel da ASC no contexto dos Campinácios nomeadamente no que diz respeito à passagem da cidadania ensinada / aprendida para a cidadania praticada.

Quanto às questões geradoras definiram-se do seguinte modo:

- Quais são os objectivos dos Campinácios?
- Que metodologia utiliza?
- Como se organiza?
- Qual o papel dos animadores?
- Qual o papel das crianças e jovens?
- De que forma a experiência dos Campinácios influencia o dia-a-dia dos seus participantes e animadores?
- De que modo a cidadania ensinada / aprendida se torna cidadania praticada?

Ser-se campinaciana é muito mais do que pertencer a um grupo de jovens que se divertem a fazer uns campos de férias e umas actividades. Ser parte deste grupo, desde tão tenra idade, é pertencer a uma família crista católica que nos ajuda a crescer vendo o mundo como um lugar de todos e para todos. Abre-nos o coração ao mesmo tempo que nos permite ser crianças e adolescentes saudáveis (com dúvidas, certezas, lutas internas e externas do nosso ser...). Não impõe mas ensina, não limita mas abre os olhos de cada um de nós para o que nos rodeia e ajuda-nos a ver e não só a olhar. (Animadora CC)

CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. ANIMAÇÃO SÓCIO-CULTURAL (ASC)

O termo animação é relativamente recente no sentido em que é usado nos nossos dias e, apesar de estar presente ao longo da história da humanidade, só na década de 60 do século XX conhece uma rápida difusão multiplicando-se os animadores que surgem por toda a parte, ao nível do comércio, espectáculos e, particularmente no domínio do ensino (Toraylle, 1973).

Este utiliza-se, pela primeira vez, na Europa, mais concretamente na França, designando um conjunto de acções que tinham como finalidade originar a participação das pessoas na vida social configurando-se, desde então, segundo Ferreira (2005:90), por um fenómeno complexo e diversificado de práticas no campo social e cultural que na tradição francófona se designa por *animation socioculturelle* e na anglo-saxónica por *community development*, surgindo, ainda frequentemente com a designação de animação comunitária

A necessidade de animação ficou e continua a ficar a dever-se à crise da sociedade. Como afirma Toraylle³ (1973:14) *um olhar sobre o passado chega para nos mostrar que a sociedade e as sociedades sempre estiveram em crise* e por isso, esta necessidade é uma reacção de defesa perante as sobrecargas e coacções de uma sociedade invasora que nivela e oprime os indivíduos, podendo ser encarada por uma tentativa de dominar as transformações da sociedade, através do estabelecimento de um novo tipo de relações humanas, criando a mudança e respondendo à necessidade de criatividade que todos os homens, especialmente os jovens, manifestam em todos os domínios.

Nesta perspectiva a animação poderá definir-se como um estímulo mental, físico e emotivo que, num sector determinado, incita as pessoas a iniciar uma gama de experiências que lhes permite expandir e expressar a sua personalidade, desenvolvendo um sentimento de pertença a uma comunidade sobre a qual podem exercer uma certa influência. Esta pretende criar entre os indivíduos relações de cooperação, de grupo em lugar de relações de coabitação, surgindo, como diz Ferreira (2006:50) *como alternativa ao carácter estatizado e funcionarizado do sistema e da*

³ Toraylle (1973) enumera as causas da crise da sociedade que poderemos considerar actuais sendo elas: a concentração urbana, os meios de comunicação, a invasão os mass media e o desenvolvimento do audiovisual, as características da produção industrial de massa, o bloqueio da relações humanas e a desestruturação da sociedade.

actividade escolar, baseando-se nas ideias de militância e de compromisso cívico de animadores, profissionais e voluntários, com o desenvolvimento das pessoas e das comunidades.

Deste modo, ASC surge da necessidade de se criarem projectos e iniciativas que tenham como finalidade a melhoria das condições de vida e o bem-estar social e por isso, cada vez mais, como afirma Pereira (2008:7-8) *a ASC tem de ser encarada como um direito de cidadania e como uma parte essencial do quotidiano das sociedades, do seu património, da sua educação e que atravessa toda as esferas da vida.*

1.1. CONCEITO, FUNDAMENTOS E CARACTERÍSTICAS

O que melhor caracteriza a ASC é o seu carácter polissémico, o que torna a sua definição complexa, ambígua, heterogénea, vaga e até imprecisa como referem alguns autores e, por isso impossível de encontrar apenas uma definição clara e consensual.

Conceito jovem no campo das ciências sociais que nasce a partir da definição das políticas culturais dos anos 60 e 70, especialmente na Europa (...). A confluência das acções e das administrações, dos agentes culturais e sociais, e o tecido associativo deste âmbito favoreceram a sua génese, definição e desenvolvimento. Não pode ser considerado um conceito homogéneo e definido, e poderíamos encontrar na extensa bibliografia existente sobre o tema diversos enfoques e pontos de vista. Assim, a animação sócio-cultural pode converter-se num conceito definidor de políticas ou de actuações, isto é, uma autentica filosofia de intervenção num território –, uma metodologia ou uma disciplina académica (...). No sentido mais primogénito e original, tal como a define Santcousky, a animação sócio-cultural combina elementos do direito à criação e à expressão cultural, o respeito das singularidades individuais e colectivas, e o direito e o dever de participar nas acções culturais e sociais. (Hernandez, cit Calvo, 2006:54)

Quintana (1986), Besnard (1991), Ventosa (1993) Trilla (1998), Ander Egg (2000) são alguns dos autores que têm vindo a teorizar acerca da ASC e como seria de prever nem todos comungam dos mesmos princípios e fundamentos.

Encontramos esta ideia em Bento (2003:101) enquanto os autores franceses acentuam a dimensão cultural e artística, transmitida através da política da Educação Popular, os autores

espanhóis acentuam a dimensão social, fundamentalmente apoiadas nas organizações sociais não-governamentais e sócio-religiosas e em Besnard (1991:11-12) a animação sócio-cultural é um método de organização do ócio, à semelhança das técnicas de recriação norte-americana; um movimento social de emancipação das massas; um substituto da ideologia participativa que permite uma evolução social sem conflitos e, ainda, um instrumento de subversão.

Calvo, também, se debruça sobre este tema. Para esta autora o conceito de ASC é utilizado para denominar realidades diversas e existem muitas discrepâncias em volta do que se entende. De modo a tentar encontrar uma definição que abranja todos os pontos de vista, Calvo (2006:56-58) após revisão de vários autores⁴, enumera as seguintes características da ASC:

- É uma metodologia ou método de intervenção social e cultural (anuncia o seu carácter intencional, o seu sentido directamente orientado para a acção e a ideia de processo e ordem nas suas acções).
- É um processo racional e sistemático, susceptível de intervenção tecnológica – educativo (esta visão requer tarefas tais como análise de contextos e situações de partida, previsão de resultados, concretização de objectivos, organização e gestão de acções, valorização e seguimento das mesmas de modo a que estas se desenvolvam da melhor forma e, com maior eficácia).
- Traduz-se num conjunto de acções ou de práticas que são intencionais e reconhecidas num projecto de intervenção.
- Tem lugar num território ou meio concreto (para a ASC o território é o ponto de partida e os destinatários o fim das suas acções, programas ou projectos).
- Fundamenta-se na participação do grupo ou membros da comunidade (requisito indispensável).

⁴ Petrus (1989); Ander Egg (1989); Froufe e Sanchez (1990); Úcar (1992); Quintana (1993); De Miguel (1995); Armengol (1993); Soler (1996); Trilla (1997) Lopez de Aguilera (1997); Saéz (1997) e Vega (1997).

- Tem como objectivo a transformação da realidade social, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento comunitário, social e cultural.

De um modo geral, o conceito de animação está estritamente ligado à ideia de movimento e dinamismo. Animar é no fundo dar vida ou dar alma a algo, de modo a propiciar as transformações sociais, nas quais os indivíduos têm um papel fundamental, como afirma Toraylle (1973:32)

Animar é sempre dar alma e vida a um grupo humano, a um conjunto de pessoas entre as quais os contactos não se produzem espontaneamente, ou são mesmo impedidos e bloqueados em consequência de coacção das estruturas sociais ou das condições de vida. Da simples ideia de «dar um impulso» passa-se pouco a pouco à de uma acção exercida sobre os outros, sem pressões sentidas directamente: suscitar e orientar iniciativas, impulsionar os outros, aumentar a sua participação na vida do grupo, organizar a vida desse grupo, provocar a reflexão.

Para alcançar este fim, a animação usa todo o tipo de actividades (lúdicas, recreativas, desportivas, sociais, culturais ou de lazer) de modo a fomentar o desenvolvimento integral dos indivíduos e a educação para a cidadania.

A UNESCO considera que a ASC é *um conjunto de práticas sociais que têm como finalidade estimular a iniciativa e a participação das comunidades no processo do seu próprio desenvolvimento e na dinâmica global da vida sócio-política em que estão inseridos*⁵ (Ayuso, 2002:62).

Por seu lado, Trilla (2004:26) define a ASC como *o conjunto de acções realizadas por indivíduos, grupos ou instituições numa comunidade (ou sector da mesma) e dentro do âmbito de um território concreto, com o objectivo principal de promover nos seus membros uma atitude de participação activa no processo do seu próprio desenvolvimento quer social quer cultural.*

⁵ Ideia partilhada por Lopes (2006:95).

Na mesma linha de pensamento Ander Egg (2000:100) entende a ASC como *um conjunto de técnicas sociais que, baseadas numa pedagogia participativa, tem por finalidade promover práticas e actividades voluntárias, que com a participação activa dos indivíduos, se desenvolvem no seio de um grupo ou determinada comunidade, e se manifestam nos diferentes âmbitos das actividades sócio-culturais que procuram o desenvolvimento da qualidade de vida*

E, Bento (2003:120-121) descreve-a como *uma forma de acção sócio-pedagógica que, sem ser única, se caracteriza pela intencionalidade de gerar processos de participação das pessoas em áreas culturais, sociais e educativas que corresponde, aos seus próprios interesses e necessidades* (que se processa a partir de duas super estruturas: contextos e instituições e que percorre quatro dimensões operativas: método, acção, mudança e conteúdos).

A ASC integra, assim, todos os aspectos possíveis do desenvolvimento individual, sendo os lugares onde se exerce muito diversificado. Apresenta-se, deste modo, como uma perspectiva ampla, como um elemento transformador da vida associativa, como um espaço novo de educação, de recriação cultural e também de transformação social.

1.2. MODALIDADES, ÂMBITOS E DIMENSÕES

Para Ventosa (2006) a ASC serve-se duma série de espaços e recursos associados a três modalidades fundamentais, a Animação Cultural (centrada na realização de actividades artístico-culturais com a finalidade de desenvolver a criatividade, a expressão e a formação cultural através da prática e da participação dos destinatários); a Animação Social (centrada na comunidade e dirigida à promoção associativa e ao desenvolvimento comunitário de um determinado território) e, a Animação educativa (centrada na educação e no tempo livre das crianças, jovens e adultos através do jogo e das actividades recreativas em grupo, ocupando-se do desenvolvimento da motivação para a formação permanente, recorrendo à aplicação de métodos activos e técnicos de participação nos processos de ensino-aprendizagem).

Ander Egg (2000), por seu lado, identifica, também, cinco contextos ou âmbitos de acção da ASC, sendo eles: Institucional (Animação numa Aula de Cultura, Clube Juvenil); Técnico

(Animação Teatral, Recreativa, Desportiva, Musical, Dança); Social (Animação para Jovens, Emigrantes); Espacial (Animação de Rua, Bairro, Cidade) e Político (Animação para alcançar determinado objectivo, reivindicação, acção) e, três âmbitos geográficos onde se desenvolve a ASC (Animação Rural, Suburbana e Urbana). Este autor fala, ainda, dos sectores dos destinatários que podem ser crianças, adolescentes, jovens, adultos ou idosos.

De um modo mais simples, Lopes (2006) reconhece a perspectiva tridimensional da ASC, destacando deste modo, a Dimensão Etária (Infantil, Juvenil, Adultos e Terceira Idade); Espaço de Intervenção (Animação Urbana e Animação Rural) e a pluralidade de âmbitos ligados a sectores de áreas temáticas (Educação, Teatro, Tempos Livres, Saúde, Ambiente, Turismo, Comunidade, Comércio, Trabalho entre outros)⁶.

Os diferentes âmbitos da ASC têm como consequência directa a existência de diferentes termos para designar as suas formas de actuação (Animação Sócio-educativa, Animação Cultural, Animação Teatral, Animação de Tempos Livres, Animação Comunitária, Animação Rural, Animação Turística, Animação Infantil, Animação Juvenil, Animação na Terceira Idade, Animação nas Prisões, Animação Termal, Animação Desportiva, Animação de Bibliotecas entre outras).

1.2.1. ASC NA INFÂNCIA E JUVENTUDE

No que diz respeito à ASC na infância (Lopes, 2006) esta ganha força com o estabelecimento da democracia em Portugal sob a forma de Animação Sócio-educativa, tendo como principal função complementar as actividades de educação não-formal, através de programas lúdicos e formativos, desenvolvidos em colónias de férias, passeios e visitas de estudo, permitindo às crianças visitar e conhecer lugares e regiões até então desconhecidas. Estes programas destinam-se a crianças dos 8 aos 13 anos de idade e baseiam-se em processos de aprendizagens dinâmicas que resultam da partilha e interacção das crianças entre si e destas com os monitores (dimensão inter-geracional).

⁶ As dimensões valorizadas para este estudo serão desenvolvidas a seguir.

Para Calvo (2004) as actividades da ASC na infância não são o fim mas sim o meio para alcançar o seu objectivo que é educar no ócio. Por isso a criatividade, a componente lúdica, a actividade, a socialização, a liberdade e a participação são os princípios que a ASC, nesta faixa etária, deve obedecer de modo a que a participação por parte das crianças seja real, geradora de acção sem constrangimentos e castrações e por isso mesmo, fruto da envolvência com os outros num clima de confiança, criatividade e satisfação.

Quanto à ASC na adolescência/juventude esta fica marcada pelas transformações fisiológicas e psicológicas que acontecem nos adolescentes e jovens. Nesta faixa etária os pais e a escola deixam de estar em primeiro plano e o grupo de pares ganha uma importância que até então não tinha, dado que o adolescente/jovem sente a necessidade de se sentir aceite pelos outros, de pertencer a um grupo *regido por normas como as de noção de marca, a cultura da imagem, as tendências musicais e estéticas* (Lopes, 2006:318).

Lopes (2006:318-319) enumera os objectivos e os princípios orientadores da ASC na juventude. No que respeita aos objectivos, estes passam por proporcionar aos jovens uma Animação de Tempo Livre e de ócio que seja educativa. Isto é, que seja um meio de valorização pessoal e social; que fomente as práticas dos valores da democracia⁷; que constitua uma tecnologia educativa que permita integrar e partilhar saberes, áreas, experiências e vivências das aprendizagens formais; que favoreça a interacção e a inter-relação dos jovens mediante uma metodologia activa, participada, horizontal que valoriza a auto-estima e o protagonismo e, por fim que complete a intervenção da ASC junto dos jovens na vertente social (através do associativismo juvenil e do voluntariado), na vertente cultural (através de iniciativas, como teatro e o jogo, que valorizam a comunicação inter-jovens fazendo uso da expressividade, criatividade e da vertente terapêutica que anula as tensões, a agressividade, a violência e as dificuldades de relação e socialização) e, por último na vertente educativa (como meio auxiliar de formas de aprendizagens formais).

⁷ O associativismo juvenil é considerado uma possível escola de formação cívica e as aprendizagens podem assumir forma de acções como voluntariado, educação inter e multicultural.

Dos objectivos enunciados chegamos aos princípios da ASC na juventude sendo eles a liberdade (na procura do desconhecido), o associativismo (como meio de socialização e de aprendizagem no que diz respeito à democracia, cultura, recreio e ócio), a participação (os jovens são os principais protagonistas da acção, o que implica da sua parte uma envolvimento directa) e, o voluntariado (como compromisso solidário).

1.2.2. ANIMAÇÃO URBANA

A ASC em contexto urbano, como já vimos anteriormente, surge da necessidade de dar respostas às transformações da sociedade moderna caracterizada pela revolução científica e técnica, pela urbanização, pela despersonalização e massificação, pelo nascimento da patologia social e pela instabilidade relacional que tem como consequência a vivência em stress permanente que conduz ao sentimento de frustração, insegurança, impotência, agitação, depressão psicológica e dificuldade em equilibrar o trabalho com a existência (Lopes, 2006).

Segundo Lopes (2006) os projectos de ASC no meio urbano pretendem promover iniciativas que valorizem a dimensão humana; impulsionar a participação através do acesso aos bens culturais e à promoção do diálogo inter-relacional e inter-geracional; dotar a cidade com infra-estruturas e equipamentos culturais; facultar a utilização das instituições ou espaços públicos, como por exemplo a rua, para promover actividades culturais e, promover uma cidadania activa onde cada indivíduo é o protagonista das suas acções ultrapassando a apatia, a trivialidade e a rotina estabelecendo relações familiares com o seu semelhante e com o meio envolvente.

1.2.3. ANIMAÇÃO SOCIO-EDUCATIVA

A Animação Sócio-educativa é um dos âmbitos da ASC que tem tradição na animação em Portugal. Esta surge nos finais dos anos 70 do século passado no contexto da educação não-formal tendo como finalidade uma educação global e permanente enquadrada nas pedagogias da não directividade de Rogers, Read, Stern e Freire.

Segundo Lopes (2006) esta aparece como consequência da herança da educação popular, mas que está em desuso e por isso tem sido absorvida pela matriz genérica da ASC. Surge, ainda, associada ao modelo de animação francófono, apresentando-se *como uma acção assente em colónias de férias, campos de férias, acampamentos e outras actividades de ar livre destinadas essencialmente à infância e adolescência. Decorre, normalmente, ora como actividade complementar à escola, ora como acção mais prolongada e levada a cabo em épocas de férias escolares. Procura prestar um serviço à comunidade, através da Animação do tempo livre dos mais jovens* (Lopes, 2006:385).

Esta animação apoia-se nos pressupostos da educação problematizadora⁸ e, por isso as actividades desenvolvidas não são descontextualizadas nem se apresentam como um produto, pelo contrário assumem grande importância no processo de crescimento individual e grupal associando-se a componente lúdica do jogo à vida e às dimensões expressivas de uma criatividade que resulta da participação activa e relacional e, por outro, às formas críticas de estar na vida, proporcionando processos criativos de agir e interagir de modo a ter como resultado homens independentes e abertos à mudança. Assim como, se utiliza a expressão do corpo, do seu ritmo, criatividade e movimento, como forma de explorar a comunicação expressiva e estabelecer a base para uma educação através da arte (Lopes, 2006).

⁸ Educação defendida por Freire. Nesta e, ao contrário do que acontece na educação bancária, não existe uma distancia entre educador e educando, no qual o primeiro é o detentor do saber e ao segundo cabe apenas ouvir e absorver tudo o que o outro disserta. Deste modo, na educação problematizadora, educador e educando trabalham em conjunto para alcançar o conhecimento. Nesta relação ambos aprendem na partilha e interacção, entre as duas partes, *norteadas por valores que se estabelecem a partir da participação activa e dos estímulos criativos* (Lopes, 2006:388).

Neste sentido, como afirma Garcia (2004:131) *os tempos e espaços da Animação Socio-educativa representam uma das poucas oportunidades para as crianças e jovens se conhecerem de outras maneiras e para aprenderem a ser (socialmente) úteis.*

1.3. ASC EM PORTUGAL

Em Portugal a ASC tem os seus antecedentes na 1ª República prolongando-se pela ditadura militar e Estado Novo, mas é após o 25 de Abril que ganha máxima expressão, apoiada nos movimentos sociais, sobretudo no movimento associativo e estudantil, e nos movimentos populares impulsionados pelos ideais que resultaram na Revolução de Abril.

Tendo em conta os períodos temporais Lopes (2006) identifica três fases históricas presentes na origem da ASC no nosso país:

- Fase intemporal (a animação como processo difuso que aparece da necessidade do indivíduo estabelecer relações sociais, culturais, políticas e económicas com outros indivíduos).
- Fase da Animação ao serviço de uma estratégia política (entre 1960 a Abril de 1974 caracterizando-se pelo seu papel nos movimentos oposicionistas em Portugal).
- Fase da institucionalização (a animação assumida pelos diferentes governos do Portugal democrático no período após o 25 de Abril de 1974).

Segundo este autor (Lopes, 2006:95) os princípios que caracterizam a ASC não encontram eco no Portugal do século XIX e meados do século XX, apesar de se encontrarem *programas, acções, actividades e motivações nos campos social, cultural e educativo, que visaram consciencializar, alfabetizar, educar, animar, os cidadãos com o intuito de promover neles a capacidade de participarem, de se assumirem como sujeitos críticos e actores das suas próprias mudanças sociais, políticas, culturais e económicas.* Estes ideais, que promovem a participação e a interacção dos sujeitos no seu desenvolvimento social e pessoal, foram preconizados pelo 1.º

República e levados a cabo pelos movimentos sociais geradores de práticas educativas, isto é, o movimento associativo e as sociedades de cultura e recreio, o cooperativismo, sindicalismo, catolicismo e o laicismo educativo.

Porém com a ditadura militar e o Estado Novo estes movimentos foram condicionados e os seus objectivos principais distorcidos. Durante este período

Cada sector ou actividade era enquadrado por organismos tutelares próprios, directa ou indirectamente, subordinados ao Estado (...). / A cultura e as artes eram promovidas e exibidas para distrair o povo e não para o consciencializar e libertar. / O povo era colocado na situação passiva diante dos acontecimentos culturais (...). Os meios de Animação estavam ao serviço de uma estratégia política de doutrinação colectiva nos valores ideológicos do regime, os fins em vista recorriam a meios de entretenimento público e não propriamente a uma Animação que visasse a participação, a autonomia e auto-organização (Lopes, 2006:107).

É, portanto, a partir da Revolução de Abril de 1974 que a ASC se consegue implementar na vida social e cultural do nosso país através da mobilização popular que se expressou e continua a expressar nas diversas modalidades (verbal, artística e outras) com a finalidade de promover a melhoria das condições de vida através do desenvolvimento pessoal, social e cultural dos mesmos.

1.4. ASC E A EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

O aparecimento da educação não-formal está associada à crise da escola, isto é da educação formal, que se começa a fazer notar na década de 70 do século passado. O seu currículo homogéneo, indiferenciado e centrado nos conhecimentos e competências das classes média e alta originaram uma vaga de contestações e o aparecimento de novos contributos para educação.

A contribuição mais importante era e, continua a ser, o papel activo que os indivíduos têm no seu próprio processo de aprendizagem permitindo-lhe assumir uma atitude crítica e uma cidadania responsável e libertadora. Neste âmbito, assiste-se, à *ampliação do conceito de Educação, que não se restringe mais aos processos de ensino - aprendizagem no interior de*

unidades escolares formais, transpondo os muros da escola para os espaços da casa, do trabalho, do lazer, do associativismo etc. (Gohn, 1999:7).

O reconhecimento desta realidade teve como consequência a diferenciação, no seio da educação, de três conceitos (Vasquez, 1998), Educação Formal, Educação Informal e Educação Não – Formal. A primeira diz respeito à educação ensinada/transmitida na escola caracterizando-se por ser obrigatória e institucionalizada no currículo do ministério da educação e, por isso cronologicamente graduada e hierarquicamente estruturada; a segunda refere-se à educação ao longo da vida no qual os indivíduos adquirem e acumulam conhecimentos, habilidades, atitudes e modos de pensar a partir das experiências diárias e a sua relação com o meio e, a terceira a toda actividade organizada, sistemática e educativa realizada fora do marco do sistema oficial.

Lopes (2006:404) afirma que não havendo um consenso do que é a educação não-formal

Podemos considerá-la como uma educação não regulada por normas rígidas. É norteadada pelos propósitos do pluralismo educativo e centrados na relação interpessoal. Apresenta ainda as seguintes características: tendência educativa assente no pluralismo e partilha vivencial; propósito de complemento em relação à educação formal; ênfase na convivência geradora de afectos; nivelamento tendencialmente horizontal das relações humanas, aproximando as pessoas umas das outras sem as valorizar em função de graus académicos; não outorgar títulos académicos mas certificados e diplomas de participação; abrangência a toda a população, promovendo relações e aprendizagens intergeracionais; recurso a metodologias próprias com recusa à reprodução de procedimentos utilizados pelo sistema educativo institucional.

Segundo Gohn (1999:98-99) a educação não-formal suporta-se num processo com quatro campos ou dimensões que correspondem às suas áreas de abrangência:

- Aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos, ou seja a participação em actividades grupais gera a consciencialização, por parte dos indivíduos, para a compreensão dos seus interesses e dos meios que rodeiam.
- Capacita os indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades.

- Educação para a civildade, isto é, aprendizagem e exercício de práticas que capacitem os indivíduos a se organizarem com objectivos comunitários, de modo a dar soluções a problemas colectivos quotidianos.

- Aprendizagem de conteúdos formais em espaços diferenciados (bairro – associação, organizações, movimentos sociais, igrejas, sindicatos, partidos políticos, ONG's, espaços culturais, escolas, etc.).

Para esta autora (1999) um dos pressupostos da educação não-formal é o de que a aprendizagem se dá por meio da prática social, sendo a experiência das pessoas em trabalhos colectivos geradora da mesma. Neste sentido, o conhecimento dá-se pela vivência de situações e não pela absorvência de conteúdos previamente sistematizados, no qual a ASC tem um papel fundamental, o de prática educativa.

Em Caride (1986), encontramos a ideia de que a ASC se projecta como uma finalidade eminentemente educativa e que se sustém na Educação para a Liberdade; Educação para a Participação e Democracia Cultural; Educação para a Inovação e Transformação Social; Educação para a Identidade Cultural; Educação para a Criatividade Colectiva e na Educação para o Desenvolvimento Autónomo e Integrado.

A Educação para a Liberdade baseia-se nas ideias de Paulo Freire, sendo entendida como um processo de comunicação e emancipação orientada na participação democrática. O diálogo como actividade básica, a desmistificação da realidade, o estímulo da reflexão e acção sobre a própria realidade, a luta pela emancipação ou o fomento da transformação social, entre outras são algumas das suas características (Calvo, 2006).

A Educação para a Participação e Democracia Cultural caracteriza-se pelo pressuposto de que a participação individual e social não é apenas um instrumento para o desenvolvimento da liberdade. Pelo contrário é um valor que aparece representado nas iniciativas, responsabilidades e compromissos adquiridos e exercidos por todos e por cada um dos indivíduos no seu meio sociocultural (Calvo, 2006).

No que respeita à Educação para a Inovação e Transformação Social esta pretende conduzir a uma transformação nas relações pessoais dentro da comunidade, promovendo nas

peçoas uma experiência social e cultural baseada na tomada de consciência, na solidariedade, na função crítica, na qualidade de vida e respeito pelos direitos humanos, através das ideias da ASC que perseguem e se orientam para a transformação social (Calvo, 2006).

A Educação para a Identidade Cultural refere-se ao facto de não existir uma cultura universal, mas sim um relativismo cultural que permite a cada comunidade perceber e compreender o mundo a partir das suas próprias referências. Deste modo, a ASC na sua finalidade educativa respeita e potencia um conceito de cultura que é recriado através dos seus aspectos singulares e na crítica das suas experiências colectivas (Calvo).

O papel educativo da ASC no que se refere à Educação para a Criatividade Colectiva, que pretende a transformação social, passa por garantir o desenvolvimento das relações humanas entre os colectivos e os grupos permitindo conciliar o valor da liberdade com a satisfação das suas necessidades socioculturais (Calvo, 2006).

E, por fim, a Educação para o Desenvolvimento Autónomo e integrado apoia-se no protagonismo dos sujeitos e comunidades na definição dos objectivos, estratégias, desempenho das tarefas e seus resultados. Nesta perspectiva os indivíduos convertem-se em agentes activos, responsáveis e críticos na construção da sua cultura e sociedade (Calvo, 2006).

Neste sentido, entendemos que a finalidade eminentemente educativa da ASC tem no campo da educação não-formal um espaço privilegiado para se manifestar, uma vez que este contexto se caracteriza por proporcionar aos indivíduos um conjunto de competências e habilidades adquiridas através de experiências e vivências em que estes participam activamente.

Partindo da divisão do universo educativo nas três citadas áreas (formal, não-formal e informal) (...) a ASC pode considerar-se dentro do sector não formal do universo educativo. Além disso, as peculiaridades processuais e institucionais da ASC concordam muito bem com as características que os programas educativos não formais costumam ter: dar atenção às necessidades e aos interesses concretos das populações receptoras, utilização de metodologias activas e participativas, escassas ou nulas exigências académicas e administrativas para a inclusão nas actividades, conteúdos geralmente muito contextualizados, pouca uniformidade quanto a espaços e tempos. (Trilla, 2004:32-33)

1.4.1. A ASC E OS CAMPINÁCIOS

Em Lopes (2007:7) encontramos a ideia de que a ASC se liga a

Áreas nucleares e complementares que se afiguram essenciais para a sua intervenção, como é o exemplo da educação, entendida numa concepção que ultrapassa o espaço e se estende à vida, ao seu pulsar e onde a articulação da educação com programas de Animação procura um mundo de homens livres, solidários, conscientes, participantes e comprometidos com o seu/nosso mundo, voluntários de causas nobres e lutadores de ideais assentes nas convicções de uma democracia que cumpra e realize os desideratos sociais, económicos, culturais, políticos e educativos. Homens educados e formados de uma forma dialógica com as pessoas e o mundo, numa valorização permanente da vida em comunhão.

Assim, mais do que entreter, passar tempo, acampar durante 10 dias nas férias de verão, os Campinácios pretendem formar e consciencializar crianças e jovens, futuros adultos da sociedade para as possibilidades, para os direitos e sobretudo para os seus deveres para consigo mesmos e para com os outros.

Nesta consciencialização a comunidade educativa de cada colégio jesuíta tem um papel essencial. Educadores, educandos, antigos alunos e famílias devem trabalhar em conjunto para formarem homens autênticos nas dimensões: pessoal, social, religiosa e académica. E, por isso, esta consciencialização não é apenas um objectivo dos campos de férias, mas dos colégios. Deste modo, o movimento pretende dar continuidade ao trabalho que se faz durante o ano lectivo, fazendo uso das práticas criativas e participativas da ASC, sobretudo, da animação sócio-educativa, na qual a educação não-formal tem um papel crucial.

Durante os 10 dias de acampamento os participantes são constantemente confrontados, em primeiro lugar, pelo local em que estão (com poucos confortos), pela ausência do núcleo familiar (situação mais complicada, normalmente, para os mais novos e para os que fazem campo pela primeira vez), pelos desafios que lhes exigem trabalho em equipa, criatividade, conviver com pessoas desconhecidas e, por isso, dar-se a conhecer aos outros, saber ser flexível e pôr-se no lugar do outro, chegar a acordos, ser tolerante e responsável e, a ultrapassar medos e anseios.

Deste modo, tal como a ASC, também os Campinácios tem uma filosofia de vida na qual está implícita uma concepção do Homem e da sociedade, o pressuposto que cada um constrói o seu futuro na interacção com os outros e o meio, isto é, em comunidade; a adesão dos participantes é livre e a sua finalidade é dar uma oportunidade a participantes e animadores de participarem em actividades que possibilitem a mudança de comportamentos e a descoberta de si mesmo.

Nesta linha de pensamento, será possível afirmar que os pressupostos da ASC estão presentes nos Campinácios, sendo um suporte fundamental para o desenvolvimento e sucesso das actividades que promove no âmbito da educação não-formal, dado que as actividades que desenvolve situam-se fora do marco da educação formal, são planeadas, respondem a objectivos pedagógicos e pretendem contribuir para o desenvolvimento integral dos que nelas participam. Neste sentido, concordamos com Silvestre (2003:174) quando afirma

Pensamos, pois, que a flexibilidade, a interdisciplinaridade (sem carácter escolar) e a interexperencialidade que se podem viver nestes contextos (temporais e espaciais) educativos/formativos, fazem da E/FEE⁹ uma fórmula, por excelência, de intervenção comunitária que pode permitir o desenvolvimento integrado e sustento da mesma, bem como dos indivíduos que a constituem.

1.5. A ASC E A EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA E PARA OS VALORES

Frequentemente quando se fala de cidadania somos remetidos, imediatamente, para a esfera pública entre os cidadãos e o Estado. Porém *o exercício da cidadania deverá abranger outros espaços da prática social que normalmente se mantêm imunes a tal exercício, tais como, entre outros, os espaços familiares, os espaços produtivos ou os espaços escolares* (Trindade, 2000:42).

A necessidade de despertar nas crianças e jovens uma consciência democrática para a tolerância e para abertura aos outros tem vindo, em Portugal, a ser uma preocupação patente nos discursos dos responsáveis educativos e fonte de pesquisa, tendo em conta as facetas que a

⁹ Educação/Formação Extra-Escolar - terminologia francesa equivalente à educação não-formal.

educação para a cidadania contempla. Esta educação considera a necessidade de estimular e favorecer a criação de atitudes e hábitos de relação que favoreçam a maturidade sócio-afectiva e cívica em todos os planos de vida.

A aprendizagem da cidadania, na qual a educação para os valores está incluída, caracteriza-se por um processo lento e trabalhoso, uma vez que não se trata apenas de fazer aquisições cognitivas ou de adaptar comportamentos. Pelo contrário, na nossa sociedade caracterizada pela constante transformação, é importante acompanhar a “caminhada” que as crianças e adolescentes fazem para se tornarem homens e mulheres, autônomos, participativos, críticos e com voz na sociedade à medida que vão aprendendo e assimilando os valores que permitem viver em comunidade, a importância das relações interpessoais, da entre-ajuda e da cooperação entre outros.

Para Marques (2002) os valores são bens estimáveis intimamente ligados às necessidades humanas e determinantes no comportamento humano. Para este autor (2002:16) os valores

Não são coisas mas qualidades que as coisas possuem mas que não estão nelas de um modo sensível; (...) são estimados e inferidos, através da inteligência, do sentimento e das emoções; estimar um valor é apreendê-lo; (...) produzem reacções nas pessoas; (...) recebem grande poder energético dos afectos e são motivadores das atitudes e comportamentos das pessoas; apesar da inteligência ser necessária ao processo de apreensão dos valores, são as emoções e os sentimentos que mais pesam nesse processo; (...) não são transmitidos ou construídos mas sim descobertos através da identificação, do testemunho, do exemplo e da vivência; (...) possuem bipolaridade e hierarquia, ou seja os valores podem ser colocados num determinado ponto entre um extremo positivo e um extremo negativo (...) e subordinam-se uns aos outros uma vez que uns são mais valiosos que outros.

Por seu lado, Azevedo (2008) distingue os valores culminantes dos outros. Estes são, para esta autora, os valores que estão associados às escolhas do “sentido da vida”, isto é, essenciais à escolha da tomada de decisão referentes ao melhor modo de se estar e viver a vida, o que condiciona todas as escolhas mesmo as mais pequenas.

Assim, educar para os valores como a solidariedade, a justiça, a liberdade e o respeito, entre muitos outros é convidar os outros a acreditarem que cada um é responsável pelas suas

acções e, por isso deve ser autónomo e, acima de tudo responsável no seu pensar e agir, fomentando acções que promovam o bem-estar individual e da comunidade da qual faz parte.

Esta é uma tarefa complexa dado as características dominantes da nossa sociedade onde impera o individualismo e a solidão, a massificação dos media e um consumismo excessivo, mas onde a ASC tem um papel essencial. Segundo Peres (2008:118) *esta emerge como uma forma de acção numa sociedade que exige cidadãos com cidadania*. E, por isso, o seu papel passa pela consolidação de uma cidadania activa e reflexiva reimplantada numa democracia que abarca diferentes gerações, divulga experiências e promova diálogos entre as culturas de todos os grupos sociais, *pois a natureza da ASC é precisamente dotar a pessoa como membro real dum grupo e duma sociedade de recursos para participar de maneira real e não só protocolada* (Merino, 2008:141).

Deste modo, a ASC encontra o seu papel na educação para a cidadania e para os valores ao proporcionar às pessoas e grupos organizarem-se *solidária e responsabilmente em redes associativas* (Merino, 2008;131). Pois, como afirma Lopes (2006:427) a educação para a cidadania deve basear-se nos valores éticos, morais e outros e ser resultado de processos participativos e comprometidos com o desenvolvimento das pessoas, uma vez que este tipo de educação *liga-se também ao fomento de um voluntariado solidário, expresso na existência de um tecido associativo que intervém continuamente no desejo de prestação de serviços à comunidade*.

1.5.1. OS CAMPINÁCIOS E A EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA E VALORES

Os Campinácios não desejam impor atitudes e comportamentos aos seus participantes. Pelo contrário, este movimento pretende, através da vivência das experiências que proporciona que cada participante assimile e apreenda os valores que o norteiam e, que os assumam como seus nas atitudes e comportamentos adoptados ao longo da vida, pois como afirma Zabalza (2000:94) os valores *formam-se com base nas influências que os indivíduos recebem ao longo da sua vida*.

A acção dos campos assenta na pedagogia inaciana, fonte de inspiração de todas as actividades associadas aos Jesuítas. Esta pretende, acima de tudo, proporcionar uma educação

onde cada um com a ajuda dos outros (participantes e animadores) se auto-educa e se forma cidadão para os outros. É, por isso uma educação que exige do sujeito, após incorporação do contexto e da experiência, uma reflexão que conduzirá a uma acção pensada e ponderada, tendo como objectivo essencial a mudança ou transformação de atitudes e comportamentos.

Permite, deste modo, ao indivíduo, o aumento dos seus conhecimentos na dupla perspectiva de desenvolvimento integral do Homem e da sua intervenção e participação no (des)envolvimento social, económico e cultural da comunidade e, o desenvolvimento da capacidade de trabalho, numa atitude positiva face à educação e às necessidades de aperfeiçoamento e valorização pessoal e social (Silvestre, 2003).

Deste modo, estes campos, através das actividades que realiza, promovem a educação para os valores e cidadania contribuindo para o desenvolvimento pessoal e social dos seus participantes num ambiente de abertura e disponibilidade para o serviço da e à comunidade; de coerência e integração de valores e motivações fomentando a autonomia, a participação, a auto-confiança, o respeito pelo outro e o espírito crítico; a responsabilidade perante nós e os outros, a consciência dos deveres e dos direitos; o impulso para a solidariedade e para a participação; o sentido de comunidade e de partilha; a insatisfação perante aquilo que é injusto ou está mal; a vontade de aperfeiçoar, servir, realizar; a inovação, audácia, risco; o pensamento que age e acção que se pensa.

2. ANIMADOR SÓCIO-CULTURAL

O desenvolvimento da ASC levou à necessidade de se procurar uma definição para todos aqueles que desempenham o papel de animador. Ao longo dos anos vários foram os autores, como Besnard (1991), Quintana (1993), Ander Egg (2000), Ventosa (1993) que têm vindo a definir este profissional da animação.

Esta é uma tarefa complexa dado as transformações que o sector da animação e, conseqüentemente, o estatuto do animador, têm sofrido ao longo dos tempos. Para além dos vários contextos em que o animador pode exercer a sua actividade e, as diferentes funções e, tarefas que pode executar, Lopes (2007:9-10) enumera algumas das características que se alteraram entre as décadas de 70/80 e a partir da década de 90, como podemos ver na tabela seguinte:

Década de 70/80	A partir da década de 90
Formação eminentemente prática	Formação teórico-prática de nível secundário (Animador técnico-profissional) e de nível superior (Animador técnico superior)
É exigido ao animador possuir experiência no campo prático da animação	Chega-se a animador a partir de uma formação teórica oferecida pelo espaço educativo formal e, na maior parte das vezes, sem contemplar a prática da animação
Modelo de inspiração francófona	Modelo de inspiração ibérico
Profissão esmagadoramente masculina	Domínio feminino
Animador militante e polivalente	Perfil técnico de animador centrado num âmbito específico
Formação de curta e média duração	Formação centrada num percurso formativo de nível universitário

Tabela 1 - Características do animador nas décadas 70/80 e a partir da década de 90 (Baseado em Lopes, 2007)

Ander Egg (1999), seguidor do modelo ibérico, entende o animador como o *técnico que potencia os processos de emancipação e autonomização dos grupos, levando-os a criar as suas*

próprias respostas para os seus principais problemas, que desperta o seu potencial endógeno, promovendo o protagonismo dos actores (Costa, 2008:39).

No nosso país, a Agência Nacional para a Qualificação (ANQ) considera o animador o técnico que promove *o desenvolvimento sociocultural de grupos e comunidades, organizando, coordenando e /ou desenvolvendo actividades de animação (de carácter cultural, educativo, social, lúdico e recreativo)*¹⁰.

Tal como a Associação Nacional de Animadores Socioculturais (ANASC) que define este profissional como *aquele que, sendo possuidor de uma formação adequada, é capaz de elaborar e /ou executar um plano de intervenção, numa comunidade, instituição ou organismo, utilizando técnicas culturais, sociais, educativas, recreativas e lúdicas*¹¹.

Estas duas entidades comungam, assim, com a ideia de que o animador é um técnico que promove actividades de cariz cultural, social, educativo, recreativo e lúdico e, por isso ele é um mediador, um intermediário, um provocador, um gestor e um agente de ligação entre o objectivo e o grupo-alvo competindo-lhe criar movimento, vida e actividades devendo ser ele próprio vivo, activo, comunicador, encorajador, destemido, entusiasta e optimista (Luís, 2008).

Para um profissional ser competente (no plano pedagógico, técnico e gestão de grupos) deve obedecer a três condições (Luís, 2008):

- Domínio do saber – e conhecer as técnicas, teorias, instrumentos e metodologias da animação para o público-alvo que anima.
- Domínio do querer – de aprender, agir, animar, de não se acomodar, de não ter medo de mudança, de ser activo, de ser persistente e não se deixar desanimar.
- Domínio das ferramentas – recursos humanos, financeiros e materiais adequados às suas funções, público-alvo e objectivos.

¹⁰<http://www.catalogo.anq.gov.pt>.

¹¹ <http://anasc.no.sapo.pt>.

O animador pode ser um profissional remunerado (possuidor de qualificação profissional), semi-profissional (remunerado parcialmente) ou voluntário (presta os seus serviços sem remuneração podendo estar ou não qualificados para o exercício profissional que desempenham).

Ventosa (1993) estabelece diferentes tipos de animadores socioculturais tendo em conta o estatuto profissional que desempenham, distinguindo, assim: o animador natural ou espontâneo (é o líder do grupo, possui carisma e as relações fundamentam-se na espontaneidade e improvisação das suas acções, tratando-se, por isso, de um animador mais informal ou ocasional); o animador militante (membro de uma associação ou organização de carácter voluntário) e, o animador profissional (é um técnico de animação que desenvolve o seu trabalho a partir duma preparação e contrato profissional).

Também Luís (2008) distingue quatro tipos de animador: o animador profissional (formado e com diploma desempenha a função de animador); o animador eventual (não tem formação específica e, por isso, partilha a função de animação com outras pessoas); o animador voluntário (pode não ter uma responsabilidade na execução, mas presta ajuda) e, animador de passagem (normalmente são os estagiários ou pessoal temporário).

Porém, independentemente do estatuto que possui um bom animador tem de ter algumas qualidades que Luís (2008:26-27) enumera:

- Organizado: estar atento aos detalhes e simultaneamente ter a capacidade de planeamento.
- Disponível para o trabalho em grupo: discutir e exprimir as suas ideias, debater e escutar.
- Atento ao grupo: escutar activamente o que se diz verbalmente mas também o que transparece nas atitudes e comportamentos.
- Justo: ser imparcial.
- Compreensivo: promover a compreensão e a empatia não fazendo juízos de valor.
- Confiante: respeitar as necessidades e preferências de cada um.

- Atento e disponível: no desenrolar das actividades sem ser omnipresente.
- Responsável: guiar o grupo para atingir os seus objectivos com audácia e perseverança
- Bom observador: ver com clareza o que se passa ao nível da vida profunda do grupo e, evitar a formação de subgrupos.
- Paciente e socorrista: ajudar os membros em dificuldades, dar conselhos, encorajar o grupo.
- Mediador: não exigir mais do que aquilo que o grupo é capaz de fazer, mas ajudá-lo a progredir.
- Devoto, interessado: estar centrado sobre as pessoas de um grupo mas também sobre as isoladas.
- Dinâmico e entusiasta: ter sentido de humor, criar um bom ambiente de trabalho.
- Ter uma personalidade afirmativa: tomar decisões quando necessário, ter autoridade sem ser autoritário.

O animador é, então, um profissional que ganha cada vez mais importância na nossa sociedade. Este é um Educador (o processo educativo é entendido como um instrumento para a mudança e o desenvolvimento pessoal e social. Pretende modificar atitudes e estimular para a acção); um Agente de mudança social (o animador é um técnico em contacto com a realidade social, um dinamizador do seu meio e um especialista no funcionamento dos grupos fomentando, por isso, atitudes comunitárias tendo em conta os valores, a forma de pensar); um Relacionador (que estimula e suscita as relações e estabelece uma comunicação positiva entre as pessoas, grupos ou comunidades); um Mediador social (a mediação como metodologia de intervenção tem os seus pilares na comunicação e nas diferenças sociais permitindo uma melhoria pessoal) e, um Dinamizador Intercultural (promove a igualdade de oportunidades, o entendimento e compreensão entre os membros do grupo) (Pérez, 2005).

Desta forma, a sua intervenção *revela-se muito útil para humanizar as relações, pois as chamadas sociedades desenvolvidas mostram-nos a frieza das relações: homens e mulheres que vivem, mas que não convivem, homens que acotovelam, mas que não se olham (...). Acreditamos que a função do Animador, no futuro, será marcada por uma intervenção centrada em capacidades que se ligam ao acto de animar, mas que não se esgota no mesmo* (Lopes, 2007:11).

2.1. O ANIMADOR E A FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS E JOVENS

Segundo Costa (2007) o trabalho do animador relativamente aos grupos juvenis tem especificidades pelas diversas formas que os grupos podem assumir: grupos de amigos, associações juvenis e de estudantes, grupos informais de intervenção local ou associados a movimentos ligados à igreja entre outros.

Jardim (2002, cit Costa, 2008) descreve-nos um animador de um grupo juvenil como alguém que tenta antecipar os erros dos sujeitos; que é capaz de escutar e de respeitar o ritmo de trabalho de cada um; sabe equilibrar e gerir processos, que por vezes são emocionalmente desgastantes e dolorosos; que tendo em conta a individualidade de cada membro do grupo direcciona os seus esforços para as motivações, problemas e desafios dos mesmos, à medida que promove o desenvolvimento do grupo através das dinâmicas e técnicas que o possibilitam e que assume com o grupo uma relação educativa. Esta caracteriza-se pela vontade mútua de comunicar e partilhar ideias e na transmissão, sem imposição, de valores e cultura.

Deste modo, acreditamos que o papel do animador é fundamental para o desenvolvimento e crescimento de um grupo juvenil. Através da partilha de ideias e experiências, da transmissão de valores, da apresentação de problemas para que em conjunto cheguem a uma solução, proporciona aos jovens, em conjunto, aprenderem e apreenderem os valores da cidadania.

Assim, pelas vivências da vida em grupo os jovens aprendem a viver juntos (desenvolvimento da compreensão do outro e a percepção das interdependências, a aprendizagem da gestão de conflitos, o respeito pelo pluralismo, a promoção da paz) e aprendem a ser (desenvolvimento da autonomia e da responsabilização pessoal, pelo que é essencial valorizar as

potencialidades de cada indivíduo, nomeadamente: a memória, o raciocínio, o sentido estético, as capacidades físicas, as aptidões para comunicar e criar).

Sendo estes, dois dos quatro pilares da educação definidos pela UNESCO acreditamos que o animador sem impor a suas ideias deve apoiar e incentivar os seus membros de modo a que caminhem para uma participação activa e real na comunidade em que estão inseridos, tendo a ASC um papel fundamental em todo este processo dado, que como afirma Alvarez (2008:190) se *falamos de ASC para jovens, devem ser eles os próprios a trabalharem com os jovens, para que aprendam juntos e cresçam como pessoas conhecedoras da realidade, com uma visão crítica da mesma e sobretudo sentindo-se capazes de serem os mentores da mudança social.*

Assim, ao animador, colocam-se desafios complexos, essencialmente, a sua capacidade de escutar e criticar. No que respeita à promoção da participação colectiva gerir o imprevisto exige do animador o desenvolvimento de uma acção espontânea. Neste sentido, ele poderá ser encarado como *um criador e um cauteloso provocador de vontades que tenta gerir com calma os conflitos emergentes das relações interpessoais, que respeita a opinião dos outros, que é capaz de adequar ao contexto e que põe em prática os valores em que acredita. Ele poderia ser entendido e considerar-se como mais um recurso a usar na busca de soluções* (Costa, 2004:35).

3. PARTICIPAÇÃO INFANTIL E JUVENIL

Etimologicamente o vocábulo *participação* remete-nos para uma acção da qual se faz parte e, enquanto conceito diz respeito à possibilidade na tomada de decisão por parte do indivíduo que se põe em acção para alcançar determinado objectivo (Pereira, 2008). Neste sentido, podemos dizer que *a participação é um acto consciente com múltiplas facetas, mas que assentam todas numa mesma premissa essencial, a liberdade de decisão* (Costa, 2008:55).

Poderemos dizer que no campo da ASC, a participação diz respeito à participação social ou comunitária, ou seja, é *uma participação que envolve o sentido grupal ou o sentido colectivo de comunidade, na qual participa necessariamente a consciencialização individual*. Neste sentido a participação deve ser entendida como *um direito de cidadania que implica estar informado, opinar, intervir na vida política e social da comunidade (...) orientada para um objectivo concreto (...) organizada e intencional, pois, não se trata de uma manifestação humana espontânea, mas antes de uma acção social coordenada e organizada* (Lopes, 2006:431).

Para o desenvolvimento deste estudo importa dar atenção à participação infantil e juvenil para a qual Roger Hart (1992) deu um grande contributo com a sua *Escada de Participação Juvenil*.

3.1. TIPOLOGIAS DE PARTICIPAÇÃO

Em Tomás (2006) encontramos a ideia de que a participação é um meio de aprendizagem que reforça os valores democráticos. Esta ideia, é partilhada por Lopes (2006:427) na medida em que *participar é ter presentes as necessidades humanas, é pensar o homem na sua dimensão social, é procurar relacionar-se e partilhar com os outros, é assumir-se homem cidadão que pensa, que age, que opina, que intervêm e que confere à democracia formal um conteúdo social*.

Ao longo dos anos foram surgindo teorias sobre a participação, uma das mais utilizadas quando se trata da participação de crianças e jovens é a *Escada de Participação Juvenil* de Roger Hart.(1992).

Para este autor em nenhuma sociedade a participação infantil e juvenil é plena sob o ponto de vista da participação democrática. Neste sentido, a promoção da participação passa por *dar flexibilidade às crianças e aos jovens para que estes desenvolvam a sua identidade e promovam actividades de acordo com as suas próprias culturas, bem como a constituição de grupos democráticos* (Pereira, 2008:18).

Influenciado por Sherry Arnstein ¹²(2002) Hart propõe, deste modo, uma escada com oito degraus que correspondem a diferentes etapas de participação.

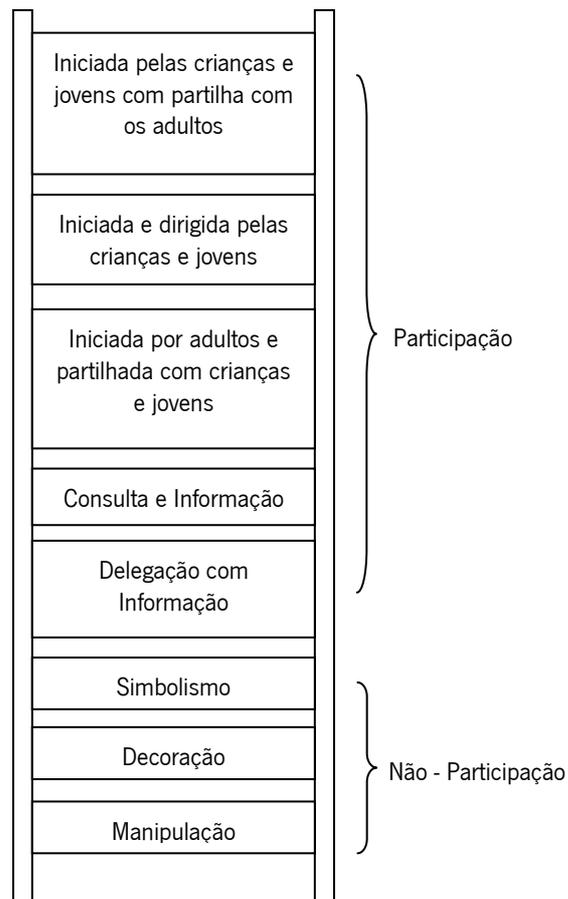


Ilustração 1 - Escada de Participação Juvenil de Hart (Baseado em Soares, 2006 e Costa, 2008)

¹² Arnstein propôs uma tipologia de oito níveis de participação. De modo a clarificá-los dispôs-os em forma de escada, correspondendo cada degrau a um nível de poder de decisão do indivíduo cidadão. Os dois primeiros degraus (Manipulação e Terapia) correspondem a etapas de não participação. Os três degraus seguintes (Informação, Consulta e Pacificação) correspondem a etapas de níveis de concessão mínima de poder e, os três seguintes (Parceria, Delegação de poder e Controlo do cidadão) a etapas de poder do cidadão (Tomás, 2006 e Costa (2008).

Assim, tal como o seu antecessor, Hart (1992) considera que há degraus de não-participação e degraus de participação.

Os três primeiros degraus (Manipulação, Decoração e Simbolismo) correspondem a degraus de não participação. Os cinco degraus seguintes (Delegação com informação, Consulta e Informação, Iniciada pelos adultos com partilha de decisões com as crianças e jovens, Iniciada e dirigida pelas crianças e jovens e Iniciada pelas crianças e jovens com partilha com os adultos) correspondem a degraus de participação.

A Manipulação caracteriza-se pela expressão consciente, por parte dos adultos, das suas mensagens e opiniões em nome das crianças e jovens sem que estes sejam consultados e informados. No degrau da Decoração as crianças e jovens são meras figuras decorativas e no degrau do Simbolismo (Tokenismo) as crianças e jovens continuam a ser usados, aparentemente parecem ter um papel no processo, mas este é apenas uma ilusão de participação.

Relativamente aos degraus de participação no quarto degrau – Delegação com informação – apesar das crianças e jovens delegarem noutros a sua participação estão informados e envolvidos no processo, como afirma Soares (2006:119) *acabando por ter um papel significativo apesar de não muito interventivo*. No degrau da Consulta e informação – apesar da iniciativa ser dirigido por adultos as crianças são consultadas e informadas. No sexto degrau – Iniciativa adulta com partilha de decisões com a criança – o adulto inicia o projecto mas as decisões são partilhadas com as crianças tendo as duas partes um papel activo no desenvolvimento do processo. No sétimo – Iniciativa iniciada e dirigida pelas crianças o projecto é iniciado e dirigido pelas crianças e jovens sem qualquer intervenção por parte dos adultos. O oitavo degrau – Iniciativa das crianças e jovens com partilha com os adultos –é o patamar mais alto da participação infantil e juvenil. Aqui a participação é exclusiva dos protagonistas (crianças e jovens) *que sentem a necessidade de trabalhar e partilhar com os adultos* (Pereira, 2008:18).

Assistimos, assim a uma evolução da implicação das crianças e jovens no processo de participação, porém Hart (1992) e Soares (2006) consideram que apesar disso *nos permitir compreender a intensidade da participação (...) não deve ser (...) considerada como um barómetro de qualidade de qualquer projecto, uma vez que não há crianças [e jovens] iguais e, por isso, é possível que diferentes crianças [e jovens], em diferentes momentos e em diferentes contextos,*

preferam desempenhar graus variados de participação ou envolvimento (Soares, 2006:120) sendo, por isso, o mais importante para Hart proporcionar às crianças e jovens a oportunidade de participar conforme a sua vontade.

Segundo Tomás (2006), tendo por base a teoria de Hart vários foram os autores que fizeram a (re)leitura da mesma emergindo daí críticas e novas teorias, como o modelo de participação infantil de Shier (2001)¹³ e a conceptualização de participação infantil de Trilla e Novelle (2001)¹⁴. Contudo é de salientar que as experiências levadas a cabo pela UNICEF têm por base o modelo de Hart.

3.2. OBSTÁCULOS E POTENCIALIDADES DA PARTICIPAÇÃO

Na nossa sociedade caracterizada, essencialmente, pela delegação de poderes até que ponto poderemos falar de participação?

Vivemos numa sociedade cada vez mais desigual, individualista e consumista na qual o objectivo principal é satisfazer as necessidades de cada um sem olhar para o lado. Verificamos, deste modo, que nem todos podem aceder às mesmas coisas. As desigualdades económicas e de acesso à educação, a idade, sexo ou raça, a centralidade social, cultural e educativa nas estruturas do Estado (Pereira, 2008) são alguns dos obstáculos à participação.

¹³ O modelo de participação de Shier contempla três graus de responsabilidade: Abertura (ocorre quando o indivíduo assume uma responsabilização ou mostra interesse em trabalhar de uma determinada maneira); Oportunidades (caracteriza o momento em que se questiona o tipo de estratégias a desenvolver, no sentido de implicar as crianças no processo) e Obrigações (decorre da consideração da participação das crianças como uma questão e exigência política) e considera cinco níveis crescentes de participação que vão desde as atitudes mais elementares como a capacidade do adulto ouvir as crianças, o apoio à expressão destas, a consideração das suas opiniões, o envolvimento na tomada de decisões e, finalmente, ao seu protagonismo na referida tomada de decisão (Soares, 2006).

¹⁴ Estes autores apresentam um modelo de participação infantil na qual são consideradas quatro possibilidades: a participação simples (caracterizada pelo acto de tomar parte num determinado processo como espectador, sem intervir na sua preparação); a participação consultiva (pressupõe uma atitude de escuta das crianças sobre os assuntos que lhes dizem respeito directa ou indirectamente); participação projectiva (pressupõe que as crianças sintam que o projecto é seu, participando em todos os momentos) e, metaparticipação (as crianças pedem, exigem, constroem novos espaços e mecanismos de participação) (Soares, 2006).

É, por isso uma sociedade marcada pela ideologia da delegação e, ao mesmo tempo que assistimos a uma responsabilização de quem elegemos para tomar decisões observamos um comportamento de desinteresse e de apatia por quem elege.

Em Claves (1994) encontramos algumas das razões para esta realidade sendo elas a crise de valores que se caracteriza pelo desaparecimento de doutrinas, ideologias e paradigmas que explicam o mundo; a perda de identidade de grupos e sectores; a degradação ou destruição de valores culturais, sociais e tradições; os valores, atitudes e hábitos dominantes da maioria da população não favorecem a participação social; aos partidos políticos não interessa que as pessoas se organizem e que os movimentos sociais sejam fortes e, para finalizar a maioria das propostas à participação social não interessam à população.

Para combater esta realidade tem-se vindo a apelar à participação dos cidadãos de modo a combater o isolamento dos indivíduos, influenciados pelos meios de comunicação que produzem uma uniformização e massificação que conduz, muitas vezes, à solidão e ao isolamento em vez de reconhecer os valores pessoais, a sua diversidade e o respeito pela diferença (Claves, 1994). Por isso, esta é uma tarefa complexa que exige trabalho e esforço e, que implica uma mudança no modo de pensar e agir na sociedade

A participação como exercício de cidadania favorece o aparecimento de atitudes e comportamentos mais activos. Isto é, participar implica a tomada de consciência daquilo que nos rodeia e a conseqüente busca da melhor forma de a encarar ou de a resolver. Indivíduos participativos são, desta forma, indivíduos que têm consciência do seu papel na sociedade e que assumem as responsabilidades que daí advêm. Neste sentido, a participação promove o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos, que se traduz na *melhoria da comunicação, da produtividade, da motivação, da qualidade de vida, do compromisso e da satisfação no trabalho, bem como, ainda, causa de redução da monotonia, da ociosidade e de atritos* (Pereira, 2008:19).

4. O ASSOCIATIVISMO

4.1. O ASSOCIATIVISMO JUVENIL COMO PRÁTICA DE PARTICIPAÇÃO

O associativismo constitui-se como fenómeno social desde o século XIX, apesar da associação humana ser tão antiga quanto a Humanidade. Garcia (1999) afirma que a perspectiva do desenvolvimento social a partir do associativismo sempre existiu, ela esteve sempre, no entanto, subconsiderada em relação ao Estado e à importância das actividades empresariais.

A importância do associativismo estava, então, no campo das acções recreativas e das iniciativas pontuais a nível da solidariedade social mas, com a crise económica e social do final da década de 70, caracterizada pela crescente globalização económica, pela crise dos Estados Providencia e das transformações ocorridas nas políticas de trabalho e de protecção social (Quintão, 2004) ganha novo significado e, as associações ou organizações sem fins lucrativos encontram o seu lugar na sociedade.

O Associativismo, insere-se, assim, no que se rotula por terceiro sector¹⁵ e que designa a prática social da criação e gestão das associações, entendidas como organizações autónomas e providas de órgãos de gestão (Assembleia Geral; Direcção e Conselho Fiscal) e, também a apologia ou defesa dessa prática de associação que se exprime por um processo não lucrativo e no qual as pessoas se reúnem, frequentemente em regime de voluntariado, para alcançar objectivos comuns. Existem dois tipos de associações: as que actuam como grupos de influência social, introduzindo valores e reclamando espaços de cidadania e as associações que se constituem para oferecer serviços (Tschorne, 1990). As primeiras, formadas por voluntários têm como função a consciencialização social e colectiva e, fundamentalmente, constituir-se como canal para a participação.

Segundo Fernandes (2003) esta participação pode ser: participação de facto (está inerente aos grupos dos quais fazemos parte desde que nascemos como é o caso da família e da

¹⁵ Este termo tem tido uma crescente utilização desde o fim da década de 90 e, genericamente designa um conjunto de organizações muito diversificadas entre si, que representam formas de organização de actividades de produção e distribuição de bens e prestação de serviços, distintas dos (...) poderes públicos e as empresas privadas com fins lucrativos (Quintão, 2004).

religião, por exemplo); organizada ou voluntária (caracteriza-se por ser uma participação consciente e especializada cujas actividades são determinadas para alcançar fins, ritos e costumes formalizados nas regras e estatutos associando-se a grupos mais ou menos estruturados); espontânea (típica dos pequenos grupos informais caracteriza-se pela procura em satisfazer as necessidades psicológicas dos participantes); suscitada ou provocada (por acção de animadores exteriores e não iniciativa da própria associação) e, imposta (participação forçada sendo considerada fundamental para o funcionamento e sobrevivência da associação).

Mas, na sociedade contemporânea, caracterizada cada vez mais pelo individualismo onde se adopta o lema “salve-se quem poder” e, na qual cada um busca o seu bem-estar sem olhar para o outro, levanta-se a questão: Porquê associar-se? (Claves, 1994). Esta é uma realidade que parece não estar na moda, uma vez que a sociedade civil está constantemente a ser chamada a intervir, a participar, mas grande parte das pessoas vivem apáticas refugiando-se no seu mundo privado como se se quisessem exilar da realidade que intimida e da qual não se sentem protagonistas.

Apesar dos vários factores ou causas que influenciam, hoje em dia, os baixos níveis de participação, segundo Claves (1994) ao longo da História foram os movimentos sociais, os fenómenos de mobilização e a organização de grupos ou sectores sociais que fizeram frente à opressão e à injustiça apresentando-se como motor das transformações sociais.

Esta ideia é apoiada por Ambrósio (2001) que entende o associativismo como um factor fundamental para a construção da identidade sendo um lugar de reflexão e de análise que não se caracteriza apenas pela reivindicação dos direitos e deveres mas, essencialmente, pela responsabilidade social. Um dos exemplos é o seu papel preponderante no desenvolvimento local, chegando-se ao ponto em que não se consegue dissociá-lo das Iniciativas e das Associações de Desenvolvimento Local.

O movimento associativo é, deste modo, uma realidade que não pode ser ignorada uma vez que *as associações servem, precisamente, para organizar (...) a participação dos jovens na decisão e na construção da sociedade do futuro.* (Ambrósio, 2001:56).

Em Portugal, o associativismo juvenil é uma realidade sociológica, jurídica, com cerca de 20 anos, resultando da vontade e participação de milhares de jovens em associações. Existem três

expressões de associativismo juvenil (nacional, local e estudantil) com estruturas, actividades e públicos diferentes.

Estas ocupam, cada vez mais, um espaço de relevo na ocupação dos tempos livres dos jovens constituindo-se, deste modo, num espaço de *construção de sociabilidades e identidades de juventude* (Federação Nacional de Associações Juvenis – FNAJ).

Contudo, num estudo desenvolvido por Ferreira e Silva (2005: 8) chega-se à conclusão que *apenas um em quatro jovens admite ter pelo menos uma filiação associativa*, tendo a incidência de concentração no sector desportivo com 26,7%, seguida das associações de estudantes (4,9%), culturais ou artísticas (4,8%), de natureza religiosa ou paroquial (4,2%), de juventude (2,8%) e de natureza política, nomeadamente partidária (2,3%).

Concluem, ainda que o nível de instrução, género, situação conjugal e classe social são as variáveis que diferenciam os associados dos não associados. Deste modo, para Ferreira e Silva (2005:9) *o universo associativo juvenil é caracterizado pelo seguinte perfil de variáveis: ensino médio e superior, solteiro, masculino, estudante, muito religioso ou religioso¹⁶ e nova burguesia assalariada e burguesia*.

No que respeita ao exercício de funções de liderança os autores afirmam que quase um terço dos jovens associados assume esta função sugerindo, deste modo, que a *acção dos jovens não é passiva nem dependente adivinhando-se um protagonismo dinâmico na condução das associações de que fazem parte* (Ferreira e Silva, 2005:18).

As razões para a participação ficam a dever-se, em primeiro lugar ao desejo de socializar e conviver. Depois, à possibilidade de desenvolver competências pessoais e a motivações altruístas ou que visam a mudança social, pois *para a maior parte dos associados, as associações proporcionam oportunidades de convivência e de conhecimento de pessoas, formas de ajudar os outros e experiências novas* (Ferreira e Silva, 2005:20). Já as razões para a não-participação são explicadas pela falta de tempo, pela falta de interesse que as actividades associativas despertam,

¹⁶ Segundo os autores a variável da religião não está relacionada com o sentimento de pertença, mas sim pela intensidade religiosa (os católicos não participantes estão associados à dimensão da não participação enquanto os católicos participantes à da participação).

pela ausência de estruturas associativas e pela falta de equipamentos e estruturas colectivas que condicionam ou inibem o envolvimento associativo (Ferreira e Silva, 2005, Magalhães e Moral, 2008).

Apesar destes dados, num estudo levado a cabo pelo Centro de Sondagens e Estudos de Opinião da Universidade Católica Portuguesa chega-se à conclusão que a participação social no nosso país é um fenómeno tendencialmente juvenilizado (Magalhães e Moral, 2008, 37).

4.2. O PAPEL DO ASSOCIATIVISMO JUVENIL NA FORMAÇÃO DOS JOVENS

A Federação Nacional de Associações Juvenis¹⁷ (FNAJ) considera o associativismo juvenil como um factor essencial para o desenvolvimento pessoal e social dos individuos. As associações juvenis são escolas de cidadania, espaços de participação, de trabalho em equipa, de aprendizagem continua contribuindo para a melhoria da qualidade de vida e defendendo os interesses dos jovens. Estas trabalham para alcançar fins sociais como a defesa do meio ambiente, dos direitos humanos, a inserção dos jovens na comunidade, a prevenção da marginalidade, a promoção da cultura, o desporto e a educação ao mesmo tempo que promovem valores como a justiça, a solidariedade, a entrega, a responsabilidade, a cooperação e a consciência social.

As associações juvenis desenvolvem o seu trabalho no sector da educação não-formal. E, como já vimos anteriormente, este é um sector privilegiado para as vivências e as aprendizagens que se fazem a partir do real, da experiência prática. Por isso, concordamos com Fernandes (2005:4) quando fala do *potencial de laboratório de cidadania das associações juvenis*.

Estas são, pelas actividades que proporcionam, excelentes espaços onde se pode viver e aprender cidadania, onde cada um é chamado a participar na resolução dos problemas e a contribuir para o desenvolvimento e melhoria da comunidade em que está inserido e, conseqüentemente, a ter uma voz activa e reivindicativa nas decisões que são tomadas.

¹⁷ <http://www.fnaj.com/associativismo.aspx>.

Ao mesmo tempo vão adquirindo competências que são fundamentais em vários contextos da vida e que passam pelo relacionamento e comunicação interpessoal, pela liderança e o planeamento, pelo trabalho em equipa e a consciencialização intercultural, pela gestão e resolução de conflitos, pelas competências linguísticas e pelo fomento de debates que associados à participação potenciam *o desenvolvimento de qualidades como compromisso, envolvimento, responsabilidade, solidariedade, consciência democrática, motivação, participação, iniciativa, respeito pelos/as outros/as, tolerância e auto-estima* (Fernandes, 2005:2).

Neste sentido, o associativismo juvenil é um estímulo à participação dos jovens que têm nas associações juvenis a oportunidade de aprofundar relações, conhecimentos, vivências e experiências *contribuindo, assim, de forma comum e plural numa dimensão sócio-cultural e sócio-educativa, para a progressiva melhoria da sociedade (...) e um pilar fundamental para o aprofundamento da democracia, não só pela partilha de valores, como pelas características positivas do saber-fazer, do espírito crítico e da capacidade de comunicação adquirida* (Ambrósio, 2001:18).

4.2.1. O EXEMPLO DO VOLUNTARIADO JUVENIL

Por voluntariado entende-se o conjunto de acções de interesse social e comunitário, realizadas de forma desinteressada por pessoas, no âmbito de projectos, programas e outras formas de intervenção ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade, desenvolvidos sem fins lucrativos por entidades públicas ou privadas (art. 2.º da Lei n.º 71/98, de 3 de Novembro)¹⁸.

Falar de voluntariado é falar de participação social, de pessoas, entidades e grupos sociais. Este é um movimento emergente que surge na sociedade como alternativa colectiva de participação, sendo o sector social do voluntariado, o sector mais tradicional e, que ganha cada vez mais espaço dado, as características da sociedade actual, onde se assiste, por um lado ao desaparecimento dos grupos primários, como a família, o grupo de vizinhos e amigos e, por outro à

¹⁸ Bases do enquadramento jurídico do voluntariado.

generalização urbana que se caracteriza pela *pouca ou quase nenhuma oportunidade espacial para a convivência, pois da forma pelo qual são constituídas e renovadas, o vazio que fica entre o amontoado de coisas é insuficiente para permitir o exercício mais efectivo das relações sociais produtivas em termos humanos* (Marcelino, 1995:59).

Neste sentido, o voluntariado resulta, essencialmente, dum processo histórico que passa pela consciencialização ou conceptualização de determinadas práticas, de comportamentos e atitudes sentidas e levadas a cabo ao longo dos anos e, que nos nossos dias, têm como objectivo contribuir para o bem-estar dos outros através da promoção de actividades para as várias faixas etárias e sectores da população. Tendo um papel fundamental na ajuda aos mais necessitados (física e psicologicamente) e na conservação do ambiente (Lopes, 2006).

É, acima de tudo, uma realização pessoal na medida em que é o indivíduo que de forma livre, desinteressada e responsável se compromete, de acordo com as suas aptidões próprias e no seu tempo livre, a realizar acções de voluntariado (art. 3.º da Lei n.º 71/98, de 3 de Novembro). É alguém que deseja participar na vida da comunidade tendo apenas como recompensa o sentimento de missão cumprida. Este preocupa-se e dedica-se a ajudar os outros por iniciativa própria e sem benefícios financeiros ou compensações sendo o gosto de ajudar e conhecer novas pessoas e lugares, criar amizades e satisfazer a necessidade de contribuir para fazer a diferença no meio que está inserido as motivações que os levam a ser voluntários.

Em 2000 a UNESCO aprovou uma nova concepção de voluntariado juvenil na qual é reconhecida a importância do voluntariado como um meio de promoção da participação dos jovens e a sua implicação em sectores chave da comunidade, como por exemplo a educação de base, o património cultural e a salvaguarda do meio ambiente (Voluntur, cit Lopes, 2006).

Na Declaração Universal sobre o Voluntariado, aprovado no Congresso Mundial da International Association for Volunteer Effort (IAVE) em Paris, 1990 proclama-se

A fé na acção voluntária como força criativa e mediadora para respeitar a dignidade de todos, reconhecer a capacidade de cada um para viver a própria vida e para exercer o direito de cidadã; para contribuir para a resolução dos problemas sociais e do meio ambiente; para construir uma sociedade mais humana e mais justa, favorecendo, igualmente, uma cooperação mundial (Armengol, 2004:281).

É por isso um meio por excelência para o protagonismo juvenil, entendida por Costa (2008:64-65) como um *processo, uma conquista de todos os dias feita gradualmente e que, pelo menos teoricamente, pode ser praticado por todos os jovens. As experiências de participação e de protagonismo de adolescentes e de jovens podem vir a reflectir-se na vida dos jovens adultos de maneira positiva.*

Deste modo, ser voluntário vai contribuir para que cada um tome consciência do seu lugar na sociedade, do seu papel activo na construção de um mundo melhor, mais humano, mais atento, mais solidário, pois como nos diz Lopes (2006:437)

Ser voluntário é tornar o mundo mais humano; imbuir o humano de humanismo solidário; sensibilizar os poderosos e o mundo da política para a necessidade dos orçamentos governamentais se preocuparem mais com a resolução do problema da fome no mundo, com a saúde, com a educação e menos com as armas e as guerras entre os homens; é ainda procurar a união dos homens, mobilizando-os para projectos em torno de valores humanitários; rejeitar a desumanidade resultante do domínio sobre o homem.

5. OS CAMPOS DE FÉRIAS INACIANOS

5.1. MOVIMENTOS INACIANOS¹⁹

No contexto da pastoral juvenil desenvolvida pelos jesuítas em Portugal encontra-se como uma das principais actividades os *Campos de Férias Inacianos*. Estes têm como finalidade intensificar, nos âmbitos da intervenção da Companhia de Jesus (colégios, paróquias e movimentos juvenis) a dimensão pastoral, vocacional e social.

Existem três movimentos juvenis apostolicamente ligados à Companhia de Jesus, seguidores da mesma pedagogia (Pedagogia Inaciana) e que partilham os mesmos princípios orientadores, sendo eles:

- **Camtil** (Campos de Tempo Livre) – associação de tempos livres sendo os seus destinatários os sócios do movimento com idades compreendidas entre os 8 e os 30 anos. A participação destes nos campos está condicionada pela inscrição no escalão de acordo com a idade²⁰ e pelas vagas existentes.
- **CAMPINÁCIOS** (Movimento Inaciano de Acampamentos dos Colégios da Província Portuguesa da Companhia de Jesus) – este movimento está integrado na vida pastoral dos colégios da Companhia de Jesus e por isso os seus destinatários são todos os seus alunos com idades compreendidas entre os 10 e os 17/18 anos. Tal como no movimento anterior a participação nos acampamentos está condicionada pela pré-inscrição no escalão etário e pelo processo de selecção que será explicado mais à frente.
- **GAMBOZINOS** – este movimento organiza campos de férias para crianças e adolescentes oriundos de contextos socialmente desfavorecidos. Os seus participantes são divididos em três grupos (11 a 12 anos, 13 a 14 anos e 15 a 16 anos) e ao contrário dos outros dois

¹⁹ Apesar deste estudo incidir apenas num dos movimentos juvenis, os Campinácios, neste ponto será feita, para melhor compreensão uma breve referência aos outros dois movimentos (Camtil e Gambozinos).

²⁰ Os campos de férias organizados pelo CAMTIL dividem-se em escalões etários com as seguintes denominações: Mosquitos (dos 8 aos 10 anos), Aranhaços (11 a 13 anos), Melgas (14 a 15 anos), Tremelgas (16 a 17 anos), Camaleões (17 a 18 anos) e Trolhas (a partir dos 19 anos) (Almeida, 2004).

movimentos, os campos que organiza, habitualmente, denominam-se, pelo nome do movimento (Gambozinos).

5.2. PEDAGOGIA INACIANA – A METODOLOGIA INSPIRADORA

A educação não se limita, ou não se deveria limitar, à transmissão de conhecimentos e de cultura. Uma verdadeira educação deve ter como finalidade principal o desenvolvimento completo do ser humano. Esta sempre foi uma das preocupações de Santo Inácio de Loyola²¹, fundador da Companhia de Jesus, em relação à formação dos jesuítas, mesmo antes da Companhia se dedicar ao ensino nos colégios e, por isso, a Pedagogia Inaciana, fonte de inspiração de toda acção da Companhia de Jesus, está em esboço nos Exercícios Espirituais²² e nas experiências pessoais do seu fundador, sendo fruto de um tempo e das pessoas que o precederam deixando marcas na História da educação.

Deste modo, Santo Inácio é considerado um continuador, um inovador e um influenciador na pedagogia posterior.

Um continuador no que respeita à centralidade no aluno e no sentido da formação integral do homem (Quintão); na partilha da visão do mestre como um homem cheio de virtudes intelectuais, morais e de sabedorias (Erasmus); no pensamento pedagógico apoiado no respeito incondicional da criança; na partilha de princípios como a religiosidade, compromisso pela renovação da cultura e a harmonia entre o classicismo e o cristianismo e, o sentido da

²¹ Inácio de Loyola foi um jovem dado às vaidades do mundo que se deleitava no exercício das armas com um grande e vão desejo de honra, até o dia em que é ferido em combate e fica entre a vida e a morte. A sua convalescença é longa e, durante esse tempo dedica-se à leitura. É a partir deste momento que se assiste à sua transformação. Os livros que tinha à sua disposição eram sobre a Vida de Cristo e o livro de vidas de santos, livros que o fizeram pensar e tomar um novo rumo de vida (Coelho, 2005). Após a convalescença viaja por algumas terras onde faz penitência, estuda e dá exercícios espirituais até que decide ir para a Universidade de Paris onde conhece os seus companheiros de luta e a quem dá exercícios e com os quais vai fundar a Companhia de Jesus reconhecida oficialmente em 1540, pelo Papa Paulo III através da Bula "Regimini Militantis Ecclesiae" (<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/jesuítas>).

²² Os Exercícios Espirituais foram escritos por Santo Inácio de Loyola baseados nos apontamentos que este tirava das suas reflexões e meditações e são um ponto de referência das actividades desenvolvidas pela Companhia de Jesus. Assim, da mesma maneira que passear, caminhar e correr são exercícios corporais, todo o modo de examinar a consciência, de meditar, de contemplar, de orar vocal e mentalmente de maneira a preparar e dispor a alma, para tirar de si todas as afeições desordenadas, e, depois de tiradas buscar e achar a vontade divina, na disposição de sua vida, para a salvação da alma, chamam-se Exercícios Espirituais. (Gomes, 1996).

responsabilidade do mestre que deveria ser alguém bem formado que soubesse adaptar-se ao nível de cada aluno (Lopes, 2003).

Um inovador na medida em que o fundamento da pedagogia é baseada na sua vida, experiência humana, espiritual, mística e universitária. Santo Inácio não se ficou apenas por dizer como se faz ele vivenciou o caminho que pretendia para os seus alunos (Lopes, 2003).

E um influenciador na pedagogia posterior dado que encontramos vestígios desta pedagogia em Enriço Pestalozzi (XVIII/XIX) apologista de uma pedagogia sustentada na educação integral do homem colocando, por isso, toda a força da sua pedagogia no amor, dedicação, bondade, caridade universal e compreensão (dignidade do aluno/educar é amar), unia a educação moral, intelectual e profissional como meios para a formação espiritual do homem; em Fobel, pedagogo alemão cujo o pensamento pedagógica se desenvolve no Panenteísmo (tudo vem de Deus e tudo é condicionado por Ele) considerando, deste modo como fim da educação a harmonia da natureza com Deus e no Movimento da Escola Nova – este movimento tem como objectivo a participação activa do aluno no seu processo de educação, a primazia deve ser dada ao aluno e não aos programas a ensinar, pois o importante para este movimento é educar o aluno através da vida para a vida fazendo com que este seja o actor da sua educação (Modus Pariensis) (Lopes, 2003).

A Pedagogia Inaciana não se reduz a uma pedagogia espiritual, esta é, uma pedagogia do desejo, na medida em que busca um ideal de auto-superação e de *magis*²³; uma pedagogia de praxis, que procura o diálogo entre a fé, verdade e justiça na perspectiva de uma pedagogia crítica e, uma pedagogia da acção que deseja transformar, reestruturar e apostar na radicalidade do bem (Lopes, 2003).

Tratando-se duma pedagogia que se baseia na doutrina da educação do desejo, estudo, trabalho escolar, dever e disciplina, espera-se criar um novo tipo de pessoa livre, que seja capaz de pensar e escolher, por si próprio, segundo os valores do Evangelho, sem se deixar influenciar por “modismos” impostos socialmente. Neste sentido, esta pedagogia é auto-educativa, tendo o educador a responsabilidade de ajudar e ensinar o aluno em diálogo, de modo a que este se auto-

²³ Característico da Espiritualidade Inaciana que se baseia na capacidade de cada um fazer sobressair o que de melhor tem em si.

responsabilize pela sua educação, adoptando hábitos espirituais, mentais e desejos adequados ao seu crescimento como pessoa, cristão e homem (Lopes, 2003).

Assim, a longo prazo, pretende-se louvar a Deus, na medida em que a maior glória de Deus ganha sentido com o constante aperfeiçoamento do Homem, isto é, a Sua obra; a médio prazo deseja-se a formação do homem cristão, dado que a educação Inaciana não separa os aspectos religiosos, caracterológico e intelectual e, a breve prazo, *in minimus maximus*, isto é, fazer sempre o melhor em todas as situações (Lopes, 2002).

Como já foi referido o objectivo essencial da Companhia de Jesus é o desenvolvimento global e integral da pessoa que conduz a uma acção inspirada pelo espírito. Deste modo, pretende-se formar homens e mulheres que se colocam ao serviço dos outros para transformar a sociedade num espaço de igualdade e de justiça, segundo o modelo cristão de vida.

Este objectivo não se fica apenas pela pedagogia assumida na educação formal nos colégios, a Pedagogia Inaciana está presente, também, nas actividades de carácter extra-curricular que, nos nossos dias ganham cada vez mais importância no desenvolvimento integral do homem.

Com o nome de actividades circum-escolares designamos não apenas as tradicionais distrações destinadas a interromper os estudos e refazer as energias, mas também o variado complexo de iniciativas extra-curriculares, culturais, físicas e recreativas, que hoje têm por fim ocupar os tempos livres dos estudos, completar a cultura fora dos esquemas escolares, favorecer o desenvolvimento físico e as relações humanas (...) hoje, não basta ensinar a trabalhar, há que elucidar o homem de amanhã sobre o que pode fazer, quando não tem nada para fazer (Secretariado dos Colégios SJ para a Assistência da Itália, 1963:158).

A Pedagogia Inaciana é a fonte inspiradora na projecção, organização e realização dos *Campos de Férias Inacianos*. Estes são considerados como *um laboratório de e para a vida* porque, apesar deste se desenvolver num contexto um pouco artificial comparado com o quotidiano dos participantes *é inegável e evidente que um campo de férias se torna numa escola e lugar onde todos podem viver com verdade os valores da amizade, da autenticidade e do amor*. E, tendo como referência os dez dias de campo torna-se possível que participantes e animadores assumam um compromisso de serviço ao movimento ou à Igreja ao longo do ano e, no mesmo sentido, que as pequenas transformações que ocorrem ao longo do campo se tornem *em instrumentos de abertura*

e relação com a dimensão do Mistério que todo o ser humano tem dentro de si (Almeida, 2004:114).

Tomando em consideração os pontos atrás referidos conseguimos averiguar que o que se pretende com um *Campo de Férias Inaciano* está intimamente relacionada com a metodologia Inaciana que comporta cinco degraus: contexto, experiência, reflexão, acção e avaliação.

O contexto diz respeito aos vários âmbitos em que os educandos estão inseridos (família, amigos, realidade social, económica, cultural e política) e onde se desenvolve a aprendizagem sendo influenciados no que diz respeito à sua educação e ao seu modo de ser. Assim, no Paradigma Pedagógico Inaciano os educadores e toda a comunidade educativa empenhados na formação dos educandos têm ou devem ter em conta os seus contextos de vida.

A experiência humana é a primeira etapa no crescimento humano. Para Santo Inácio de Loyola a experiência inaciana implica *o homem todo*, isto é *mente, coração e vontade* e, por isso no Paradigma Inaciano os desejos são fundamentais na medida em que permitem ao educando progredir.

A reflexão consiste no processo pelo qual a experiência ganha sentido. Esta justifica-se pela compreensão das sensações experimentadas e o *aprofundamento das implicações que os conteúdos compreendidos têm no processo de discernimento pessoal acerca dos acontecimentos, das ideias e da verdade* (Almeida, 2004:54).

Deste modo, no Paradigma Pedagógico Inaciano, a reflexão é o processo pelo qual vem ao de cima o significado da experiência quando se compreende o que se está a estudar; se descobre as origens das sensações ou reacções do que se está a experimentar; se compreende as implicações do que se aprende por si mesmo e com a ajuda dos outros; se formam convicções pessoais sobre factos, ideias, verdades e temas semelhantes; se chega à compreensão do que sou e do que deveria ser em relação aos outros.

A acção consiste no assumir mudanças de atitudes que se transformarão em mudanças de comportamento, a partir do momento em que um hábito ou valor passa a ser ponto de referência nas decisões tomadas pelo educando. Neste paradigma *a acção refere-se ao crescimento*

interior humano, baseado na experiência, com manifestação exterior. Isto implica dois passos: opções interiorizadas e manifestadas exteriormente em comportamentos (Almeida, 2004:56).

A avaliação é o meio que ajuda os educandos a progredir no conhecimento académico e no progresso humano permitindo observar o progresso do educando ou a falta dele através dos comportamentos ou atitudes que este adopta.

Para terminar, no Paradigma Inaciano *educar significa ajudar as pessoas a assumirem responsabilmente a vocação pessoal na história, como livre resposta e como expressão autêntica da própria subjectividade (...) É um processo libertador do próprio ser (...) orientado para o crescimento autêntico do educando como sujeito em contínuo crescimento* (Almeida, 2004:57). Por isso, o perfil do educando ideal esperado neste paradigma é de alguém que é capaz de tomar decisões livres, autónomas e responsáveis; que assume um compromisso cristão na sua opção de vida; que é intelectualmente competente; que exprime o amor nas suas relações interpessoais; que assume um compromisso solidário e comunitário e está aberto à mudança procurando uma sociedade mais justa (Almeida, 2004).

5.3. ESTRUTURA DO CAMPO DE FÉRIAS

Um *Campo de Férias Inaciano* tem a duração de dez dias num espaço, preferencialmente de montanha ou campo ao ar livre, no qual os seus participantes praticam diversas e variadas actividades.

Por serem organizados por movimentos ligados à Companhia de Jesus, estes campos, para além de desenvolver todos os objectivos dum campo de férias comum, que passam pela vertente recreativa, desportiva, lúdica e cultural promovendo a formação de novos hábitos, dão ênfase à formação espiritual/religiosa dos seus participantes através da experiência de vida em grupo, promoção da auto-estima e criatividade, entre outras coisas (Almeida, 2004) sendo sustentado, deste modo, por quatro pilares *Eu, Eu e os Outros, Natureza e Deus* que serão explicados mais à frente.

Para além da formação espiritual estes campos distinguem-se, também, pela estrutura organizacional e pelas funções e/ou papéis que os animadores exercem, como veremos mais à frente.

5.3.1. ITINERÁRIO GERAL DO CAMPO DE FÉRIAS INACIANO

No itinerário geral está incluído todo o trabalho de programação do campo e as actividades do tipo didáctico, conceptual, ecológico, artístico, espiritual, recreativo e desportivo que o constituem²⁴. Estas actividades têm uma finalidade educativa devendo estar em consonância com os objectivos gerais explicados nos quatro pilares que caracterizam estes campos e desenvolvendo-se conforme o subtema²⁵ do dia para o campo (Almeida, 2004).

Almeida (2004) considera que há momentos educativos privilegiados num campo de férias inaciano e, que fazem parte do itinerário geral, sendo eles:

- Bom dia Senhor (BDS) – este é o momento que distingue um *Campo de Férias Inaciano* de qualquer outro tipo de campo de férias ocupando, deste modo, um lugar central e de relevo, caracterizando-se por ser uma actividade orientada à formação religiosa e cristã de todos os participantes.
- Caminhada – actividade de grande relevo na vivência pessoal e colectiva do campo devendo, por isso, ser feita a meio deste (quarto e quinto dia).

²⁴ Almeida (2004) agrupa as actividades em cinco grupos: Didácticas: actividades que se destinam à aprendizagem cultural e técnicas (montagem de tendas, jogo dos talentos, jogos de conhecimento); Conceptuais: actividades de discussão e aprofundamento de temas (plenários temáticos; grupos de discussão, jogo do julgamento); Espirituais: de carácter confessional (tempo de reflexão diária, celebração dos sacramentos); Ecológicas e Artísticas: pretendem desenvolver capacidades artísticas e respeito para com a natureza (caminhada de dois dias, dia ecológico e técnicas de artesanato) e, Desportivas e Recreativas: pretendem consolidar a coesão do grupo e a produzir um ambiente alegre e descontraído (jogos desportivos, de fogueira, tradicionais E de equipa).

²⁵ A cada dia de campo é atribuído um subtema, derivado do tema do ano para o desenvolvimento do campo, a partir do qual se devem desenvolver as actividades do dia.

- Serões Temáticos – caracteriza-se, principalmente, pela dinamização do campo e no qual os seus dinamizadores (participantes e animadores) devem ser criativos. Estes terminam com a entrega das cartas do “amigo secreto” e do cântico “Boa noite”.
- Tarefas de campo – constituem uma contribuição à formação dos participantes nas dimensões do serviço e solidariedade, consistindo na realização de algumas tarefas como a preparação de refeições, limpeza de campo, organização das tendas, entre outras e de acordo com uma escala organizada de tarefas a serem desenvolvidas pelas diferentes equipas.
- Jogos de equipa – estes têm como finalidade a formação social e democrática dos participantes.

O itinerário geral aposta, assim, num conjunto diversificado de actividades *de modo a assegurar um completo processo de maturação e crescimento (humano, afectivo, psicológico e religioso) de todos os jovens que fazem esta experiência* (Almeida, 2004:109).

5.3.2. ITINERÁRIO PARTICULAR

O itinerário particular consiste numa proposta sequencial e cronológica das actividades a realizar durante um dia de campo.

Almeida (2004) apresenta o modelo de itinerário particular (dia tipo) que é utilizado nos campos de férias Inaciano:

08:30h – Alvorada

09:15h – Pequeno-almoço

10:00h – Lavagem de loiça e arrumações

10:30h – “Bom dia Senhor” (BDS)

12:30 – Tempo de relaxe e preparação de almoço

13:30h – Almoço

Sorna

16:00h – Jogos vários ou preparação de serão

18:30h – Tempo de relaxe, preparação do jantar e higiene pessoal

19:30h – Eucaristia ou Celebração da Palavra

20:30h – Jantar

Últimos preparativos do Serão

22:00h – Início do serão: poemas, canções, jogos, dramatizações etc.

24:00h – Dinâmica do “amigo secreto”

Boa Noite (recolhimento)

Avaliação (animadores)

5.4. ANIMADORES

O *campo de Férias Inaciano* traz mais uma novidade aos campos de férias com a sua estrutura análoga a uma estrutura familiar. Deste modo equivale-se os diferentes animadores e suas funções a um membro familiar. O Director de campo equipara-se ao chefe de família, a Mamã é a mãe, os Animadores são os irmãos mais velhos, o Capelão é o padre amigo da família e os Participantes, irmãos mais novos, protagonistas do campo de férias²⁶.

O animador de um *campo de férias inaciano* é uma pessoa que

Está em processo de crescimento e desenvolvimento humano, psicológico e espiritual; tem maturidade (a nível intelectual, afectivo e relacional) que sabe gerir responsabilmente a sua vida, com prudência e constância no compromisso (...) executa a sua função como uma missão e é consciente desta opção; é crente: testemunha a sua fé na comunidade e na vida quotidiana; é criativa: mete em jogo a sua própria vida, dá alma e leva vida aonde não existe (Almeida, 2004:73).

Poderemos dizer que um animador de *campos de férias inaciano* é, acima de tudo, um educador, um amigo mais velho que deve ter em consideração que a sua relação com os participantes é uma relação educativa onde exerce funções de relação – cria um ambiente de boas relações, amizade, alegria fomentando o diálogo e valorizando a pessoa reconhecendo-lhe os talentos e estimulando a auto-estima; de estímulo – compartilha as responsabilidades delegando de modo a que todo o grupo viva essa experiência, acolhendo a novidade e originalidade que cada um possa trazer para o seio do grupo; de moderador – escuta os outros favorecendo o diálogo, está atento às diferentes formas de participação promovendo a integração de todos; de compromisso – impulsiona e dinamiza respeitando o ritmo do grupo no processo de acção, gera entusiasmo e optimismo e, de testemunho – a sua missão é de testemunho e anúncio de fé cristã e da comunidade eclesial (Almeida, 2004)

²⁶ Estes papéis serão explicados mais à frente.

É o agarrar a grande oportunidade que são os campos e crescer / mudar com eles. É olhar para as coisas de um modo mais simples, é chegar aos outros, é alegria, amizades, diversão, trabalho ... É aprender com Deus, com os outros e com o que nos rodeia. É difícil de explicar. É querer chegar mais longe. É a dificuldade de trazer o que retiramos do campo para a vida "real"... É das melhores coisas que há! (Animadora do CSJB)

CAPÍTULO II – METODOLOGIA

1. INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA

Investigar pressupõe uma actividade de busca, isto é, a descoberta da realidade é um processo orientado por objectivos de conhecimento e a utilização de meios e técnicas de pesquisa adequadas para a alcançar. Surge, assim, a necessidade de se falar de metodologia, que designa o conjunto de métodos seleccionados segundo uma determinada concepção (Investigação de tipo Qualitativa ou de tipo Quantitativa).

Estando na origem da Antropologia, da Escola de Chicago e da Sociologia da Educação no século XIX, a investigação qualitativa, desde o seu início, é colocada em causa, dado os métodos e técnicas que utiliza para produzir conhecimento.

Neste tipo de investigação, frequentemente designada por naturalista, o objectivo não é testar hipóteses ou teorias, mas sim a descrição e a compreensão dos comportamentos, da realidade a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação e, por isso, os dados recolhidos são ricos em pormenores descritivos, no que diz respeito a locais, pessoas e conversas mas de difícil tratamento estatístico.

A análise destes dados é contínua e comparativa, a amostra não é representativa e algumas técnicas ou métodos usados são: a observação participativa, o estudo dos documentos, as conversas informais, as fotografias e a entrevista aberta e, por isso a relação com o sujeito caracteriza-se pela empatia baseada na confiança (Bogdan et Biklen, 1994). De referir, ainda, que os dados obtidos por estas fontes têm um elemento comum que é estarem dependentes da interpretação do investigador (Moltó, 2002).

Bogdan et Biklen (1994) enumeram cinco características da investigação qualitativa: a fonte directa de dados é o ambiente natural no qual o investigador se introduz; os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números; o investigador qualitativo interessa-se mais pelo processo do que pelos resultados ou produtos; tende a analisar os dados de forma indutiva, planeando utilizar parte do estudo para perceber quais as questões importantes, presumindo que não sabe o suficiente para as reconhecer antes de efectuar a investigação e, por último preocupa-se com o que se designa por perspectivas participantes, isto é, certifica-se que está

a apreender as diferentes perspectivas questionando os sujeitos sobre o que experimentam, como interpretam essa experiência e de que modo estruturam o mundo social em que vivem.

2. ESTUDO DE CASO

O Estudo de Caso foi o método adoptado para realização desta investigação. Este insere-se na investigação qualitativa e no paradigma interpretativo que consiste *na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico* (Merriam cit. Bogdan e Biklen, 1994:89) permitindo *a recolha de informação diversificada a respeito da situação em análise, viabilizando o seu conhecimento e caracterização* (Pardal e Correia, 1995:23).

Este método caracteriza-se pelo estudo de uma ou várias entidades observadas no seu ambiente natural, recorrendo à utilização de diversos meios que passam pela observação, entrevista, questionário, análise documental, entre outros, num determinado período de tempo, sendo o “como” e o “porquê” as questões que geram a investigação e, por isso, o seu objectivo é relatar e descrever proporcionando conhecimento acerca do fenómeno estudado.

No entanto, são estas as características que levantam críticas ao conhecimento que proporciona (Yin, 1994), pois fornece poucas bases para generalizações, são muito extensivos e exigem muito tempo para serem concluídos e, o facto de o investigador estar directamente implicado no contexto que investiga pode levar a uma falta de rigor, a falsas evidências ou visões distorcidas.

Por outro lado, para quem usa este método a oportunidade de caracterizar pormenorizadamente um indivíduo, organização ou fenómeno, alterando, se necessário, os métodos de recolha e estruturando novas questões de investigação são vantagens que a enriquecem.

Neste sentido, o estudo de caso tem sido utilizado com maior frequência pelos investigadores sociais, na medida em que permite *explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada*

investigação; e explicar as variáveis causais de determinado fenómeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimento (Gil, 1999:73).

Chizzotti, citado por Pereira (2008) considera que enquanto método de pesquisa social, o estudo de caso pressupõe três fases de desenvolvimento. A primeira fase caracteriza-se pela *delimitação do caso*, onde se identifica o objecto de estudo, as perguntas de partida e hipóteses de trabalho e se define o quadro teórico-conceitual; a segunda fase pelo *trabalho de campo* onde se agrega e organiza a informação tendo o investigador, um papel essencial na recolha de informação e, a terceira pela organização e redacção do relatório o que implica uma variedade de documentos que passam pelos rascunhos, notas de campo, transcrições de entrevistas, fotos, filmes, dados estatísticos categorizados de modo a constituir dados que comprovam as descrições e análise do caso. Este pode ter vários formatos como o artigo sintético para publicação em revista científica, monografia, obra a ser publicada ou dissertação para fins académicos.

3. DESENHO DA INVESTIGAÇÃO

A elaboração deste estudo apoia-se na investigação participativa que se caracteriza pela observação do real social, pela presença prolongada do investigador nos contextos sociais para aprofundar o *olhar sobre a realidade social* e apreender os significados que os actores sociais atribuem às suas práticas exigindo, deste modo, o contacto directo com as pessoas e os contextos sociais.

Na concretização desta investigação integramos uma das DL's do movimento, mais concretamente a Direcção Local do Colégio das Caldinhas (DLCC) incidindo, deste modo, a investigação, com mais detalhe nos animadores deste colégio. Contudo, e porque este é um movimento nacional onde há partilha e intercâmbio entre os animadores tivemos a oportunidade de contactar e interagir com animadores dos outros dois colégios, enriquecendo, assim, a nossa investigação.

Assim, a amostra da investigação compreendeu, todos os animadores do CC e, sempre que possível, os animadores dos outros dois colégios, nomeadamente em momentos específicos

como o Encontro Nacional (EN), o acampamento de férias ou em actividades promovidas pelo CC em que estes estiveram presentes.

A integração no movimento foi-nos facilitada na medida em que todos os intervenientes (NA, direcção da DLCC e todos os animadores desta DL e das outras duas) nos receberam de imediato e nos colocaram à vontade. Desde o início fomos tratados como se já integrássemos esta equipa desde sempre e não como elementos novos e estranhos ao movimento. Esta facilidade revelou-se uma vantagem na investigação na medida em que permitiu a aproximação e o contacto com os diversos animadores promovendo as conversas informais, uma relação de confiança entre o investigador e os animadores e, a possibilidade de recolher dados in loco sem estarmos preocupados com o facto da nossa presença estar a influenciar ou não a postura e o modo de agir dos observados.

Contudo, esta situação exigiu-nos um esforço para nos mantermos fiéis aos objectivos do estudo, aos dados recolhidos e à sua apresentação sem recorrer à escolha dos mais convenientes. A falta de imparcialidade do investigador é um dos pontos mais criticados da investigação qualitativa, pois *o pesquisador precisa ser fiel aos dados e não apresentar somente aqueles que lhes forem convenientes* (Teixeira, 2007:49).

Bogdan e Biklen (1994:67) afirmam que os investigadores qualitativos tentam *estudar objectivamente os estados subjectivos dos seus sujeitos*. E, por isso, apesar dos dados recolhidos estarem sujeitos às interpretações dos investigadores que, constantemente, os confrontam com as suas opiniões e preconceitos estes [dados recolhidos] *proporcionam uma descrição muito mais detalhada dos acontecimentos do que mesmo a mente mais criativamente e preconceituosa poderia ter construído*. Estes autores completam, ainda a ideia de que os investigadores qualitativos tomam consciência e reconhecem os enviesamentos e influências inerentes ao observador como forma de lidar com estes de modo a não corromper a investigação. Do mesmo modo os sentimentos do observador são entendidos como *indicador dos sentimentos do sujeito e, como tal, uma fonte de reflexão* [ao mesmo tempo que ajudam] *o investigador a formular questões que o conduzam às experiências dos sujeitos* (1994:133).

Para a realização da presente investigação, os instrumentos e técnicas escolhidos para a recolha de dados foram a observação participante, a entrevista semi-estruturada, as conversas

informais, a análise documental e o inquérito por questionário. Estas foram alternando entre si dependendo do local e da actividade, dos animadores e participantes, mas a mais privilegiada foi a observação participante, sendo a análise documental, o inquérito, as entrevistas semi-estruturadas e as conversas informais técnicas que permitiram complementá-la.

Assim, foi enviado para as mailing list de cada colégio um pequeno inquérito por questionário de questões abertas com a finalidade de nos darmos a conhecer e, ao mesmo tempo obter algumas informações sobre os animadores do movimento, dados que, mais tarde, foram confirmados e complementados pela análise documental.

E, com a finalidade de perceber até que ponto o movimento influencia, a curto e a médio prazo, a vida dos seus participantes optou-se por realizar entrevistas a alguns animadores da DLCC com a finalidade de conhecer as suas vivências relativamente ao movimento, enquanto participante e animador e, de que modo estas influenciaram ou não as suas vidas, as suas vivências da fé e as suas participações a nível associativo.

A par destas duas técnicas foram utilizadas as conversas informais, com animadores e participantes e a observação participante em várias actividades do movimento, a nível local e nacional.

4. INSTRUMENTOS DA RECOLHA DE DADOS

4.1. OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

A observação é uma das técnicas mais usadas no campo social e de grande utilidade para a ASC. Segundo Froufe e Sánchez (1994:156), Espinoza (1989) define-a como um instrumento de investigação que permite, por meio do contacto visual, conhecer e experimentar uma situação ou ambiente com um objectivo científico e, por isso, registá-lo sistematicamente e submetê-lo a controles que permitam a sua validade e confiabilidade. Na mesma linha de pensamento para Zabalza (1990) é um sistema que permite reconhecer, armazenar e analisar informações sobre processos, situações ou pessoas. Lebert (1990) entende-a como uma visão panorâmica do conjunto a estudar, o instrumento para analisar o primeiro contacto com as distintas realidades, situações ou pessoas e Casanova (1992) como o exame atento que um sujeito realiza sobre outro ou sobre determinados objectos para chegar a um maior conhecimento sobre eles mediante a obtenção de uma série de dados, geralmente inalcançáveis por outros meios.

Deste modo, a observação (Gil, 1999:110)

(...) Nada mais é que o uso dos sentidos com vista a adquirir os conhecimentos para o cotidiano. Pode, porém, ser utilizada como procedimento científico, à medida que:

- a) Serve a um objectivo formulado de pesquisa;*
- b) É sistematicamente planejada;*
- c) É submetida a verificação e controles de validade e precisão.*

O recurso a esta técnica permite captar a conduta e o carácter espontâneo dos sujeitos ou objectos estudados; exige menos colaboração/participação por parte das pessoas e, consegue informações inacessíveis de outra forma. Porém, é necessário ter em conta que não se pode observar tudo ao mesmo tempo e, por isso, o esforço mental do observador exige períodos de descanso; nem sempre está ao alcance do observador as pessoas, actividades e os cenários a observar; existem diferenças entre um observador interno, que faz parte da realidade a observar e a

conhece no seu interior e um observador externo que se tem de integrar no contexto a estudar para o conhecer; podem existir pressões ideológicas, religiosas ou interesses políticos; os sucessos observados podem ter escassa duração; a reactividade, isto é a pessoa observada pode mudar de comportamento se souber que está a ser observada; a própria natureza da informação impossibilita um registo válido de todas as percepções e, a subjectividade do observador (Froufe e Sánchez, 1994).

Tendo como primeira função recolher informação o uso desta técnica revela-se um processo complicado que exige elevada concentração por parte do investigador, responsável pela recolha, codificação, análise e interpretação da informação. Podemos, então, falar de modalidades ou tipos de observação consoante o grau de estruturação com que se apresenta (Observação estruturada e Observação não-estruturada) e a função do tipo de participação que o observador tem no contexto observado (Observação participante e Observação não-participante) (Pardal e Correia, 1995).

No presente estudo de investigação fez-se uso da observação não-estruturada que se baseia, essencialmente na acção livre do investigador ou seja, o observador não recorre a meios técnicos durante o período de observação (Pardal e Correia, 1995). Sendo a sua principal característica estar aberto a tudo o que se sucede sem fixar a atenção num fenómeno específico. Nesta modalidade, o investigador reconhece e anota sem um estudo prévio nem um conhecimento profundo da realidade.

No que respeita à participação do investigador optou-se pela observação participante que se caracteriza pela integração do investigador no contexto a observar, permitindo-lhe viver a situação e *conhecer o fenómeno em estudo a partir do interior* (Pardal e Correia, 1994:50), procedendo, deste modo, à recolha da informação sem se dirigir aos sujeitos interessados (Quivy e Campenhoudt, 1998).

Assim, para a realização desta investigação, estivemos presentes em grande parte das actividades do movimento, mais especificamente da DLCC, como por exemplo nas reuniões mensais de animadores; na Ceia de Natal; no EN; nos convívios organizados pela DL ou pelos animadores; nos Workshops; na preparação do Acampamento de Férias e no próprio acampamento onde exercemos a função de Tia.

4.2. ANÁLISE DOCUMENTAL

Após a recolha da informação a análise documental e interpretação é a fase seguinte do trabalho. Segundo Gil (1999) apesar de serem conceitos distintos aparecem sempre estreitamente relacionados, uma vez que a análise documental tem como objectivo organizar e resumir a informação de modo a dar respostas às questões levantadas e a interpretação procura dar um sentido mais amplo às mesmas.

Para Bell (1997) a análise de documentos escritos é uma fonte de recolha de dados essencial para o investigador, mas que necessita de uma análise profunda para que se possa averiguar a confiabilidade e o interesse da mesma com o intuito de validar o estudo.

Ao longo desta investigação foram-nos cedidos os documentos escritos produzidos pelo movimento e outros que de algum modo estavam ligados ao mesmo. É importante realçar a disponibilidade com que fomos recebidos e a rapidez com que os nossos pedidos foram atendidos.

4.3. INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

O inquérito por questionário é um instrumento generalizado no campo do trabalho social tendo a vantagem de poder ser aplicado a uma amostra lata do universo, dado que não exige a presença do investigador no acto do seu preenchimento e uma opção barata que, em princípio, garante o anonimato, condição essencial para uma maior autenticidade das respostas (Pardal e Correia, 1995).

Quanto à formulação das suas questões podem identificar-se três classes: fechadas (perguntas em que as respostas estão previstas e são fáceis de tabular e comparar dado que existe um número reduzido de categorias como por exemplo sim/não, verdadeiro/falso ou de escolha); abertas (perguntas que exigem ao sujeito que expresse as suas ideias por palavras, sendo mais difíceis de analisar e interpretar devido à quantidade de informação que pode proporcionar) e mistas (perguntas abertas e fechadas) (Froufe e Sánchez , 1994).

Na presente investigação o questionário teve como objectivo fazer uma breve caracterização de todos os animadores do movimento optando-se, por isso, pelas questões abertas, tendo sido o modo de aplicação o envio para as mailing list de cada DL, aproveitando deste modo, para nos darmos a conhecer e ao estudo que estávamos a realizar.

O seguinte gráfico representa a percentagem de questionários respondidos, sendo os animadores do CC os que mais responderam ao nosso apelo.

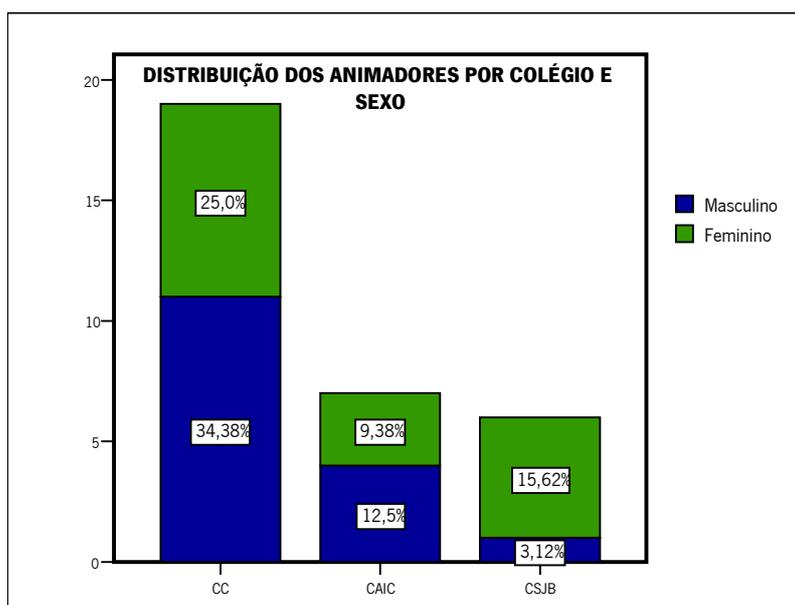


Gráfico 1 - Distribuição por colégio e sexo, em percentagem, dos animadores que responderam ao inquérito por questionário

Comparando o número de questionários respondidos com o número de animadores existentes nas listas de cada colégio no ano de 2007/2008 concluímos que esta não é uma amostra representativa dos animadores. Contudo, as informações recolhidas através desta técnica foram úteis na medida em que forneceram algumas concepções do significado do movimento para cada um. Quanto às outras questões colocadas, estas foram confirmadas e completadas através das informações obtidas na análise dos documentos fornecidos pelo movimento e nas entrevistas feitas aos animadores.

A fraca resposta por parte dos animadores pode ficar a dever-se ao momento em que o inquérito foi enviado para as mailing list, dado que correspondeu à época de exames nas universidades para uns e, para outros, à preparação e início de campos de férias.

4.4. ENTREVISTA

A entrevista é uma das técnicas frequentemente utilizada na recolha de dados nas ciências sociais, sendo uma das suas principais vantagens, comparativamente ao inquérito, a obtenção de uma informação mais rica sem necessitar que o informante seja alfabetizado.

Esta é definida por Gil (1999:117) como

A técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objectivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto uma forma de interacção social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

No que diz respeito à sua estruturação, segundo Pardal e Correia (1995), a entrevista pode ser estruturada, não estruturada e semi-estruturada. A diferença entre estes três tipos de entrevista está no rigor que se coloca no guião das perguntas a fazer ao entrevistado.

Na entrevista estruturada o guião é rígido, assemelhando-se ao inquérito por questionário onde entrevistador e entrevistado têm uma liberdade de actuação limitada e na qual o primeiro se submete, de forma restrita, ao guião da entrevista e o segundo responde exclusivamente às perguntas que lhe são colocadas (Pardal e Correia, 1995). A entrevista não estruturada assemelha-se a uma conversa na qual o entrevistado tem liberdade para estruturar as respostas tendo o entrevistador o papel de reforçar ideias e declarações do inquirido (Pereira, 2008). E por fim, a entrevista semi-estruturada caracteriza-se por não ser *inteiramente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas* (Quivy e Campenhoudt, 1998:192). Esta utiliza-se *quando se pretende comparar dados de participantes diferentes* (Moltó, 2002: 149).

Normalmente, na realização das entrevistas semi-estruturadas o investigador constrói um guião de perguntas que funcionam como base para a sua realização, tendo a flexibilidade de alterar a sua ordem, não as colocar todas e acrescentar alguma que surja perante o discurso do entrevistado e que tenha relevância para a investigação.

No presente estudo, a opção recaiu na entrevista semi-estruturada, sendo os entrevistados sujeitos ao memo guião. Na escolha dos animadores a entrevistar pesou o comportamento dos

animadores observado por nós ao longo do tempo em que estivemos presentes nas actividades e nas reuniões da DLCC e a opinião de alguns animadores, da mesma DL, sobre qual seria o animador ou animadora que reunia melhores condições que o tornavam um bom animador de Campinácios.

De seguida fez-se um primeiro contacto, para dar a conhecer a intenção da entrevista, esclarecer os objectivos e finalidades e depois procedeu-se à marcação do dia, hora e local para a sua realização. Estas foram gravadas com o consentimento dos entrevistados, transcritas e devolvidas aos mesmos para se procederem a alterações, se necessário.

Quanto ao guião da entrevista esta abordou alguns temas que passaram pelas perspectivas e vivências do movimento enquanto participante; perspectivas e vivências enquanto animador; a vivência da fé e a participação ou não em outros movimentos ou associações como podemos, de seguida, observar na Tabela 1.

<p>A. Introdução Caracterização do entrevistado</p>	<p>Objectivos da entrevista</p> <p>Assegurar confidencialidade</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nome 2. Idade 3. Habilitações/Ocupação Profissional 4. Ano de entrada para o movimento como animador
<p>B. Perspectivas e Vivências do movimento enquanto participante</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Que idade tinhas quando participaste pela primeira vez num acampamento? 2. Porque nunca experimentaste antes? (opcional para animadores que fizeram campo pela primeira vez apenas no secundário) 3. O que te levou a querer participar num acampamento? 4. Quantos campos fizeste como participante? 5. O que te marcou para queres repetir a experiência? 6. Quais a aprendizagens que trouxeste do campo e de que modo as aplicaste no teu quotidiano? 7. De que modo participar nas actividades do movimento mudou a tua vida (mudaste atitudes, comportamentos...)? 8. Enquanto participante como definias Campinácios?

<p>C. Perspectivas e Vivências do movimento enquanto animador</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Há quantos anos és animador? 2. Quantos acampamentos animaste? 3. Sabias que no campo de lambretas se escolhem os possíveis futuros animadores. Desejavas ser um dos convidados para assumir tal tarefa? 4. O que te levou a ser animador/aceitar o convite? 5. O que é ser animador de Campinácios? 6. Qual a importância e o papel do animador nos acampamentos? 7. Quais são as qualidades de um animador? 8. Como foi a tua primeira experiência como animador? 9. Quais foram as funções que já exerceste? 10. Qual gostaste mais e porquê? 11. Gostarias de exercer alguma em especial? 12. De que modo te preparas para ser um animador de Campinácios (durante todo o ano e antes de um acampamento)? 13. De que modo ser animador mudou a tua vida? 14. Como defines Campinácios, enquanto animador? 15. Achas que os quatro pilares que caracterizam os campos de férias Inacianos são bem desenvolvidos durante o acampamento ou acabam por se perder no meio de todas as actividades que se realizam durante os dez dias?
<p>D. Vivência de Fé</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Sendo o aspecto da fé o principal diferenciador entre os Campinácios e os outros campos de férias organizados por outras instituições não ligadas à igreja, qual é o papel que ela ocupa na tua vida?
<p>E. Outras actividades/participação em associações ou movimentos</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Tens outras actividades para além dos Campinácios (fazes parte de alguma associação, movimento, voluntariado ...)? 2. Se sim, o movimento influenciou, de algum modo, a escolha dessas actividades?
<p>F. Considerações finais</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Gostarias de acrescentar mais alguma coisa? 2. Referir a experiência de DL e DN (caso já tenha feito parte desses órgãos) <p>Agradecimento</p>

Tabela 2 - Guião da Entrevista realizada aos animadores seleccionados do CC

4.5. ANÁLISE DE CONTEÚDO

Para Quivy e Campenhoudt (1998) a análise de conteúdo ocupa um lugar cada vez maior na investigação social consistindo *numa técnica através da qual se viabiliza (...) a descrição do conteúdo da comunicação* (Pardal e Correia, 1995:74) oferecendo, deste modo, *a possibilidade de tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e de complexidade* (Quivy e Campenhoudt 1998:227).

Para este autor, a análise de conteúdo pode incidir sobre mensagens de vários tipos *como obras literárias, artigos de jornais, documentos oficiais, programas audiovisuais, declarações políticas, actas de reuniões ou relatórios de entrevistas pouco directivas* (Quivy e Campenhoudt 1998:226).

Tal como a análise documental, também o uso desta técnica não se fica apenas pela descrição do conteúdo da mensagem por si só, passa também pela sua interpretação, a qual proporciona a recolha de novas informações ou então o reforço das informações já recolhidas.

Nesta investigação recorreu-se à análise de conteúdo após a transcrição e interpretação das entrevistas procedendo-se à categorização dos elementos mais relevantes. Esta categorização ou codificação, segundo Bogdan e Biklen (1994) citado por Pereira (2008:66), permite *a organização e definição de unidades de registo e uma descrição exacta das características pertinentes do conteúdo que se considera necessário para se proceder à análise*.

A seguinte tabela mostra a categorização dos indicadores da análise de conteúdo efectuada às entrevistas:

Caracterização do entrevistado	Nome (A1) Idade (A2) Habilitações/Ocupação Profissional (A3) Ano de entrada para o movimento como animador (A4)
Motivações para participar num acampamento (como participante)	Idade no primeiro acampamento (B1) Razões por não ter feito antes (B2) Razões que levaram a participar num acampamento (B3) Número de campos em que participou (B4)
Experiências, aprendizagens e suas aplicações no quotidiano (como participante)	O que marcou para repetir a experiência (B5) Aprendizagens que trouxe do campo e a sua aplicação no quotidiano (B6) Mudança de comportamento depois de ter participado nas actividades do movimento (B7)
Imagem do movimento (como participante)	Definição do movimento enquanto participante (B8)
Motivações para ser animador	Há quantos anos é animador (C1) Número de campos animados (C2) A noção da importância do campo de Lambretas na escolha de novos animadores (C3) Razão por ter aceite o convite (C4)
Imagens do entrevistado relativamente ao papel de animador do movimento	O que é ser animador de Campinácios (C5) Importância e o papel do animador nos acampamentos (C6) Qualidades dum animador de Campinácios (C7)
Experiências de animador	Primeira experiência como animador (C8) Funções exercidas (C9) Função que mais gostou de exercer (C10) Função que gostaria de exercer (C11) Que tipo de preparação faz antes de animar (C12) De que forma ser animador mudou a sua vida (C13)
Imagens sobre o movimento	Definição dos Campinácios enquanto animador (C14) Como são desenvolvidos os quatro pilares (C15)
Vivência de Fé	O papel da fé na sua vida (D1)
Outras actividades/participação em	Outras actividades para além dos Campinácios (associação, movimento,

associações ou movimentos	voluntariado ...) (E1) Influência do movimento na sua escolha (E2)
----------------------------------	---

Tabela 3 - Indicadores da análise de conteúdo das entrevistas realizadas aos animadores do CC

É uma forma de vida que implica um espírito de partilha do que sou e do que tenho e uma entrega aos outros. Também é uma forma de viver a Natureza, preservando-a e aprendendo com ela. É outra forma de viver uma espiritualidade que tende a aproximar-me de Deus e dos outros. É a hipótese de criar novas amizades e de descobrir mais sobre os outros e sobre mim. Resumidamente, é uma comunhão mais plena com tudo e todos os que me rodeiam (Animador do CAIC).

CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

1. CAMPINÁCIOS



Ilustração 2 - Logótipo do movimento

1.1. GÉNESE DO MOVIMENTO

Os Campinácios são um dos três movimentos de Campos de Férias Inacianos ligados à Companhia de Jesus. Estes são organizados para os alunos dos colégios da Companhia de Jesus em Portugal²⁷ com a finalidade de lhes proporcionar dez dias de férias, afastados dos grandes espaços onde vivem.

Nas palavras de Almeida (2004), a origem dos Campinácios surge com os campos de férias, designados de “campinas”, que o CC fazia com os seus alunos; o entusiasmo com a experiência e o sucesso pastoral do CAMTIL por parte dos jesuítas que faziam magistério nos colégios (experiência pastoral durante a formação)²⁸ e, a transferência dos campos de férias para os colégios como actividade pastoral, de modo a complementar a formação humana e cristã dos alunos num ambiente extra-curricular foram os aspectos que estiveram na origem dos Campinácios.

²⁷ No nosso país existem três colégios da Companhia de Jesus.

A norte, nas Caldas da Saúde, Santo Tirso localiza-se o CC (Instituto Nun' Alvres) fundado em 1932, aquando da crise política espanhol aos jesuítas foram obrigados a deixar o país e a voltarem a Portugal (país do qual tinham sido expulsos com a implantação da república) estabelecendo-se nas antigas instalações do Hotel das termas. Nos anos 70 com o intuito de promover a missão jesuíta na divulgação da Fé e pela promoção da justiça, esta instituição promove algumas alterações: abre as portas a todos os jovens das doze freguesias circundantes de Santo Tirso e Vila Nova de Famalicão, termina com o ensino exclusivamente masculino e passa a desenvolver uma educação mista. Estas alterações levaram, na década de 80, ao fim do regime de internato que até então o caracterizava. No sentido de dar continuidade a esta missão e a responder às características da Educação Inaciana, ao longo dos tempos até aos nossos dias tem-se observado transformações que se consideram fundamentais para o alcance dos objectivos dos colégios da Companhia de Jesus (<http://www.institutonunalvres.pt>)

No centro, em Cernache, Coimbra, situa-se o CAIC. A sua origem remonta ao ano de 1943 quando a Companhia de Jesus adquire a Quinta dos Condes da Esperança. Desde a sua fundação este colégio esteve vocacionado para a formação de candidatos ao sacerdócio na Companhia mas tal como aconteceu no Colégio das Caldinhas, em 1975, reestruturou os seus objectivos transformando-se num estabelecimento de ensino aberto à população local para ambos os sexos, proporcionando um ensino gratuito, dado que é subvencionado pelo Estado desde do ano 1978 (<http://www.ppcj.pt/caic.html>).

A sul (Lisboa) localiza-se o CSJB que ao contrário dos outros dois colégios é totalmente privado. A sua abertura oficial data do ano de 1947, ano que assinala a canonização do santo que dá nome ao colégio (<http://www.csjb.pt>).

²⁸ O magistério é uma das etapas da formação jesuíta que se caracteriza pelo período, de um a dois anos, de verificação dos talentos e disponibilidade do jesuíta, no qual este é integrado num Colégio, Universidade ou Paróquia da Companhia de Jesus (<http://jesuitasj.googlepages.com/formacao>).

Na tentativa de estender a experiência do Camtil, o CSJB ofereceu, no Verão de 1988, a este movimento um campo de Aranhaços (alunos dos 11 aos 13 anos) com a contraproposta de inserirem alunos do colégio nos outros dois campos da mesma categoria. No entanto, pelo excesso de inscrições o Camtil não teve possibilidade de continuar a integrar nos seus campos alunos dos colégios o que fez com que esta iniciativa não se repetisse.

Mas o sonho não se desmoronou e no ano seguinte, no verão de 1989, CAIC organizou um acampamento para os alunos na Serra da Estrela (casa das Mimosas) convidando alunos dos outros dois colégios. Desta experiência positiva os directores dos três colégios decidiram formalizar esta iniciativa como actividade pastoral inter-colegial dando-lhe continuidade. Ainda no mesmo ano o CSJB organizou no Rossio, o primeiro acampamento inter-colegial com o tema *Pelos frutos se conhece a árvore*.

Em Fevereiro de 1990, na casa das Mimosas, um grupo de representantes dos três colégios reuniu-se com o intuito de reflectir sobre alguns aspectos importantes para a continuação destes acampamentos. Desta reunião resultou a constituição oficial do movimento inter-colegial com a denominação de Campinácios e a seguinte definição: *Movimento Inaciano de Acampamentos dos Colégios da Província Portuguesa da Companhia de Jesus*.

Os Campinácios são, desde então, uma organização sem fins lucrativos, sendo a ocupação dos cargos e a participação na organização de acampamentos ou outras actividades não remunerada (salvo outra decisão do Director do Colégio ou do GRACOS – Grupo de Reflexão e Análise dos Colégios dos Jesuítas em Portugal).

1.2. ORGANIGRAMA

A organização estrutural do movimento apresenta-se do seguinte modo:

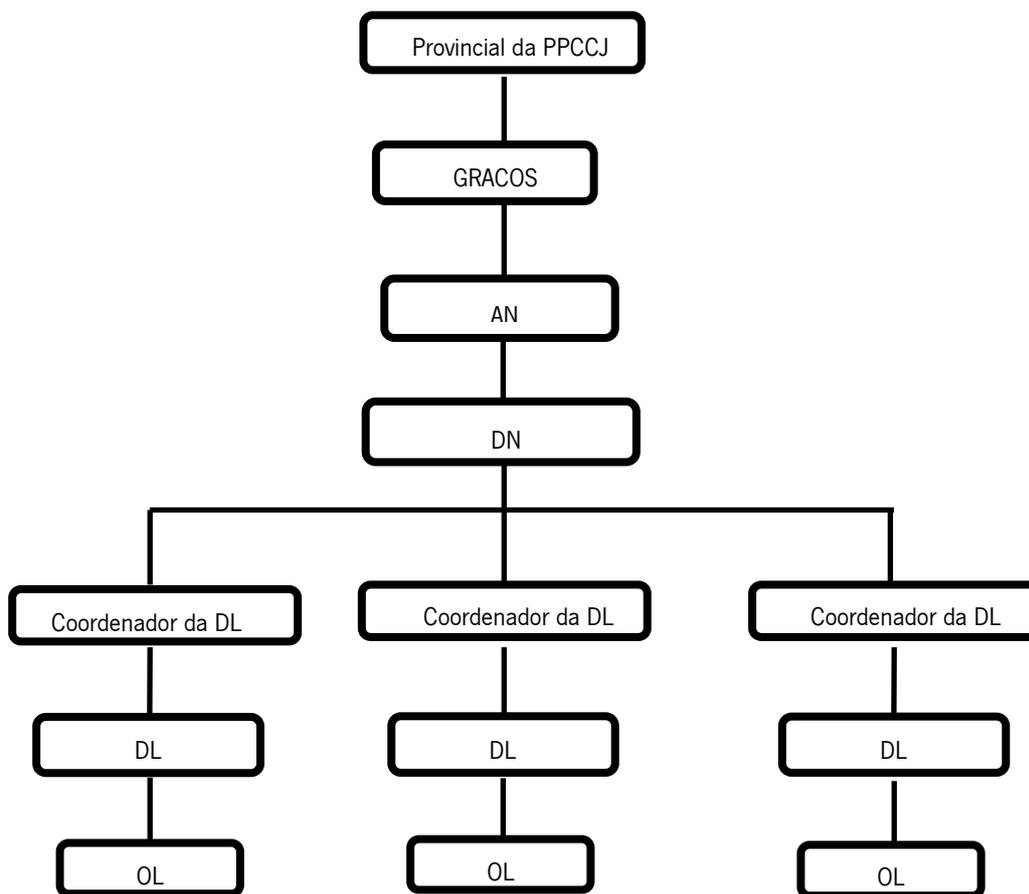


Ilustração 3 - Organograma dos Campinácios (Fonte: www.campinacios.org)

1.2.1. ÓRGÃOS DO MOVIMENTO

O assistente Nacional (AN), a Direcção Nacional (DN), a Direcção Local (DL) e os Órgãos Locais (OL) constituem os órgãos deste movimento.

Ao Assistente Nacional (jesuíta designado pelo GRACOS e elo de ligação do Movimento com a PPCJ - Província Portuguesa da Companhia de Jesus -) *compete assegurar o cumprimento dos estatutos e presidir à DN; tem opinião de qualidade no âmbito das decisões da DN e não deve pertencer a nenhuma DL para poder atender a toda* (www.campinacios.org).

A DN é o órgão responsável pelo movimento, constituída por dois elementos de cada DL e presidida pelo AN, competindo-lhe

Coordenar, implementar e supervisionar as actividades do Movimento; estimular e coordenar a realização de Acções de Formação; decidir o número de campos a realizar, a sua distribuição por níveis etários e colégios; aprovar a nomeação de Directores de Campo proposta pelas DL's; definir os critérios de selecção e de recrutamento de novos animadores; aprovar a lista de animadores proposta por cada DL; apreciar e aprovar o plano de actividades de cada DL no início de cada ano lectivo (www.campinacios.org).

A DL, constituída por três a cinco elementos e dirigida pelo coordenador local é o órgão deliberativo e executivo de carácter local, competindo-lhe

Coordenar, implementar e supervisionar as actividades do Movimento no seu Colégio; programar e calendarizar as actividades locais e as actividades nacionais que lhe sejam atribuídas pela DN; propor à DN o seu plano anual de actividades, o número e escalão de campos a realizar pelo seu Colégio, os respectivos Directores de Campo e respectiva Direcção; apresentar um plano de actividades, as contas e o orçamento local à respectiva Direcção do Colégio, para aprovação; propor à DN para aprovação a lista de animadores actualizada, devendo seguir na sua elaboração os critérios definidos pela DN (www.campinacios.org).

Os OL's são órgãos de apoio à concretização dos objectivos propostos pela DL, sendo as suas competências e responsabilidades fixada pela mesma.

1.3. OBJECTIVOS E PILARES DOS CAMPINÁCIOS

Como actividade de animação juvenil e cultural, Almeida (2004:71) refere como objectivo geral dos *Campos de Férias Inacianos*, no qual os Campinácios se integram, *pôr-se ao serviço do homem para ajudá-lo a construir a própria liberdade e autonomia de ser auto-consciente*.

Este objectivo orienta-se em três áreas da personalidade humana (área da identidade pessoal, da participação social e da transcendência) e realiza-se através de três estratégias. A primeira caracteriza-se por ajudar os jovens a descobrir e conquistar a própria identidade dentro de uma cultura social concreta; a segunda baseia-se na construção da sociabilidade, isto é. na capacidade de viver relações de solidariedade e, a terceira, no aperfeiçoamento da consciência aberta à transcendência.

Nos estatutos dos Campinácios podemos encontrar os objectivos específicos do movimento, sendo eles (Almeida, 2004:38).

a) Abrir caminho para a progressiva descoberta de Deus na beleza e harmonia da criação e na experiência de uma vida em grupo.

b) Contribuir para um melhor conhecimento de si próprio;

c) Fomentar o sentido de partilha, solidariedade, entre-ajuda e o aprofundamento das relações interpessoais;

d) Proporcionar um contacto saudável com a natureza, cultivando o respeito e a valorização dos bens do mundo em que vivemos.

Segundo Almeida (2004), os objectivos atrás mencionados são descritos em quatro pilares/dimensões sendo eles:

- Relação com a natureza – conhecimento, respeito e contacto com a natureza, o ar livre, o rio, as plantas e animais e, ao mesmo tempo, o respeito pelo próprio corpo que é colocado à prova (habituar-se ao frio e/ou calor, a dormir numa tenda apenas com o essencial). Esta relação

permite admirar beleza mas também degradação da natureza pretendendo-se levar a uma (re) acção.

Aqui está o sentido ecológico da vida a que o cristianismo sempre fez referência, promovendo uma contemplação que não se demite da intervenção (Almeida, 2004:68).

- Relação com os outros, a vida de grupo e a amizade – durante o campo os participantes agrupam-se em dois tipos de grupos, os livres (afinidades, interesses e criatividade espontânea) e os organizados (equipas pré definidas para jogos e serviços). O que se pretende é que cada participante tome consciência da diferença mas continue a crescer na auto-estima pessoal, valorizando os seus talentos e sabendo lidar com o confronto e apreço dos outros. Neste pilar o mais importante é perceber que *cada um vale mais pelo que é do que pelo que tem* descobrindo-se como membro de uma comunidade onde todos fazem falta complementando-se mutuamente e sendo co-responsáveis pelos outros no seu caminho da construção da felicidade.

Como diz Almeida (2004:69) *Aqui se escondem e despontam duas virtudes (...) a solidariedade e a gratuidade.*

- Auto-conhecimento e serviço – este pilar está relacionado com as variadas tarefas e trabalhos, como ajudar na cozinha, lavar a loiça, buscar água, cavar latrinas entre outras. E, sobretudo, para os animadores que têm de estar atentos aos participantes, levantarem-se durante a noite, se necessário, não participarem numa actividade para preparar outra.

Este é o capítulo da criatividade, do sentido estético, mas também do sacrifício; da alegria de ajudar e de renunciar, da humildade de fazer sem esperar louvores e elogios e de se deixar ajudar (...) o ideal de justiça deixa de ser uma utopia, o trabalho deixa de ser um peso ou um castigo, mas torna-se uma missão que realiza quem a cumpre (Almeida, 2004:69-70).

- Experiência de fé e de Deus – propõe-se uma fé que se baseia na relação pessoal de confiança com um Deus vivo na história pessoal de cada um, experimentando a alegria da presença amiga e libertadora de Jesus. Deste modo, todos os anos é escolhido um tema evangélico

a desenvolver ao longo dos campos²⁹, normalmente apresentado por tópicos ou palavra(s) no Bom Dia Senhor (BDS). No mesmo sentido, a missa de campo é um momento em que todos participam e, assim, nasce *uma liturgia despojada, com linguagem viva, onde tudo é preparado pelos grupos. A fé assim vivida e ligada aos acontecimentos, o evangelho assimilado e teatralizado, posto nos nossos dias, há-de dar os seus frutos, orientando e inspirando as opções do futuro de cada participante do campo de férias* (Almeida, 2004:70).

1.4. PARTICIPANTES

Os destinatários dos acampamentos Inacianos são os alunos dos três colégios da Companhia de Jesus com idades compreendidas entre os 11 e os 17/18 anos, que frequentam o 2º e 3º ciclos e secundário de todas as escolas que os constituem.

Estes são agrupados por idades nos seguintes escalões:

- Triciclos – 11 a 12 anos (5º e 6º anos).
- Trotinetes – 13 a 14 anos (7º e 8º anos).
- Bicicletas – 15 a 16 anos (9º e 10º anos).
- Lambretas – 17 a 18 anos (11º e 12ºanos).
- Calhambeques – a partir dos 19 anos³⁰

²⁹ *Pelos frutos se conhece árvore*, 1989; *O sol só peca quando em vez de criar, seca*, 1990; *Voa mais alto e chegarás longe*, 1991; *Só se levanta voo contra o vento*, 1992; *Só perde quem não arrisca*, 1993; *Da família nasce a paz*, 1994; *Sóis há muitos*, 1995; *Ousar a diferença*, 1996; *Não tenhas medo, estou contigo*, 1997; *Partir à descoberta*, 1998; *Deus, Pai e Amor*, 1999; *Tenho uma luz dentro de mim*, 2000; *O outro aqui tão perto*, 2001; *Ainda bem que vieste*, 2002; *Pára e repara*, 2003; *Luzes, Câmara, Acção*, 2004; *O dia em que aprendi a voar*, 2005; *Até onde Xavier?* 2006; *Para fora, aqui e agora*, 2007; *O essencial és tu*, 2008; *Quem és tu, Senhor*, 2009.

³⁰ Este escalão já não existe.

A sua participação, como referido anteriormente, está condicionada pelo processo selecção que começa com a pré-inscrição (por parte dos alunos) e selecção (por parte da DL de cada colégio), que se faz entre os meses de Abril a Junho.

Para cada campo existem quarenta e duas vagas, o que corresponde a catorze vagas por colégio divididas em sete vagas para cada sexo. As pré-inscrições são divididas em duas classes:

- Quem se inscreveu e não teve vaga (Classe 1).
- Quem não se inscreveu ou teve lugar no ano anterior (Classe 2)

Para a classe 1 as catorze vagas são divididas do seguinte modo:

- Seis vagas (três rapazes e três raparigas) para quem já fez campo, e não teve lugar no ano anterior. O critério de ordenamento é o menor número de acampamentos (excepto para lambretas que é o oposto).
- Oito vagas (quatro rapazes e quatro raparigas) para quem nunca fez campos por não ter tido lugar nos anos anteriores. O critério de ordenamento, neste caso, é o maior número de pré-inscrições seguidas sem ter vaga

Para a classe 2 as vagas são divididas do seguinte modo:

- Seis vagas (três rapazes e três raparigas) para quem já fez campo. O critério de ordenamento é o menor número de acampamentos (excepto para lambretas que é o oposto).
- Oito vagas para quem nunca fez campo (quatro rapazes e quatro raparigas).

Nas duas classes, em caso de empate, o sorteio é aleatório excepto quando os sujeitos são lambretas de anos escolares diferentes. Neste caso o aluno de 12º ano tem prioridade em relação ao aluno de 11º ano.

1.5. ANIMADORES

Vicente (2008a) afirma que ser animador de Campinácios é, essencialmente, sentir-se enviado e instrumento ao serviço de qualquer coisa bem maior do que si próprio, sendo um privilégio que se honra com a entrega e serviço incondicional. E por isso, Sacrifício (dar sentido às coisas contribuindo com um pouco do que se é e do que se faz), Alegria (dom que se recebe de Deus e se deve oferecer aos outros) e Unidade (reconhecer que há alguém que é responsável e ao qual se deve respeito como tal) são, para este autor, as palavras-chave de um animador.

Este considera (Vicente, 2008a), ainda, quatro tópicos nos quais o animador tem um papel fundamental, para o sucesso do campo:

- Exigência pelo melhor – num campo deve-se trabalhar sempre para o melhor e isto caracteriza-se pelo modo como este toca as vidas de quem nele participa.
- Organização, rigor e ritmo – para que se consiga alcançar a exigência pelo melhor é necessário que todo o campo seja bem planeado e pensado, que tenha um ritmo dinâmico caracterizado por várias e diversificadas actividades mas, também, com espaço para o descanso e para o diálogo.
- Avaliação a meio do campo – a meio de campo aconselha-se a realização de uma mini-avaliação permitindo aos participantes interiorizar o que já viveram e aos animadores tomarem consciência se há ou não coisas a melhorar.
- Quatro pilares para o sucesso – Auto-Conhecimento (compreender os nossos pontos fracos e fortes, valores e visão do mundo), Amor (ter uma atitude positiva e cheia de amor no modo como nos relacionamos), Engenho (estar aberto à inovação e adaptarmo-nos à mudança) e Heroísmo (motivar os outros e a nós mesmo através de ambições heróicas).

1.5.1. PAPÉIS, FUNÇÕES E SUAS CARACTERÍSTICAS

Almeida (2004:93-94), baseado em Pollo, afirma que ser animador exige a aquisição da capacidade de construir uma relação com os jovens que é ao mesmo tempo assimétrica, dialógica, democrática e crítica. Por isso, independentemente da função que exerce durante o campo, qualquer animador para ser verdadeiramente um educador tem de desenvolver as seguintes atitudes:

- Ter um objectivo claro e envolver os jovens para o atingir.
- Delegar e partilhar responsabilidades.
- Dar exemplo, conjugar jogos e conteúdos.
- Investir tempo e recursos nos participantes.
- Dizer a verdade e comunicar com autenticidade.
- Cumprir as promessas.
- Preocupar-se com os outros, estar próximo e respeitar o ritmo pessoal.
- Valorizar as ideias e sugestões dos jovens.
- Criar espírito de grupo.
- Ajudar a desenvolver capacidades escondidas.
- Fazer com que os jovens se sintam importantes.

No que respeita aos papéis e funções de cada animador, a responsabilidade de *assegurar a realização do campo a nível educativo, logístico, administrativo e pastoral* (Almeida, 2004,75) é da direcção do campo (constituída pelo director, director-adjunto, capelão, mamã e tia) e, a execução dos objectivos da direcção que estão em concordância com os do movimento fica a cargo dos animadores

De seguida será feita uma descrição de cada um dos papéis que os animadores podem assumir durante um *campo de férias iniciano*:

1.5.1.1. DIRECTOR

Cada DL propõe à DN animadores para serem Directores de campo para o ano corrente tendo em consideração quais os animadores que correspondem ao perfil pretendido. Sendo assim, o Director de um campo de férias é alguém que se identifica com a fé cristã (assumidamente cristão); é capaz de se relacionar com os outros, toma atitudes ponderadas, tem estabilidade afectiva e é responsável (maturidade humana); demonstra espírito de serviço, entrega e sacrifício; é capaz de tomar a iniciativa e sabe organizar/gerir recursos humanos e materiais; participa em cursos de formação orientado para a função que vai desempenhar (Almeida; 2004).

Após aprovação da DN o Director escolhe os animadores que estarão mais próximos e são co-responsáveis na organização, planeamento e coordenação do campo, ou seja o director-adjunto e a mamã.

Sendo o responsável máximo por tudo o que acontece no campo de férias (pessoas, material e local), apesar desta responsabilidade ser partilhada pelos outros membros da direcção, ao director cabe:

	Responsabilidades do Director	Descrição
Antes do Campo	Convite aos animadores para integrarem a equipa de animação	
	Programação do campo	Aqui estão inseridas algumas actividades como:
	Reuniões prévias e organização do campo	As reuniões fomentam o conhecimento interpessoal dos animadores e, porque a equipa de animação é constituída por animadores dos três colégios, estas constituem-se como encontros de organização do campo (definição de um plano de campo com a programação dos dias e as diferentes actividades que deverão ter uma sequência lógica) (Almeida, 2004).
	Local de campo	Conhecer previamente o local tendo em atenção as condições físicas do espaço onde se vai realizar o campo. Este deve ser escolhido pelos Directores de campo do mesmo colégio no sentido de aí se realizarem todos os campos do mesmo colégio
	Procedimentos legais	Comunicar ao AN onde se vai realizar o campo com dois meses de antecedência, obter autorizações escrita do proprietário do local onde este se vai realizar e das autoridades locais (Câmara Municipal, GNR, Delegado de Saúde, bombeiros), notificar as mesmas autoridades com antecedência de 48 horas do início do campo.
	Material	É o existente no colégio estando cada DL responsável pela requisição do material que é fornecido pelo mesmo. A DL deverá ser sempre notificada no caso de perda ou estrago do material.
	Seguro	Os seguros dos participantes são da responsabilidade de cada colégio estando a DL encarregada pela entrega da lista com os dados dos participantes na secretaria de cada colégio. A realização dos seguros dos animadores é da responsabilidade do Director que deverá entregar na secretaria, do seu colégio, no mínimo com antecedência de três semanas, uma lista com os dados de cada um.
	Transportes	Deverão estar ao serviço do campo dois transportes diferentes. Para levar o material e compras para o local de campo o Director deverá requisitar ao colégio a prestação desse serviço.

	Orçamento do campo	Antes da realização do campo, o Director recebe uma quantia para financiar as reuniões prévias e gastos que sejam necessários na preparação do campo. Para além dessa quantia inicial cada Director recebe o dinheiro das inscrições correspondentes ao número de participantes e deverá geri-lo com responsabilidade e rigor.
	Carta circular para os participantes e seus educadores	Deve ser enviada com a antecedência, no mínimo de 20 dias devendo conter toda a informação acerca do campo (tema, data e local onde se vai realizar (chamando a atenção aos pais que não poderão visitar os filhos); contacto do Director (avisando que aquele contacto estará sempre disponível mas que para a obtenção de informações diárias deverão ligar para o colégio promotor do campo); descrição das viagens de ida e volta (horário e custos); nome e contacto do animador que estará no local de encontro e que realizará a viagem com os participantes; pedido dos documentos (bilhete de identidade e cartão de assistência médica a entregar ao animador, pedido de informação acerca de algum problema de saúde, alergias ou medicação) e. lista do material necessário (Almeida, 2004).
	Ida antecipada para o campo	Todos os animadores, excepto os que vão acompanhar os participantes na viagem, devem ir para o campo com antecedência mínima de dois dias para reconhecimento e preparação do espaço (Almeida, 2004).
Durante o Campo	Pagamentos	Os animadores não pagam o campos nem as reuniões de campo. Todas as despesas efectuadas deverão ser comprovadas com facturas onde deve figurar o nome do colégio e respectivo número de contribuinte.
	Caminhada	Momento importante do campo devendo ser planeada com antecedência.
	Ecologia	Promover a educação ambiental (não lavar a loiça directamente no rio, fazer uma fossa para os restos de comida, espalhar pelo campo sacos de lixo, promover, sempre que possível, a separação de lixo, usar sabão azul).
	Conservação do material	O Director ou alguém designado por ele é responsável pelo uso e manutenção do material.
	Farmácia	Para os campos cada colégio prepara uma farmácia que deve ser apenas responsabilidade de uma ou duas pessoas.
	Reuniões	No fim de cada dia o Director deve orientar uma reunião de avaliação que não deve ser longa, <i>trata-se de um tempo importante de descanso mas também de partilha, de discernimento inaciano e de avaliação sobre o que se passou e preparação do dia seguinte</i> (Almeida, 2004:83).
	Jogos e actividades	Todas as actividades e jogos devem ser educativos e formativos não deixando de parte o aspecto lúdico (Almeida, 2004).

	Vigilância e presença	É importante estar atento aos participantes até ao recolher nas tendas e dobrar esta atenção na última noite (Almeida, 2004).
	Lista de endereços	O director deve providenciar a lista de contactos dos participastes e animadores a fim de promover o contacto e aprofundar as amizades (Almeida, 2004).
	Avaliação de campo	No último dia de campo os participantes são convidados a avaliar apontando os aspectos positivos e negativos dos últimos 10 dias.
Depois do Campo	O campo só termina quando material é depositado, limpo e organizado, no colégio (do qual foi levantado e, quando não há mais nenhum campo a realizar no mesmo local) e os participantes e animadores chegam a casa, mas as tarefas do Director ainda não acabaram. Antes de dar por terminado este tem de proceder à:	
	Elaboração de um relatório	Onde consta a avaliação do campo feita pelos animadores, desde a programação até à sua conclusão; contas e apreciação de prestações dos novos animadores.
	Participação na reunião geral dos campos	Onde estão presentes todos os Directores dos campos do ano (Almeida, 2004).

Tabela 4 - Responsabilidades do Director de um campo de férias organizado pelos Campinácios (Adaptado Vicente, 2008b e Almeida, 2004)

1.5.1.2. DIRECTOR-ADJUNTO

Apesar de ser um cargo facultativo o Director-Adjunto, dependendo das tarefas que o director lhe delega, pode assumir uma posição muito importante ao longo do campo. Este é o braço direito do Director, podendo ser atribuído com o intuito de formar futuros directores. Muitas vezes é-lhe delegado as tarefas das compras e da contabilidade funcionando, sempre que possível como Animador Livre que está atento a tudo o que é necessário ao bom funcionamento do campo (Almeida 2004).

Esta disponibilidade faz com que, muitas vezes, o seu papel não seja reconhecido nem recompensado como os outros animadores dado que poderá ser o animador que está mais ausente ao longo do campo.

1.5.1.3. MAMÃ

A Mamã deve ser alguém que possua uma cultura gastronómica; tenha experiência de cozinha; seja organizada, imparcial, dinâmica, paciente; tenha espírito de serviço e a capacidade de escutar e aconselhar; seja boa observadora e sociável. Esta é a figura maternal, carinhosa e afectuosa do campo, principalmente no escalão dos mais novos, sendo da sua responsabilidade as seguintes tarefas:

Responsabilidades da Mamã	Descrição
Alimentação	Definir a ementa do campo e organizar as refeições, contudo não é da cozinheira de serviço.
Definir os horários das refeições e assegurar-se que estes são cumpridos	
Medicamentos e saúde dos participantes	Está mais disponível para dar atenção aos participantes, devendo estar atenta também aos animadores.
Deve participar em todas as actividades do campo	A relação que os participantes desenvolvem ao longo do campo com a Mamã deve ser uma relação de confiança, afectiva e protectora por isso, é importante que no fim do campo os participantes a incluam na grande parte dos momentos que mais os marcaram.
Ter uma palavra na eleição da Tia	Esta será a pessoa que estará mais próxima da mamã por isso a sua opinião deve ser tomada em consideração.
Distribuir, orientar e delegar as tarefas da cozinha	Para que a Mamã possa estar mais perto dos participantes por vezes esta tem de delegar tarefas aos animadores, por exemplo ela não deverá levantar-se mais cedo para a preparação do pequeno-almoço. Esta tarefa pode ficar a cargo do Animador e da sua equipa ou de um Animador Livre.
É-lhe atribuído o jogo do “Amigo Secreto”	À Mamã cabe a tarefa de apresentar o jogo e de todas as noites distribuir o correio.

Tabela 5 - Responsabilidades da Mamã num campo de férias (Adaptado Almeida, 2004)

1.5.1.4. TIA

A sua principal função é a divisão das tarefas com a Mamã de modo a que está possa estar mais atenta e disponível para os participantes ao longo do campo. Sempre que possível a Tia deve ter uma participação dinâmica para que não fique confinada à cozinha. Uma das hipóteses será a delegação, por parte da Mamã, dos medicamentos e/ou quando possível, esta pode substituir um animador de equipa ou participar nos jogos (Almeida 2004).

1.5.1.5. CAPELÃO

O papel de Capelão é atribuído a um jesuíta que tem a responsabilidade de coordenar, orientar e preparar as actividades de carácter espiritual (BDS, BTS; Celebração da Palavra e Missas) tendo em conta as idades e origem dos participantes (Almeida 2004) mas, acima de tudo, é um animador que deve ser livre, activo e presente, não devendo ser colocado de parte.

Este faz parte da direcção do campo e deve ser encarado como um animador sempre pronto a ajudar, aconselhar, ouvir e dar testemunho.

É uma figura muito importante: é o "cimento" que deve unir as pessoas no acampamento (Vicente, 2008a:10).

1.5.1.6. ANIMADOR LIVRE

Ao Animador Livre cabe a tarefa de preparar tudo o que é necessário para o desenvolvimento das actividades (logística, substituição do Animador de Equipa, se necessário, preencher os momentos mortos do campo e animar a roda, ajudar a Mamã nas compras) e, por isso, tem de estar constantemente atento e pronto para qualquer situação (Almeida 2004).

Deste modo, o Animador Livre deve ser uma pessoa activa e desenrascada capaz de responder ao imprevisto; que está atento ao que o rodeia e dá resposta sem que seja preciso pedir, pondo sempre o campo em primeiro lugar (Vicente, 2008a).

1.5.1.7. ANIMADOR DE EQUIPA

Durante o campo cada Animador de Equipa está responsável por um grupo de participantes. O seu papel é determinante para que todos se sintam bem ao longo deste.

Neste sentido, o Animador de Equipa tem de ser alguém que se identifique com o grupo (é o responsável pela integração de todos os elementos do grupo dando testemunho da sua própria experiência); que é aceite por todos (deve inspirar confiança, ser simpático e defensor do grupo); iludido (acredita em Jesus e na sua causa e por isso valoriza e partilha do êxito e angustia do grupo); é compreensivo, perdoa e pede perdão estando sempre ao lado de todos e de cada um); bom companheiro, sincero e coerente (no seu modo de agir e pensar); prudente (oportuno a falar, conciliador e conciliável); equilibrado, dialogante (sempre disponível para escutar, impõe respeito e promove o pluralismo dentro do grupo, sabendo escutar e aceitar todas as opiniões); inovador (está receptivo e em constante busca, sabe distinguir o essencial do superficial); confiante e humilde (reconhece que não sabe tudo e disponibiliza-se a aprender) (Vicente, 2008a).

1.5.2. PROCESSO DE SELECÇÃO E FORMAÇÃO DOS ANIMADORES

Como referido anteriormente, o Director do campo pode escolher a Mamã e o Director-Adjunto. O processo de selecção dos restantes animadores sofreu, em 2007, uma alteração. Até ao verão desse ano cada Director era responsável pela formação da equipa convidando os animadores a integrar a mesma. Este modo de selecção trazia, nos últimos anos, algum desequilíbrio nas equipas e acontecia, por vezes, que animadores não fossem convidados para animar.

De modo a superar esta falha, no ano de 2008, foi pedido a todos os animadores a sua disponibilidade para as datas de campo ficando a cargo da DN a formação das equipas que as

apresentou aos respectivos Directores, que após negociação e realização das alterações, se necessárias, procederam aos convites³¹.

Quanto à formação de novos animadores os critérios de selecção são:

- Ter sido participante de acampamentos inicianos, preferencialmente, ter participado ou ter estado em lista de espera no campo de Lambretas.
- Ter idade igual ou superior a 18 anos (ou completar esta idade no ano em questão).
- Ter saído do colégio ou estar a repetir o 12.º ano.
- Ser aprovado como candidato a animador pela DN.
- Estar disposto a participar e a comprometer-se com o plano de formação, com duração de 1 ano, depois de este lhe ser proposto.
- Todos os casos que não preencham os casos anteriores terão de ser analisados pela respectiva DL e DN.

Quem estiver interessado e aceitar o plano de formação tem, ainda, de participar de uma Comunidade de Vida Cristã Universitária (CVX-U), no ENA e no EN, sendo recomendado, também estar presente nas reuniões de animadores da DL. Para além disto tem, do mesmo modo, que participar nas seguintes acções de formação:

- Campo de formação de animadores – este tem a duração normal de um campo de férias e nele participam todos os candidatos a animadores. Caso não possam participar deverão fazê-lo no ano seguinte.
- Fim-de-semana de Espiritualidade Inaciana – Curso Intensivo de Fé, Exercícios Espirituais ou Páscoa Inaciana.

³¹ Para os responsáveis do movimento esta alteração traz vantagens na medida em que nenhum animador que possa animar deixa de ser convidado; assim poder-se-á fazer uma distribuição mais equilibrada dos animadores pelos colégios; eliminando-se o fenómeno da "caça ao animador"; poupa-se custos de telefone, evitando que o mesmo animador seja contactado por vários directores e haverá um maior sentido de missão (Vicente 2008).

- Curso de Suporte Básico de Vida (SBV).

1.5.3. BREVE CARACTERIZAÇÃO DOS ANIMADORES

Os animadores de Campinácios tem 18 anos ou mais, são ex-alunos dos colégios e participantes dos campos de férias que posteriormente receberam formação para serem animadores.

Através dos dados recolhidos pelo inquérito feito aos animadores de Campinácios e da análise das listas de animadores de cada DL concluímos que mais de 95% dos animadores entrou para os Campinácios entre os anos 2002 e 2007.

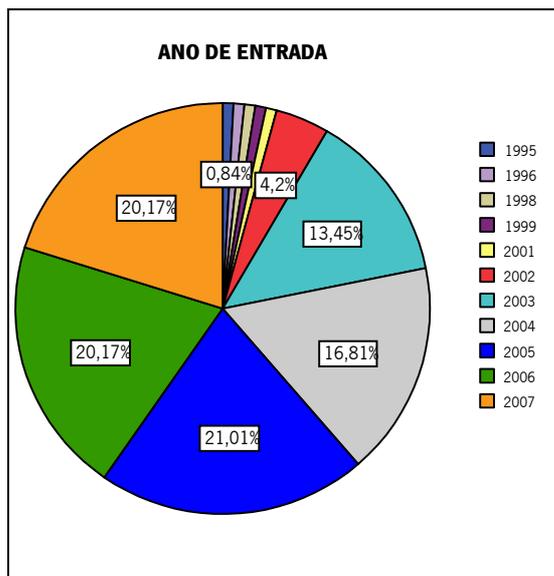


Gráfico 2 - Distribuição dos animadores por ano de entrada no movimento

Assumindo que entraram com 18/19 anos estes nasceram entre os anos de 1983 e 1989 tendo, desta forma, no ano de 2007/2008 entre 18/19 anos e 24/25 anos de idade, sendo que os animadores, no seu primeiro ano como tal, não animam campo, participando, apenas e, obrigatoriamente no campo de formação³².

Quanto às suas qualificações são maioritariamente alunos universitários, em várias áreas de conhecimento.

Alguns animadores associam as suas actividades extra-curriculares ao facto de viverem este espírito campinaciano, mesmo que algumas dessas actividades não estejam relacionadas com o movimento. Esta relação faz-se apenas, pela auto-estima, o à vontade, pelo despertar de interesses e aprendizagens que os campos fomentam, permitindo uma mudança na personalidade das pessoas que se reflecte no modo de estar na vida e na sociedade, na fomentação de valores e na escolha de opções a tomar.

Tudo o que eu faço, tem um toquezinho Campinaciano, até porque eu era uma pessoa totalmente diferente se nunca tivesse feito campos (Testemunho de um animador do CAIC).

O facto de ter começado (...) a fazer Campinácios foi (...) uma mudança bastante forte, na minha vida e na minha personalidade. Tornou-me uma pessoa mais interactiva, muito menos introvertida. Fez com que sentisse muito mais segurança e confiança em mim, ao conseguir realizar com êxito teatros e actividades em grupo.

Estabelecer novas relações e ter mil histórias em comum com as amigas que já tinha, permitiu-me sem dúvida começar a fazer parte do grupo e a arriscar em actividades novas (Testemunho de uma animadora do CC).

³² Esta é uma das mudanças a fazer no processo de formação no ano de 2008/2009. Pretende-se que este campo seja organizado de modo a que os animadores que nele participem possam animar outros campos que se realizem no mesmo ano em datas posteriores.

2. DIRECÇÃO LOCAL DO COLÉGIO DAS CALDINHAS

2.1. ESTRUTURA DA DLCC

As DL's, como já vimos, são os membros executivos e deliberativos a nível local do movimento. A elas cabe-lhes a planificação, execução e supervisão das actividades atribuídas pela DN e por iniciativas próprias que divulgam o movimento e as suas actividades independentemente do colégio que as organize. Estas são constituídas por três a cinco membros sendo o coordenador local quem encabeça a estrutura em mandatos de dois anos. No processo de eleição da nova DL todos os animadores são chamados a votar, numa reunião, por voto secreto em três animadores. Estes são, depois entregues ao director do colégio que fará a contagem e aceita ou não os animadores com mais votos em conformidade com a opinião da DL anterior³³.

A DLCC é composta, deste modo, pelo Coordenador Local que é professor na instituição, por um Jesuíta (aquele que está a fazer magistério no colégio) e por três animadores, sendo que um deles exerce, ainda, a função de Coordenador Nacional do movimento.

2.2. PLANO DE ACTIVIDADES DA DLCC

Cada DL define o seu plano de actividades e apresenta-o à DN para ser aprovado. Tendo como actividade principal os campos de férias que realizam no verão os Campinácios não descumram das outras actividades que durante o ano lembram e mantêm nos animadores e participantes o seu espírito como por exemplo a Ceia de Natal e a recolha de alimentos para o Banco Alimentar e, por isso pretendendo que todos (membros da Direcção Local, animadores e participantes) possam participar nas actividades programadas na planificação do plano de actividades contempla-se: as reuniões da DN; as reuniões da DL; as reuniões e encontro mensal de

³³ O processo de votação das DL's está, actualmente, a sofrer algumas alterações. Neste sentido, pretende-se que o Coordenador Local seja um educador do colégio, podendo dedicar-se mais ao movimento de modo mais permanente e que os animadores sejam sugeridos e não votados.

animadores com missa dedicada a um escalão de participantes; as actividades nacionais (como é o caso do EN e ENA); as actividades do colégio (comemorações festivas: Beato Nuno, Sto. Inácio de Loyola, Festa das Famílias) e as actividades da pastoral do colégio, uma vez que a maioria dos animadores de Campinácios estão, também animadores destas actividades.

Em anexo segue o plano de actividades da DLCC para o ano lectivo de 2008/2009.

2.3. AS REUNIÕES DE ANIMADORES DA DLCC

As reuniões de animadores da DLCC são mensais e estão programadas, salvo excepções, para o último sábado de cada mês. Estas têm como objectivo dar a conhecer as decisões da DN e DL, avaliar actividades, escolher e eleger equipas de trabalho para a realização de actividades entre outras coisas.

As reuniões mensais de animadores são antecedidas por uma missa na capela do colégio para a qual todos os animadores e participantes estão convidados e, aproveitando para reforçar as vivências do acampamento ao longo de todo o ano, dedica-se uma missa a cada escalão dos campos de verão. É tarefa de cada equipa de animação a recepção aos participantes e a programação do dia de convívio entre participantes e animadores, normalmente com almoço ou lanche partilhado, tarde de jogos e/ou visionamento de fotos para relembrar os dez dias de campo. É tarefa, ainda, da equipa de animação e participantes a organização e animação da eucaristia.

2.4. ANIMADORES DA DLCC

No ano lectivo de 2008/2009 a DLCC tem cerca de oitenta animadores (80) distribuídos do seguinte modo por ano de entrada:

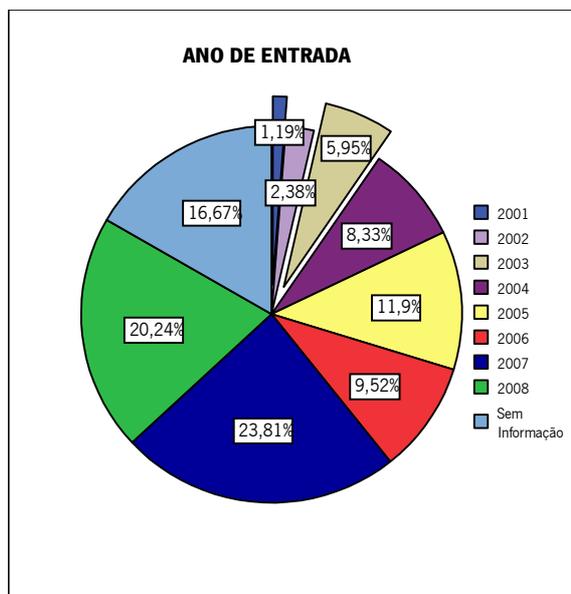


Gráfico 3 - Distribuição dos animadores DLCC por ano de entrada

Estes são maioritariamente alunos universitários, estando por isso dentro da faixa etária dos 18/19 aos 24/25 anos como podemos observar nos gráficos a seguir.

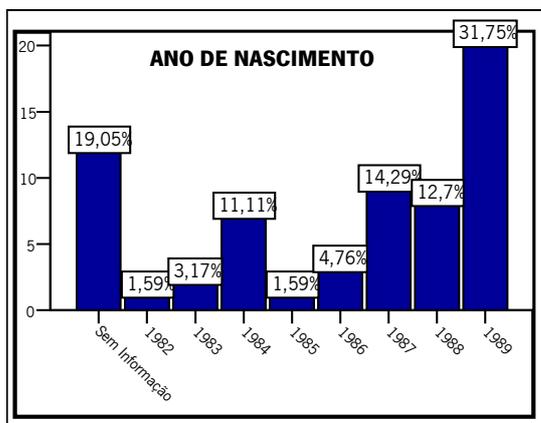


Gráfico 4 - Distribuição, em percentagem, do ano de nascimento dos animadores da DLCC referente ao ano lectivo de 2007/2008

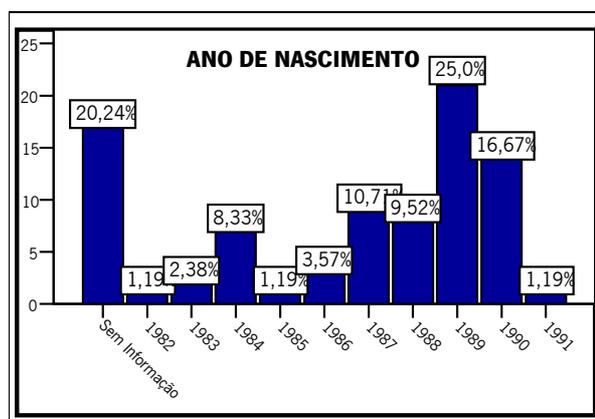


Gráfico 5 - Distribuição, em percentagem, do ano de nascimento dos animadores da DLCC referente ao ano lectivo de 2008/2009

Analisando o ano de nascimento dos animadores concluímos que no ano de 2007/2008 mais de 30% dos animadores (31,75%) correspondia aos animadores mais novos – animadores em formação (18/19 anos), seguido pelos animadores nascidos em 1987 (20/21 anos), animadores nascidos em 1988 (19/20 anos), nascidos em 1984 (23/24 anos) e, os animadores nascidos em 1986 (21/22 anos).

No ano de 2008/2009 os animadores nascidos em 1989 continuam a ter maior representação, agora com 19/20 anos, de seguida os animadores nascidos em 1990 (18/19 anos) – animadores em formação, os animadores nascidos em 1987 (21/22 anos), nascidos em 1988 (20/21 anos) e nascidos em 1984 (24/25 anos).

Relativamente à distribuição por sexo verificamos um aumento da participação feminina no ano 2008/2009 em comparação ao ano anterior. Contudo, apesar de ser uma subida de cerca de 10% esta constatação não tem muita importância, dado que analisando anos anteriores se observa tanto uma subida como descida, no que diz respeito ao número de animadores e animadoras. É importante referir, deste modo, que ambos os sexos são representativos no total dos animadores do movimento.



Gráfico 6 - Distribuição, em percentagem, por sexo dos animadores da DLCC no ano lectivo 2007/2008

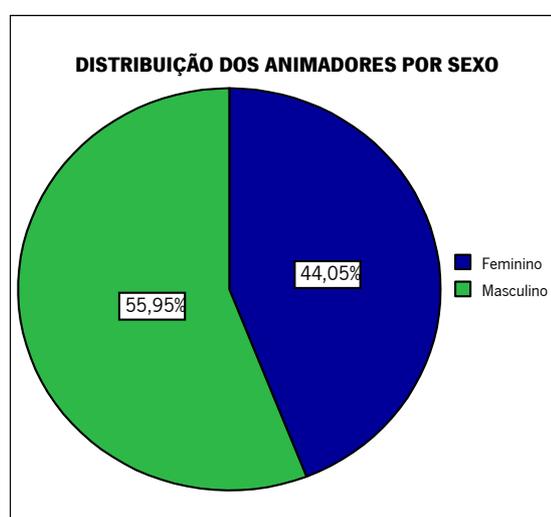


Gráfico 7 - Distribuição, em percentagem, por sexo dos animadores da DLCC no ano lectivo 2008/2009

Fazendo uma breve análise mais de 50% dos animadores da DLCC participaram, enquanto participantes em dois ou três campos, 28,57% e 20,41% respectivamente. Em contrapartida os animadores que fizeram cinco campos são os menos representados com apenas 2,04%.

No que diz respeito ao número de campos animados os mais representativos com 26,48% são um ou dois campos. Mais de 50% dos animadores ainda não animaram nenhum campo sendo a explicação, para a maior parte destes casos, o facto de se encontrarem no ano de formação. De referir que neste número estão os animadores que entraram em 2007/2008 e em 2008/2009.

3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A nossa amostra é constituída por cinco animadores, três do sexo masculino e duas do sexo feminino com idades entre os 21 e os 26 anos de idade e dos quais três são estudantes universitários, um licenciado empregado e, outro licenciado que prossegue estudos para a obtenção de outro grau académico. Algumas das questões do guião de entrevista foram colocadas ao AN, de modo a complementar as respostas dos animadores e, também para ter uma base de comparação entre as perspectivas dos animadores e as do movimento.

3.1. PERSPECTIVA E VIVÊNCIAS DO MOVIMENTO ENQUANTO PARTICIPANTE

3.1.1. MOTIVAÇÕES PARA PARTICIPAR NUM ACAMPAMENTO

No nosso dia-a-dia sofremos constantemente influências daqueles que nos rodeiam e, muitas vezes, pela intensidade com a qual estas nos são transmitidas acabamos por não lhes resistir. Neste sentido, o **testemunho dos participantes** é talvez a principal motivação para que os alunos dos colégios se inscrevam pela primeira vez num campo de férias dos Campinácios. Estes dão a conhecer o movimento a quem os rodeia ao mesmo tempo que os influenciam a conhecer e a experimentar.

Esta ideia é partilhada pelo AN e pelos animadores entrevistados. O primeiro diz que os alunos que fazem campos e gostam acabam por falar acerca do campo fazendo com que os outros se entusiasmem, indo, pela primeira vez, a reboque dos primeiros: *Há alunos que fizeram campos que gostaram e que vão falando depois com os colegas, vão falando na turma e esse miúdo começa-se a entusiasmar e vai a reboque dos amigos* (B3.6)

Quanto aos animadores entrevistados, estes são os primeiros a reconhecer que foram influenciados a participar num campo de férias, pela primeira vez, sendo a **insistência dos amigos**: *quase todos faziam parte dos campos de férias, pelo menos o grupo mais chegado (...)*

*gostavam tanto daquilo que eu tive de ir experimentar (B3.2) e a **curiosidade** de saber como é: Ouvir toda a gente a dizer que aquilo muda a vida das pessoas, que aquilo é uma experiência única (B3.1) as principais razões que os levaram a participar.*

Os **pais** e a **divulgação dos campos de férias** por parte das DL's e seus animadores são, também, factores importantes. Tendo os Campinácios quase vinte anos de existência tornam-se cada vez mais conhecidos, não só pelos alunos mas também pelos encarregados de educação. Deste modo, reconhecendo, os pais, o movimento como uma mais valia acabam, muitas vezes, por inscrever os filhos ou motivá-los para que estes participem num campo: *Outro factor que pode levá-los a inscrever-se pela primeira vez é os pais (...) reconhecerem que é uma mais valia (...) e, então são os pais que inscrevem o miúdo ou que o entusiasmam a ir (B3.6).*

A estas razões acrescentamos, ainda, a **oportunidade de participar num campo**: *sei que não tinha muitos amigos a fazer campos, mas lembro-me que na altura (...) houve mais publicidade e o que ouvi sobre o que eram os Campinácios (...) entusiasmei-me bastante e por isso inscrevi-me, fui e confirmei que gostava (B3.3).*

Com estas entrevistas apercebemo-nos que, pelo menos na altura em que os entrevistados eram alunos, a **publicidade que se fazia ao movimento parece não ser suficiente**: *o que me levou a não fazer campo no meu primeiro ano (...) foi (...) a ausência de contacto com qualquer tipo de publicidade aos mesmos (B2.3) associando-se, a esta condição, a **falta de interesse**, por parte destes, pelas actividades do movimento: *quando ouvia pessoas a falarem-me dos campos, aquilo, inicialmente não me dizia nada, não me dizia assim nada demais (B2.4).**

Ao longo do tempo assiste-se a uma maior procura do movimento por parte dos alunos. Isto significa, no nosso ponto de vista, que para além do movimento estar a ganhar mais participantes pelo testemunho dos que participam e pela maior publicidade que se faça também é extremamente importante o **papel que a DL e os animadores** têm nesta publicidade.

O facto de abdicarem do seu tempo livre, muitas vezes em prejuízo dos estudos, da vida pessoal, do descanso, para se dedicarem mais ao movimento, para passarem mais tempo no colégio, irem de sala em sala informar os alunos das actividades que se vão realizar, do início do prazo para as inscrições do EN, dos acampamentos ou de outra actividade possibilitam dar a

conhecer o movimento a um maior número de pessoas: *como membro da DL e DN acabas por dar ainda mais do teu tempo pessoal em prol do movimento e só quem por lá passa sabe que ao fim do ano são mesmo muitas horas e muitos dias dedicados a um trabalho muitas vezes imperceptível* (F1.3).

Deste modo, entendemos que a DLCC está muito aplicada na promoção e divulgação do movimento e das suas actividades tentando estar presente na vida quotidiana do colégio e não apenas na época das pré-inscrições para os campos de férias. Além disso, tenta proporcionar experiências únicas e cada vez mais aliciantes aos seus participantes. Com efeito, na interacção com os participantes é visível o seu entusiasmo e a sua vontade de estar presente no movimento ao longo do ano. Por questões de casualidade acompanhamos, ao longo desta investigação, alguns participantes que tiveram contacto com o movimento pela primeira vez e outros para quem os Campinácios já não são novidade e, conseguimos observar em ambos os casos a expectativa do que iria acontecer nos EN's, na Ceia de Natal e nos campos de verão e, depois, a satisfação e a alegria em ter participado.

No que diz respeito aos animadores acreditamos que o facto de muitos deles continuarem ligados ao colégio, participando nas suas actividades e celebrações e, especialmente, nas actividades da pastoral, possibilita uma aproximação com os participantes e possíveis participantes. Nesta relação o animador acaba por partilhar a sua experiência, o seu modo de viver e de estar na vida o que acaba por influenciar os alunos, nem que seja apenas pela curiosidade que consegue levantar.

Com efeito, no nosso ponto de vista, as **actividades da pastoral** acabam por ter influência na participação dos alunos nos campos de férias. Muitos deles, principalmente alunos de secundário, decidem fazer campo depois de terem participado em uma ou mais actividades da pastoral: *Foi por causa de uma actividade da pastoral dos colégios (...) tem a ver com os Campinácios mas não é a mesma coisa (...) e no final daqueles dias, (...) senti-me muito bem tratado ali e senti-me bastante feliz no meio daquelas pessoas e sabia que elas iam fazer campo* (B3.4).

Em síntese, acreditamos que o grupo de pares tem uma grande influência na decisão de participar ou não num campo de férias, pelo testemunho dos que fizeram e que acabam por

provocar a curiosidade nos que não fizeram e, por isso, vão experimentar; pela insistência constante para que participem e pela experiência das actividades da pastoral onde se começa a viver o espírito inaciano e onde se está em contacto com outros participantes dos Campinácios (como referiram dois dos nossos entrevistados, o facto de participarem numa actividade da pastoral foi uma das motivações para que experimentassem os campos de férias, pelo ambiente que se vive na actividade mas também pelas pessoas com quem se partilha essa actividade).

3.1.2. EXPERIÊNCIAS, APRENDIZAGENS E SUAS APLICAÇÕES NO QUOTIDIANO

À medida que chega o verão começam a aumentar as expectativas de como serão os campos de férias. Para os estreantes a interrogação de como vai ser, para os repetentes, em primeiro lugar, a ansiedade de voltar a encontrar alguns dos participantes do ano anterior e, depois, a curiosidade se vai ser melhor do que o último, sendo que em ambos os casos as primeiras impressões são, talvez, as mais marcantes.

Quando se chega ao lugar do campo parece que se entra noutra realidade. O facto de estar longe de casa durante dez dias sem a companhia dos familiares mais próximos, sem o conforto a que estamos habituados, a televisão, o computador e o telemóvel é já por si só uma experiência única. Acarretado a esta condição, o ter de partilhar tendas com pessoas, que por vezes, não se conhece ou com quem não se tem grande confiança; o ter de formar uma equipa na qual não se teve opção de escolha e com a qual se tem tarefas a cumprir; o trabalhar para os outros (na cozinha a ajudar a preparar as refeições ou lavar a loiça, por exemplo); o dormir em sacos-camas, o tomar banho no rio e, o ter momentos de reflexão enriquece essa experiência.

Quando interrogados acerca da experiência dos seus primeiros campos como participantes, os animadores sublinham, como factores marcantes e responsáveis pela continuação no movimento, a **simplicidade** que se vive e se partilha durante aqueles dez dias: *acho que se leva tudo com muito mais simplicidade* (B5.2); a **relação que se cria com os outros**, participantes e animadores, tendo a oportunidade de conhecer alunos dos outros dois colégios e muitas vezes aprofundar amizades entre alunos do mesmo: *a questão das relações serem autênticas, serem simples e, se continuadas (...) podem vir a ser verdadeiras* (B5.4); o **local de**

campo, normalmente isolado: *se calhar por causa de sabermos que estamos no meio do nada* (B5.5); o **espírito de serviço** dos animadores: *o que mais me marcou foi a postura dos animadores, dessas pessoas que estão lá mesmo para nos ajudar* (B6.1) e, o **conhecimento de Jesus**: *que passa estas coisas todas, quer dizer, não faz sentido ser simples num campo, se for só uma experiência que depois passa, faz sentido ser simples porque estamos a aprender com Jesus um estilo de vida simples* (B5.4).

Acrescenta-se ainda a esta lista a **magia**, como afirma um dos entrevistados, que se vive durante aqueles dez dias de campo de férias. Uma magia que é difícil, para não dizer impossível, de se expressar por palavras, que nos transporta para um mundo diferente, um mundo onde se vive na simplicidade com os outros, com a natureza e com Deus, onde todos são tratados como iguais e onde se fazem amizades para a vida, um mundo onde a melhor recompensa que se ganha é o sorriso e o abraço do outro.

Neste sentido, podemos dizer que o que mais os marcou e, que no fundo é o que marca todos os participantes dos campos de férias dos Campinácios, é o **ambiente do campo**. Ali, consegue-se reproduzir uma verdadeira comunidade cristã onde o evangelho é vivido na prática e, por isso, segundo o AN *o que mais marca os miúdos sem eles se aperceberem disso é a experiência espiritual de um campo de férias, embora eles não o consigam verbalizar desta forma* (B5.6).

São estas experiências que vivenciadas e reflectidas se podem tornar ou não em aprendizagens que os participantes trazem de um campo de férias. Isto porque quando questionados sobre as aprendizagens e suas implicações na vida quotidiana, os animadores afirmam como aprendizagens do campo o **desejo de continuar nos Campinácios**, mostrando e dando a conhecer aos outros o movimento: *A maior aprendizagem que se traz do campo (...) é ter vontade de continuar no movimento* (B6.1), o **desejo de dar a conhecer o movimento aos outros**: *tentar passar para fora (...) esta maneira de estar* (B6.2); o **Espírito de serviço**: *Foi a primeira vez que fui chamado (...) a servir, trabalhar pelos outros e para os outros (...) É obvio que me marcou e que teve consequências para o resto da vida* (B6.3); o **respeito pelos outros, a confiança nos outros e a valorização das coisas**: *aprendemos mais a respeitar os outros, aprendemos mais a saber dar valor às coisas da vida, a estarmos atentos aos outros, a estarmos atentos a nós próprios e a saber confiar nas pessoas* (B6.1) e, o **contacto diferente com a**

religião: *Foi nos campos que pela primeira vez falei de Deus e de Jesus num ambiente diferente do ambiente pesado da paróquia (B6.3).*

Os campos de férias têm como fim último a adopção, por parte dos seus participantes do estilo de vida que lá se pratica o que origina, no fundo, uma mudança no modo de se estar e de se viver a vida. E até parece, pelo menos, nos primeiros dias após o fim do campo que se conseguiu alcançar este fim: *Tu saís do campo, chegas a casa e naqueles primeiros dias é tudo completamente diferente (B6.5).* Contudo, não passa de efeitos imediatos do campo e com o passar do tempo as coisas voltam ao que eram. Isto porque, esta adopção, nas palavras do AN implica, acima de tudo uma conversão do coração que não se faz no campo. Pode começar no campo, mas é um processo complexo e lento e é, por isso, normal que com o passar do tempo as coisas voltem à rotina a que estavam habituados.

Isto acontece porque, quando os participantes regressam à escola e às suas vidas deparam-se, em primeiro lugar, com pessoas que não tendo vivido a mesma experiência não a compreendem nem estão abertos a esse novo modo de relacionamento e, em segundo, muitas vezes os valores que se transmitem e se vivem no campo como a solidariedade, o serviço, a amizade e a boa convivência são opostas aos que predominam na sociedade de hoje onde impera o egoísmo, o isolamento e a importância de primeiro satisfazer as necessidades pessoais e só depois as dos outros.

Mesmo assim, depois do campo há algo dentro dos participantes que vem diferente, aqueles dez dias não foram, nem pretendem ser apenas dez dias fora de casa. Lá criaram-se as oportunidades para que depois os participantes possam ter uma postura diferente no dia-a-dia e, que completada pelas actividades do colégio e do movimento ao longo do ano proporcionam a tomada de consciência que afinal é possível transpor esse modo de estar dos campos para o quotidiano de cada um: *Cada miúdo tem e é um dom dos Campinácios, é algo que também os Campinácios lhe deu de uma maneira muito particular, porque não há o dom em geral e abstracto mas, há as coisas recebidas em particular que são de facto a grande proposta dos Campinácios, que é dar a cada um. Por mais que seja uma coisa comunitária, é servir no prato para que depois, também, o outro o sirva (F1.4).*

Deste modo e apesar de ser um processo lento, o modo de estar na vida transmitido pelos Campinácios é a premissa que associada a um caminho de conversão do coração origina as transformações ocorridas nos participantes depois de um campo de férias. Parando e reflectindo um pouco, os animadores acreditam que estas transformações passam pela maior **abertura aos outros**: *perceber que é possível estar na vida, estar no dia-a-dia não (...) centrado em mim, mas a fazer as coisas com o pensamento também nos outros, respeitando-os* (B7.3); pelo **auto-crescimento e aceitação de como se é**: *Ajudou-me, pelas características tão diferentes que fui vendo em tanta gente nos campos (...) a tentar ser cada vez mais humilde, a perceber que realmente todos os meus defeitos e qualidades e a vida que tenho são dons de Deus e que por isso devo procurar sempre viver na humildade. (...) Sinto que também me ajudou no respeito pela diferença das pessoas à minha volta* (B7.3) e, pela **forma de se ver Deus e Jesus**: *Os campos deram-me uma visão diferente da visão castigadora de Deus que me tinha sido transmitida até aí. Conheci um Deus que liberta e que me dá força* (B7.3).

Assim, podemos concluir que o movimento dá a conhecer aos seus participantes um estilo de vida mais centrado nos outros e em Deus pretendendo que cada um opte por esse modo de estar. Contudo, esta opção nunca é impingida, na realidade, ela tem de ser pensada e reflectida. Cada um tem de tomar consciência do que esta opção acarreta e depois assumi-la como modo de estar no mundo. Por isso as transformações, muitas das quais poderemos dizer que são “acordadas” nos dez dias de campo, passam essencialmente pelo tomar consciência do papel de cada um, na importância do outro e de Deus.

3.1.3. DEFINIÇÃO DO MOVIMENTO

Dos cinco animadores entrevistados quatro apenas fizeram campo de Lambretas ou seja tiveram o seu primeiro contacto com o movimento somente no secundário, apesar de já frequentarem o CC em anos anteriores.

Enquanto alunos do CC sabiam da existência de um grupo que no verão fazia uns acampamentos no meio da mata contudo, o seu conhecimento acerca do movimento ficava por aí e, só quando participam em actividades organizadas pela pastoral do colégio é que começam a mostrar algum interesse em conhecer o movimento. Talvez pelo contacto com outras pessoas que já faziam campos e, mais uma vez fica sustentada a ideia da importância do testemunho e da influência do grupo de pares e, também porque nessas actividades se vivencia, de forma mais profunda, a espiritualidade inaciana: *Eu só me interessei mesmo pelo movimento quando comecei a fazer as actividades da pastoral* (B8.5).

Assim, os animadores entrevistados, enquanto alunos do colégio não tinham uma opinião bem fundada acerca dos Campinácios. Era algo que existia no colégio mas que não lhes dizia nada de especial: *Eu não tinha muita noção, só tinha (...) do que os outros diziam, que era (...) estar dez dias num campo com outros tipos todos sujos (...) achava que era mais ou menos como os campos que eu fazia (...), por isso é que não me chamou mais cedo até* (B8.2).

Apercebemo-nos contudo, que após a primeira experiência a opinião muda, apesar de ainda não ser segundo a perspectiva que mais tarde, como animadores apresentam, de um modo geral os campos eram o ponto mais alto das férias sendo descrito como: *Uma festa. (...) Divertia-me, conhecia gente nova, estava em contacto com a natureza, tinha momentos de reflexão (...) Era obviamente o ponto alto das férias. Tudo era diferente, as pessoas eram diferentes, os sítios eram completamente diferentes daqueles em que eu costumava estar, mesmo a noção do tempo era diferente, com essa história de andar sem relógio... Tudo era diferente mas ao mesmo tempo tudo era natural* (B8.3).

Assistimos, assim, ao movimento, inicialmente entendido como um campo de férias, um espaço de diversão num local isolado e, se dorme em tendas e sacos - cama, que permite o

contacto com a natureza e com pessoas da mesma idade dos outros dois colégios e onde se fala e reflecte sobre a religião, sobre o que Deus espera de cada um de nós.

3.2. PERSPECTIVAS E VIVÊNCIAS DO MOVIMENTO ENQUANTO ANIMADOR

3.2.1. MOTIVAÇÕES PARA SER ANIMADOR

A partir do momento em que se entra para o movimento o **desejo de se continuar** nele é muito forte: *Claro, que a partir do momento em que comecei a fazer campos desejava ser animadora, gostava de continuar a fazer* (C3.4). No entanto, na sua maioria, os entrevistados dizem que não sabiam como se efectuava o processo de recrutamento de animadores nem quais eram os seus critérios de escolha³⁴: *Na altura não e não sei se os outros tinham* (C3.2).

Esta razão pode ser explicada pelo facto do processo de avaliação ainda não estar totalmente definido. Apesar de seguir a mesma estrutura, este, para dar respostas às lacunas apontadas pelos animadores em formação e pelos responsáveis pelo processo, tem vindo a sofrer pequenas alterações ao longo dos anos, como foi o caso, por exemplo, da passagem dos dois anos de formação para um ano.

Outra das razões pode dever-se ao facto dos animadores entrevistados terem feito apenas um ou dois campos de Lambretas, ou mesmo nenhum, ou seja, acabaram por não ter um contacto, tão profundo, com o movimento como os alunos que fizeram campo desde o 5.º ano. E, por fim, uma outra razão poderá ser o facto de apesar de os participantes mostrarem interesse e desejo em tornar-se, um dia mais tarde, animadores não terem conhecimento de como funciona o processo de recrutamento de animadores.

No entanto é de salientar que o campo de Lambretas é um campo normal e que não tem como objectivo observar e avaliar possíveis animadores pois, o movimento pretende dar a

³⁴ Normalmente os futuros animadores do movimento são participantes dos campos de lambretas, aliás fazer este campo é um dos critérios de selecção.

oportunidade a todos aqueles que cheguem a Lambretas de se tornarem animadores sendo o filtro que os selecciona o processo de formação que todos têm de aceitar e cumprir.

Das razões apontadas pelos animadores para aceitarem o convite, apercebemo-nos que a vivência do movimento como participantes é forte de tal modo que o desejo de continuar a fazer parte deste é grande, nas palavras do AN, antigo participante do movimento, *comecei a fazer aos onze anos e nunca mais deixei de fazer campos e, faço todos os anos campos de férias, continuo a gostar muito* (C14.6).

Por isso, depois do primeiro impacto a reacção imediata ao convite para ser animador foi aceitar, dado que depois de experimentar torna-se difícil voltar ao que era antes: *uma das coisas que marca é realmente a nossa vontade (...) de continuar nesta vida* (C4.1). Logo, as razões para aceitar o convite de ingressar no movimento, como animadores, para além, da **vontade de continuar no** movimento: *tinha imensa vontade de ser [animador]* (C4.2), foram, também, o **desejo de passar o testemunho**: *Aceitei porque achava que podia acrescentar alguma coisa aos miúdos, achava que podia dar um bom testemunho* (C4.3); o de **continuar no movimento ajudando-o também a crescer**: *Lembro-me, sobretudo, de ficar contente com o facto de poder participar nos temas em debate* (C3.3); o **responder a um apelo de compromisso com os outros**: *Embora fosse uma razão muito ligeira, na altura, havia já um desejo de me comprometer com algo que Deus me pedisse e isso era forte* (C4.4) e as **amizades**: *Embora a mais importante tenha sido o facto de muitos dos meus amigos estarem aí, sentia-me útil* (C4.4).

Analisando estas razões podemos concluir que o movimento teve na vida destes animadores, enquanto participantes, um papel muito importante na medida em que o desejo de continuar no movimento se observa não pelo facto de quererem, somente, repetir a experiência, mas acima de tudo darem o seu contributo para que o movimento continue a evoluir e a crescer, possibilitando, deste modo, aos novos participantes entrarem na aventura de se descobrirem a si mesmo, aos outros e Deus.

3.2.2. IMAGENS DOS ANIMADORES RELATIVAMENTE AO PAPEL E QUALIDADES DO ANIMADOR

Nos campos de férias o animador tem um papel fundamental na execução dos objectivos do movimento. Este é o responsável pelos participantes e por tudo o que possa acontecer no campo. Por isso, para os entrevistados, ser animador de Campinácios não é apenas animar uns campos de férias no verão, é **adoptar um modo de vida e não ter receio de o mostrar**, um modo de vida que passa por estar aberto e disponível para os outros: *eu acho que ser animador de Campinácios é exactamente conseguir trazer para fora a maneira de estar no campo, a maneira de estar atenta aos outros, o serviço, de ser o primeiro a oferecer-se para fazer qualquer coisa, (...) ser humilde (...) acho que passa por trazer (...) a maneira como nós estamos num campo de férias, (...) cá para fora* (C5.2), **por ser coerente nas opções que se faz**: *Fora do campo acho que é preciso ser coerente com o que se pede a um animador num campo sobretudo na parte da relação com os outros. Também deve ser obviamente coerente a nível do testemunho de fé (...) acho que é preciso também ser bastante coerente ao nível do serviço aos outros. (...) Os animadores devem ser pessoas com disponibilidade natural para servir os outros* (C5.3) e, **que se conhece e reconhece as suas qualidades e defeitos**: *um bom animador tem um bom conhecimento de si próprio, das suas capacidades e limitações* (C5.3).

E, por isso, todos entrevistados têm noção que o papel que o animador tem no campo é o de ser **exemplo e modelo**: *tentar passar para os miúdos um bocado daquilo que nós aprendemos e fazer com que eles cresçam como pessoas e seguindo os quatro pilares* (C6.5) e o **de mostrar o bom deste modo de viver e de estar na vida, de agir, de estar disponíveis para os outros e atentos aos outros**: *Ser disponível para fazer o que é preciso (...) e acima de tudo ser uma pessoa atenta* (C6.4). Deste modo, ser animador de Campinácios é ser um **educador** que mantém com os participantes não uma relação formal de educador/educando, mas informal onde se transmite valores e ideias *por contágio, por relação, por testemunho* (C6.6).

Como referido anteriormente, os Campinácios pretendem que os seus participantes optem por um modo de estar na vida e que por vezes não é muito compatível com o que se vive na sociedade de hoje, o que torna mais difícil e complicado colocá-lo em prática, já que exige assumir perante todos esse modo diferente de estar correndo o risco de não ser compreendido. Contudo,

não podemos separar o animador do homem ou da mulher que cada um é e do papel que cada um exerce na sociedade. Na realidade para se ser um bom animador de Campinácios é, essencialmente, ser-se um bom animador na vida quotidiana sendo coerente com as escolhas que se fazem e com o estilo de vida que se vai, optando e alimentando durante os anos em que se é campinaciano.

Assim, quando interrogados acerca das qualidades de um bom animador de Campinácios, os entrevistados apontam a **responsabilidade, a disponibilidade, a versatilidade, a humildade, e acima de tudo o espírito de serviço, o autoconhecimento, a coerência, o ser cristão activo e ser uma pessoa animada (que não é o mesmo que ser divertido)** como algumas das qualidades essenciais. Estas são, também, algumas das características que o movimento reconhece como fundamentais nos seus animadores acrescentando mais algumas como, por exemplo, ser dinâmico, confiante, verdadeiro, exigente e rigoroso, atento aos outros, activo e desenrascado.

Um bom animador deste movimento é, assim, alguém que sente necessidade de contribuir para o crescimento pessoal, social e religioso dos que o rodeiam ao mesmo tempo que está aberto a novas aprendizagens e que se assume perante os outros como pessoa que está disponível para servir.

3.2.3. EXPERIÊNCIAS DE ANIMADOR

Quando interrogados acerca das experiências, principalmente da primeira vez que se animou, os entrevistados salientam a **insegurança** e o **receio**: *Marcou-me um bocadinho, mesmo pela falta de segurança (...) e não me sentia nada segura naquilo que fazia* (C8.1), segundo eles, natural por ser a primeira experiência, acompanhado pelo **entusiasmo de ser animador, de animar um escalão de que se gosta e de poder partilhar esta aventura com animadores que admiravam enquanto participantes**: *Foi espectacular por dois motivos (...) porque foi um campo de Triciclos (...) porque tive oportunidade de nesse campo animar com um animador que me tinha animado e que era um ídolo para mim* (C8.3).

Para os animadores em formação, mesmo com a experiência de fazer campos como participantes, é visível o receio de como vai ser a primeira experiência. É complicado, para não dizer impossível, prever tudo o que acontece no campo de férias e, por isso, por mais que durante o processo de formação se fale de tudo o que se faz, de tudo o que já aconteceu ou pode acontecer o que estes novos animadores precisam de saber é que estarão sempre acompanhados por animadores mais experientes que os apoiarão e ajudarão em tudo que precisarem, como sempre aconteceu: *sentia-me muito bem, gostei da equipa de animação, puxaram bastante por mim, corrigíamo-nos muito uns aos outros e éramos bastante, lá está, disponíveis e abertos* (C8:4).

Esta é uma das razões para que o movimento dê uma grande importância, no processo de formação, à parte espiritual pois, pretende, essencialmente, que os animadores em formação assumam a identidade de fundo do animador. No que respeita à parte técnica de fazer um campo de férias vai-se aprendendo com a experiência e com os participantes mais velhos.

Todos os animadores entrevistados, com excepção de um já exerceram pelo menos dois cargos diferentes em campos de férias (animador de equipa, animador livre, capelão, tia, director e director-adjunto). Apercebemo-nos, no entanto, que parece existir uma preferência pela função de animador de equipa por quem já o exerceu e por quem ainda não teve oportunidade de o desempenhar e, por isso, deseja exercê-lo. Segundo os entrevistados é talvez a posição mais importante do campo porque permite *acompanhar com mais atenção um grupo mais restrito de participantes* (C11.3).

No que diz respeito ao modo como se preparam para serem animadores do movimento todos referem o **ano de formação e o campo de formação** como sendo um momento chave: *Fiz um campo de formação que foi muito útil para me alertar para questões relacionadas com a filosofia dos campos, com a pedagogia que se pretende pôr em prática (C12.3)*, mas reconhecem que a **verdadeira formação dá-se durante o campo**: *eu acho que a tua grande formação acontece durante o campo porque é lá que tu realmente vês como é que tu lidas com as coisas que te vão acontecendo (C12.1)*

Outros aspectos referidos pelos entrevistados acerca do modo como se preparam para animarem um campo passa por se **imaginarem no campo, estarem presentes nos fins-de-semana de preparação** dos mesmos, **prepararem, procurarem e inventarem jogos** a desenvolver: *A maneira de me envolver é muito, preparar coisas para o campo*). E, depois, esperarem para ver como corre o campo porque é neste que a verdadeira formação acontece (C12.2).

No campo os momentos de partilha de anseios e receios são muito importantes para o seu bom funcionamento, para além de que, normalmente, acabam por fortalecer e unir a equipa de animação. Esta é a razão pela qual se dá bastante importância às reuniões diárias da equipa de animação no fim do dia, constituindo-se estas, também, como um modo de avaliar o dia e o exercício de cada um e programar o dia seguinte.

Neste momento o movimento, para além da formação de directores e mães não tem actividades de formação contínua para os animadores mais velhos, excepto actividades esporádicas que as DL's poderão desenvolver. Isto deve-se à pouca viabilidade dado que ocuparia tempo na vida dos animadores que neste momento não podem dispensar pelo facto de estudarem ou trabalharem e, pelas outras actividades que desenvolvem (relacionadas com os vários contextos em que se integram, como por exemplo actividades de animação associadas à pastoral; hobbies ou actividades extra-curriculares entre outras).

Assim, o movimento prefere apostar numa *rampa de lançamento* que os preparam para serem animadores, isto é, num bom ano de formação, onde estes assimilam as bases sólidas para serem bons cristãos, conhecem e interagem com outros contextos, como é o caso da Comunidade

de Vida Cristã para universitários (CVX-U) e dos centros universitários dos jesuítas para depois serem eles próprios a procurarem as actividades que mais lhes agradem.

Na perspectiva do movimento *se o primeiro ano de formação for uma rampa de lançamento para a vida deles de animadores e se lhes der bases sólidas para serem bons cristãos depois cada animador por si próprio vai querer procurar sítios onde possa continuar essa formação cristã e depois nos campos vão-lhes dando a formação específica, técnica de ser animador. É normal que um animador do primeiro ano, que está em formação que se insere num grupo de CVXU depois não acabe esse ano e sai do grupo, que vai querer continuar para os outros anos e o grupo continua como grupo (...). Também é normal que ao pertencerem a esses grupos e inserindo-se nos centros universitários dos jesuítas depois se interessem por outras acções de formação diferentes nos próprios centros universitários (C12.6).*

Quando interrogados acerca de que forma ser animador de Campinácios mudou as suas vidas estes afirmam que se tornaram mais **responsáveis, mais criativos e menos inibidos, mais simples e mais práticos**: *apela muito à criatividade (...) apela muito ao facto de tu te desinibires perante os outros porque há vários momentos num campo em que tu tens de fazer isso e, acho que de campo para campo eu vou (...) melhorando (C13.1), mais **perspicazes** e **conscientes de quando necessitam serem animadores ou animados**: *Ser mais perspicaz (...) ser animador é diferente de ser animado (...) é em cada sítio que estou perceber quando é que preciso de ser eu o animador (C13.2).**

O movimento faculta das **fomentação as amizades, o fortalecimento da fé e do espírito de serviço e proporciona o crescimento pelas experiências que se vivenciam**: *Influenciou a minha vida de diferentes formas: vários dos meus amigos conheci-os por animarmos campos juntos, muita da minha fé foi sendo fortalecida com o que aprendi e vivi enquanto animador, (...) foi nos campos que senti pela primeira vez a alegria profunda do serviço. E os campos influenciaram a minha vida, não só pelas experiências boas mas também pelas negativas, com as quais acho que cresci ainda mais do que com as boas (...). Ao ser animador percebi também que quanto mais tempo dedicas ao movimento mais valor ele ganha. E foi o facto de ser animador que me fez procurar ser cada vez mais uma pessoa coerente nas minhas atitudes (C13.3).*

Em síntese, concluímos que os animadores deste movimento assimilam os seus valores e ideais e os transportam para as suas vidas. Estes tomam consciência que as experiências e vivências do movimento os influênciam permitindo-lhes optar por uma postura mais activa na comunidade ao mesmo tempo que lhes proporciona um crescimento integral e global efectivo.

3.2.4. IMAGENS SOBRE O MOVIMENTO

Os Campinácios, como movimento de campo de férias proporciona aos seus participantes experiências únicas. Por isso, pelos seus animadores é definido como um movimento que tem como principal actividade os campos de férias, mas que é muito mais do que campos de férias. **É um movimento que regido pelos quatro pilares permite aos seus participantes experimentar um modo de estar na vida diferente:** *O movimento é excelente pelos valores que transmite e pelo que ajuda quer os participantes quer os animadores (C14.3).*

Do mesmo modo acaba por ser um **movimento onde todos se conhecem** pela participação nos campos e nas actividades que se fazem ao longo do ano, que mantém o espírito campinaciano, acabando por ganhar um lugar de relevância na vida de quem faz parte: *Um movimento quase de família porque nós acabamos por conhecer toda a gente (...) É um movimento de pessoas que gostam muito daquilo e depois, claro, é uma coisa que tentamos manter durante o ano. E é por isso que temos missas (...) ceia de natal, encontros nacionais (...). É isso, um movimento de campo de férias sempre com mais amigos (C14.2)*

E, mais do que uma experiência única, é um **curso intensivo de vida:** *Acho que se pode dizer, embora isto seja redutor, mas acho que se pode dizer que é um curso intensivo de vida (...) de um estilo de vida que tenta actualizar também o estilo de vida de Jesus (C14.4)*

Nas palavras do AN, institucionalmente, os Campinácios são um movimento de campos de férias que usa os campos de férias como meio para alcançar o objectivo dos colégios da Companhia de Jesus, que é *Educar para Servir* e, que chega aos seus participantes com grande intensidade porque parte de algo que estes gostam de fazer. Mas, mais do que um meio para

alcançar um objectivo, os Campinácios são um movimento de campos de férias que possibilita a descoberta de cada um de nós e de Deus.

O Eu, os Outros, a Natureza e Deus são os quatro pilares que regem este movimento e, de resto, os pilares da educação dos colégios. Quando questionados acerca da importância dos pilares no campo e no planeamento do mesmo as opiniões divergem, um pouco apesar de não serem opostas. Se, por um lado, há animadores que acham que os pilares são tidos em conta quando se está a planear o campo: *A equipa de animação tenta sempre nas reuniões de preparação ter os quatro pilares em conta* (C15.1) há outros que questionam até que ponto, estes são conscientemente lembrados: *Nunca se tem directamente em conta os quatro pilares do movimento* (C15.2), mas acrescentam que a estrutura do campo acaba por direccionar para os pilares: *essa estrutura, se calhar, não é muito pensada agora. No início, se calhar, foi pensada exactamente para trabalhar isso, a relação com os outros, com Deus, connosco, com a natureza* (C15.2). Esta ideia é partilhada pelo NA quando afirma que *de uma maneira geral os quatro pilares vão aparecendo ao longo da vida de um aluno no colégio que faz Campinácios [e] são sempre desenvolvidos num campo, para alguns mais explicitamente, para o director com certeza e a mamã, que são as pessoas que estão à frente, para outros se calhar mais implicitamente mas estão sempre presentes* (C15.6).

Todos concordam, contudo, que os pilares estão sempre presentes no campo, uns mais rapidamente identificados, mas todos eles importantes para o bom funcionamento do campo e para que o objectivo do próprio campo seja alcançado: *Deus (...) cada vez mais está presente como pilar fundamental (...). Os campos hoje em dia são muito pensados e estruturados (...) no sentido de conciliar as actividades com o tema dos BDS. Os pilares do “Eu”, e do “Outro”, inevitavelmente, pela intensidade que um campo tem, acabam sempre por estar muito presentes. Um campo é uma oportunidade única de aceitar o que sou e os meus limites e respeitar a diferença dos outros* (C15.3).

3.3. VIVÊNCIA DA FÉ

Estando os Campinácios associados à Companhia de Jesus torna-se pertinente questionar os animadores acerca do papel que a fé tem na vida de cada um. Esta é um elemento relevante nas suas vidas e no seu quotidiano tendo os Campinácios um papel importante no seu aprofundamento: *Um lugar de relevo porque acho que é isso (...) que me faz como sou, no fundo (...) ser um animador, de ter vontade de puxar pelos os outros, tentar ser humilde, tentar ajudar em tudo pela minha forma de estar, pela minha (...) fé em Jesus e pela minha vontade de ser como ele (...) em tudo* (D1.2).

É normal, por frequentarem um colégio da Companhia de Jesus e, conseqüentemente pelas actividades que este proporciona, os alunos terem uma maior proximidade com a fé comparativamente a outros jovens que não tenham sido educados no mesmo ambiente. Contudo, esta predisposição não é garantida, dado que muitos dos alunos dos colégios não sentem esta afinidade não participando nas actividades: *Eu sinto que só depois de começar a fazer Campinácios é que se calhar comecei a ver algumas coisas doutra maneira* (D1.5).

Assim, acreditamos que o movimento pelos valores que transmite e pelas vivências que proporciona influencia, cada vez mais, a fé de cada um. E a sua acção não se fica apenas pela influência, o movimento apoia e incentiva o aprofundamento desta através das várias actividades que propõem ou dá a conhecer, como é o caso por exemplo da CVX, dos centros universitários, os Exercícios Espirituais, o Curso Intensivo de Aprofundamento da fé, entre outras.

Associado ao movimento as actividades da pastoral, as quais grande parte dos animadores do movimento animam e grande parte dos alunos que fazem campos participam têm, também, uma grande responsabilidade no crescimento e aprofundamento desta fé fazendo com que animadores e participantes a assumam como um pilar fundamental nas suas vidas: *A fé faz parte da minha vida, é uma coisa difícil de explicar, (...) mas sinto um orgulho e uma vontade muito grandes de ter Jesus como modelo e aceitar tudo o que me acontece como algo que me é dado por Deus, sejam as boas oportunidades, como os momentos mais difíceis, sejam as qualidades ou os defeitos. E a partir da consciência de que tudo me é dado por Deus, viver em constante e profundo agradecimento, em vez da constante insatisfação* (D1.3).

Para concluir, a fé é entendida como elemento crucial na vida destes animadores sendo uma das características que se apontam aos animadores do movimento. Contudo, seria ingénuo pensar que esta, por si só, é a única razão para que os animadores passem dez dias num acampamento a dormirem em tendas e sacos-camas, a tomarem banho no rio e a tomarem conta de quarenta adolescentes ou jovens. Esta conjugada com o gosto de animar campos férias, com a oportunidade de encontrar os amigos e com eles partilharem estes dez dias de diversão, mas sobretudo de serviço aos outros, de partilha e de testemunho são as razões para o empenho, bom funcionamento e sucesso dos campos de férias.

Mesmo assim, o movimento teve e continua a ter um papel essencial na solidificação da fé sendo visível nas escolhas que fazem e na própria vontade de continuar a fazer parte desta grande família que são os Campinácios. Pois, todos os animadores durante o ano estão ocupados com os seus estudos ou trabalhos e abdicam das suas férias para darem testemunho, para contribuírem para o crescimento dos adolescentes e jovens e se não fosse a fé seria *fácil mandar tudo às malvas, com a fé percebes que há um compromisso maior que o teu gosto pessoal* (D1.4) porque *distanciado das coisas que te ocupam a cabeça durante o dia sentes-te muito mais livre e muito mais aberto para experimentar outro tipo de coisas, sensações. Acho que é muito mais fácil sentir Deus num campo do que cá fora, no dia-a-dia* (D1.1).

3.4. PARTICIPAÇÃO ASSOCIATIVA

De uma maneira geral todos os entrevistados estão ou estiveram associados a actividades que de algum modo estão relacionados com o movimento. Em primeiro lugar temos as actividades da pastoral seguidas por actividades de voluntariado, normalmente associadas aos centros universitários, e depois as actividades como participação em grupos de jovens, catequeses, associações, núcleos de estudantes, entre outros.

Os entrevistados têm alguma dificuldade em encontrar uma relação entre o movimento e as actividades que têm. Em alguns casos porque são da opinião que mesmo não que não tivessem feito campos de férias, pela sua maneira de ser estariam associados a alguma actividade de voluntariado: *em princípio adequa-se à minha maneira de ser* (F1.4). Contudo, de um modo geral,

concluem, tanto os entrevistados como os inquiridos no inquérito por questionário, que mesmo que não tenham uma relação directa com o movimento, relacionam-se pelo simples facto de que ao fazer campos e, conseqüentemente ao ser influenciados por eles, as opções, que feitas a seguir terão sido influenciadas pelos Campinácios. Esta ideia é partilhada pelos animadores quando referem a influência que o movimento teve nas opções que tomaram *(a influência do movimento nas actividades em que participo se por um lado é constante, por outro lado é geralmente indirecta: os campos influenciaram a minha vida. Logo se a minha participação nas várias actividades revelam o que eu sou, revelam também a influência dos campos em mim.*

Mesmo não havendo uma relação causa-efeito é evidente, em alguns casos, que o facto de participarem nos campos de férias permitem aos animadores e participantes ganharem o à vontade para estarem associados a algumas das actividades referidas. Isto não quer dizer que obrigatoriamente todos os animadores estejam associados a estas actividades, dado que o contrário também não se observa, mas por aquilo que o movimento tenta dar a cada participante e animador proporciona ferramentas para poderem intervir num contexto em que sintam necessidade ou desejo de intervir *(O à vontade que ganhei nos Campinácios de falar com as pessoas, animar, acho que também influencia (...) se calhar se não tivesse o treino dos Campinácios não me sentia tão à vontade).*

É conhecer, conviver, partilhar, animar, sorrir, gargalhar, espírito de missão, família, amor, Deus, boa disposição e muito, muito mais ... (Animador do CAIC).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos numa sociedade cada vez mais individualista onde predominam valores como o egoísmo, o individualismo, e a competição. As pessoas já não se conhecem como acontecia antigamente onde os vizinhos mantinham relações de amizade e de cooperação. Pelo contrário, hoje em dia, vivemos isolados no nosso mundo no qual não gostamos de ser incomodados.

Mas há quem não se contente com esta realidade e que, pelo menos, tenta fazer algo para a contrariar. Com o reconhecimento da educação contínua e ao longo da vida, bem como dos outros dois contextos de educação (não-formal e informal) esta tarefa, apesar de complexa, parece ter ficado mais fácil.

Não estando mais a educação restrita a um contexto (o escolar) e, conseqüentemente a um grupo de pessoas de uma determinada faixa etária (crianças e jovens em idade escolar) surgiram programas e actividades reconhecidas como educativas com finalidades e objectivos variados.

Os espaços de educação não-formal são espaços de aprendizagem e, na sociedade actual, tem um papel fundamental na formação integral dos jovens. Estes espaços constituem-se como oportunidades de os jovens adquirirem competências e habilidades em diversas áreas ao participarem em actividades que geram a consciencialização e compreensão dos direitos e deveres enquanto cidadãos, ao mesmo tempo, que promovem e fomentam atitudes e valores como a solidariedade, a justiça, o respeito pela diferença e pelos outros, o trabalho em equipa, o relacionamento interpessoal entre outros.

A ASC, entendida como uma actividade educativa promotora da transformação pessoal e social (Barbosa, 2006), ganha, então, o seu contexto privilegiado de acção, a educação não-formal onde passa a desenvolver actividades no campo educativo e social, nomeadamente no campo do associativismo. Contudo, isto não quer dizer que a ASC apenas esteja presente neste contexto, na realidade ela desempenha funções essenciais, também, nos contextos de educação formal e informal.

Assistimos, assim, à crescente importância da ASC na construção de uma nova sociedade, dado que pelos seus princípios e finalidades potencia aprendizagens e o desenvolvimento de novas atitudes como, por exemplo, a participação social. Assumindo-se como estratégia de acção e intervenção que cumpre com a responsabilidade social de criar oportunidades

de acção e envolvimento proporcionando aos indivíduos experiências positivas, facilitadoras do processo de crescimento e desenvolvimento (Freire, 2006), a ASC apresenta-se como um local privilegiado de formação, principalmente para os mais jovens que através do associativismo juvenil entram em contacto com esta sociedade.

O princípio base da ASC é a participação. Esta é o elemento que proporciona a mudança, uma vez que a ela está associado a intervenção e a acção. Contudo, verificamos a ausência de práticas de participação nos indivíduos e é aqui que o associativismo juvenil tem a oportunidade de se destacar.

Como já referimos, as associações juvenis são espaços privilegiados de aprendizagem da cidadania e de participação. Em Ventosa (1998) encontramos a ideia de que o associativismo infantil e juvenil é um dos melhores instrumentos para promover e desenvolver a participação das crianças, na medida em que permite canalizar as inquietudes e as aspirações juvenis para dentro do tecido social de, forma, a que as opiniões destes sejam tomadas em consideração.

A vida associativa tem, deste modo, um papel importante no crescimento e desenvolvimento dos jovens, uma vez que proporciona *uma aprendizagem da ajuda recíproca, o reconhecimento mútuo entre as pessoas, a busca de solidariedade. Ela cria uma moral que recusa o individualismo egoísta* (Gillet, 2006a:85). Assim, para além da intervenção responsável dos jovens, o associativismo juvenil favorece a aquisição de um conjunto de competências de relacionamento interpessoal, comunicação, liderança, trabalho em equipa, entre muitas outras, que lhes permitem intervir não só em contexto associativo mas também em todos os contextos em que estejam inseridos.

Ao longo da investigação sentimos algumas dificuldades em desenvolver o tema dos Campos de Férias dado que, pelo menos no nosso país, a bibliografia é quase inexistente. Acreditamos que esta situação se deve ao facto de se associarem os Campos de Férias à mera ocupação de tempos livres sem que lhes sejam atribuídos qualquer objectivo pedagógico ou educativo. Esta visão é, para nós, muito redutora. Na verdade entendemos os Campos de Férias como espaços onde a ASC, a Participação e o Associativismo ganham significado.

Exemplo disto mesmo é o sucesso dos Campinácios que há quase vinte anos promovem em contexto de educação não-formal um espaço, para os seus alunos, de auto e hetero - conhecimento apoiado nos pilares do EU, da relação com OUTROS, de DEUS e da NATUREZA.

Este movimento pretende que todos os seus participantes sejam indivíduos interventivos e de acção no contexto em que estão inseridos, ou seja, que façam uso da participação para modificarem a sociedade.

Entendendo a promoção da cidadania como a promoção e o desenvolvimento de sujeitos activos, críticos e solidários que assumem a exigência de uma ética democrática que se expressa no respeito pelos valores; na aceitação de um pluralismo que assume a diversidade e a divergência como valores que enriquecem; na aceitação do âmbito da cidadania como espaço de convivialidade, tolerância, pluralismo e multiculturalidade e, na transformação do público-espectador em participante-actor (Ander Egg, 2006), consideramos que os Campinácios, pelos pilares que o caracterizam, são um meio por excelência de ensinar cidadania e principalmente de a praticar.

Da análise desta investigação concluímos, ainda, que o movimento viabiliza de facto pelos seus pilares e características as bases para a modificação de comportamentos e pela opção por um modo de estar na vida um pouco diferente do que é usual nos nossos dias. Baseando-se nos fundamentos da pedagogia inaciana que comporta cinco degraus (contexto, experiência, reflexão, acção e avaliação) pretende conduzir para o desenvolvimento de uma cidadania activa e responsável através da formação global e integral do indivíduo.

Procurando dar continuidade ao objectivo dos colégios da Companhia de Jesus *Educar para Servir* este movimento proporciona aos seus participantes uma experiência única num acampamento longe da confusão da cidade, dos meios de comunicação e de todas aquelas coisas que nos parecem essenciais no quotidiano mas, que depois perdem a importância, como por exemplo o telemóvel, o relógio ou computador. Aqui, são convidados a apreciar a natureza, o silêncio, a relacionarem-se com os outros, numa perspectiva de entajuda e a reflectirem sobre a fé. Tudo isto com a ajuda dos animadores que têm um papel essencial no funcionamento do campo, mas também, no modo como cada participante vivencia esta experiência.

Este é um educador, um modelo para os participantes devendo dar o exemplo. A sua relação com o participante caracteriza-se por ser uma relação informal, como se de um irmão mais

velho se tratasse que dá o seu testemunho e transmite valores e ideais como a amizade, o respeito, o trabalho em equipa, a cooperação e a solidariedade, entre outros, por contágio. Deste modo, o animador deve adoptar o modo de estar na vida proposto pelo movimento. Este deve ser responsável; disponível e aberto aos outros; versátil; humilde; coerente; cristão; pessoa animada; dinâmico; confiante; exigente e rigoroso; activo e desenrascado.

O testemunho dos participantes e a sua insistência para que os amigos participem num campo de férias associados à divulgação dos campos por parte da DL e à curiosidade que tudo isto cria são os factores que influenciam a inscrição dos participantes pela primeira vez. Quanto à continuidade no movimento, enquanto participante, explica-se pela experiência do campo que se revela positiva apontando-se como factor primordial o ambiente do campo que se caracteriza pela simplicidade que se vive e se partilha, pela relação que se cria entre os participantes e entre estes e os animadores. Estão, então, criadas as condições para que se comecem a fazer sentir pequenas transformações comportamentais, acima de tudo, que passam por uma maior abertura aos outros, por um auto-crescimento e aceitação de como se é.

Com o final do ensino secundário, o desejo de continuar a fazer parte deste movimento é a razão essencial para que os ex participantes aceitem o convite para se tornarem animadores. Estes desejam passar o testemunho como outros lhes passaram ajudando o movimento a crescer e a influenciar a vida de mais participantes.

Nesta perspectiva, relativamente à questão da cidadania ensinada/aprendida – cidadania praticada, concluímos que a experiência do movimento proporciona aos seus participantes essa vivência sendo, depois, opção de cada um coloca-a em prática ou não.

No nosso ponto de vista, a cidadania ensinada/aprendida – cidadania praticada, quando colocada em prática, é visível, nos comportamentos dos animadores (antigos participantes), na medida em que a experiência do movimento os levou a aceitar o convite para serem animadores. Mas ser animador não se fica apenas por assumir a responsabilidade de programar, organizar e animar um campo de verão. Ser animador de Campinácios passa, essencialmente, por assumir o modo de vida que o movimento promove como estilo de vida.

BIBLIOGRAFIA

- AYUSO, I. (Coord.) (2002). *Animación Sociocultural Intervención multidisciplinar*. Editorial Formación ALCALÁ.
- ALMEIDA, J. (SJ) (2004) *Para Educar Melhor - Campos de Férias Inacianos*. Braga: AO.
- ALVAREZ, A. (2008). Animação Sociocultural com Jovens. In José Pereira, Manuel Vieites, Marcelino Lopes (coord.). *A Animação Sociocultural e os Desafios do Século XXI*. Ponte de Lima: Intervenção, pp. 184-191.
- AMBRÓSIO T. (2001). Educação – um futuro a construir. In Conselho Nacional de Educação (Org.). *Educação e Associativismo – para além da escola*. Lisboa: Ministério da Educação.
- ARMENGOL, C. (2004). Profissionalização e Voluntariado. In Jaume Trilla (1998). *Animação Sociocultural. Teorías, programas e ámbitos*. Lisboa: Editorial Ariel, pp. 281-292.
- ARMENGOL, C. (1993). *L' Educador Social i la seva formació*: Barcelona: Editorial Claret.
- ARNSTEIN, S. (2002). Uma escada da participação cidadã. Revista da Associação Brasileira para o Fortalecimento da Participação – PARTICIPE. Porto Alegre/Santa Cruz do Sul. Vol.2, nº2.
- ANDER EGG, E. (2006). A cidade educadora, como forma de fortalecimento da democracia e de uma cidadania activa e convivencial. In Américo Nunes PERES, Marcelino de Sousa LOPES, (coord.). *Animação, cidadania e participação*. Chaves: APAP, 156-193.
- ANDER EGG, E. (2000). *Metodología y práctica de la Animación Sociocultural*. Madrid: Editorial CCS.
- ANDER EGG, E. (1999). *O Léxico do Animador*. ANASC: Amarante.
- ANDER EGG, E. (1989). *La animación y los animadores*. Madrid: Narcea.
- ANDER EGG, E. (1987). *Metodología y práctica del Desarrollo de la Comunidad*. Editorial Humanitas.

- AZEVEDO, M. (2008). Animação Sociocultural e Valores. In José Pereira, Manuel Vieites, Marcelino Lopes (coord.). *A Animação Sociocultural e os Desafios do Século XXI*. Ponte de Lima: Intervenção, pp. 274-281.
- BARBOSA, M. (1999). Para Construir uma Nova Utilidade para a Escola: Educar para a Autonomia e Preparar para a Cidadania. In *Olhares Sobre a Educação, Autonomia e Cidadania*. Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- BARBOSA, F. (2006). Tempo Livre, Tempo de Anima. In Américo Nunes PERES, Marcelino de Sousa LOPES, (coord.). *Animação, cidadania e participação*. Chaves: APAP (pp.118-125).
- BELTRÃO, L. e NASCIMENTO, H. (2000). *O Desafio da Cidadania na Escola*. Lisboa: Editorial Presença.
- BELL, J. (1997). *Como Realizar um Projecto de Investigação*. Lisboa: Gradiva.
- BENTO, A. (2003). *Teatro e Animação: Outros Percursos do desenvolvimento sócio-cultural no Alto Alentejo*. Lisboa: Edições Colibri.
- BESNARD, P. (1991). *La animación sociocultural*. Barcelona: EDICIONES Paidós Ibérica, S.A.
- BIROU, A. (1978). *Dicionário das ciências sociais*. Lisboa: Dom Quixote.
- BOGDAN, R. & BIKLEN, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- CALVO, A. (2004). Animación Sociocultural en la Infancia, la Educación en el Tiempo Libre. In Trilla, Jaime (coord.). *Animación Sociocultural. Teorías, Programas y Ámbitos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- CALVO, A. (2006). *La animación sociocultural. Una estrategia educativa para la participación*. Madrid: Alianza Editorial, S.A.

- CARIDE J. (1986). Educación y Animación Sociocultural: la pedagogía social como modelo de intervención. In José Quintana (Coord.). *Fundamentos de Animación Sociocultural*. Madrid: Narcea Ediciones.
- CLAVES, E. (1994). *Gestión Participativa de las asociaciones*. Madrid: Editorial Popular.
- COELHO, A. (SJ) (2002). *Autobiografia de Santo Inácio de Loiola*. Braga: Editorial A.O.
- COSTA, A. (2004). *Cavaleiros ao Poder*. Plataforma Juvenil Cavaleiros.
- COSTA, A. (2008). *Animação Sócio-cultural e Protagonismo Juvenil*. Braga: Universidade do Minho (Tese de Mestrado).
- De Miguel, S (1995). *Perfil del Animador Sociocultural*. Madrid: Narcea.
- FERNANDES, A. (2005). *As / Os jovens e a participação cívica*. Disponível em: http://www.redejovensigualdade.org.pt/documenta/As_os_jovens_e_Participacao_Civica_ppolitica.pdf (último acesso 30/06/09).
- FERNANDES, J. (2003). *O Associativismo de Pais: no Limiar da Virtualidade*. Lisboa: Ministério da Educação.
- FERREIRA, F. (2006). Animação sociocultural e participação: o exemplo do Projecto OUSAM. In. Américo Nunes PERES, Marcelino de Sousa LOPES, (coord.). *Animação, cidadania e participação*. Chaves: APAP (pp. 48-59).
- FERREIRA, F. (2005). *O Local em Educação, animação, gestão e parceria*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- FERREIRA, F. (2004). Ambiguidades das políticas sociais contemporâneas: a participação sem participantes. In VIII Congresso Luso-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra: Centro de Estudos Sociais. *A Questão Social do Novo Milénio*. Coimbra, 16,17 e 18 de Setembro de 2004.
- FERREIRA, P. & SILVA, P. (2005). *O associativismo juvenil e a cidadania política*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

- FONSECA, A. (2000). *Educar para a Cidadania*. Porto: Porto Editora, Lda.
- FREIRE, P. (1975). *Pedagogia do Oprimido*. Porto: Afrontamento.
- FREIRE, (2006). O lazer e os Adolescentes: dinamizar o envolvimento, promover o crescimento, perspectivar o desenvolvimento. In Américo Nunes PERES, Marcelino de Sousa LOPES, (Coord.). *Animação, cidadania e participação*. Chaves: APAP (pp.140-148).
- FROUFE S. & SANCHEZ, M. (1994). *Construir la Animación Sociocultural*. Salamanca: Amarú Ediciones.
- FROUFE, S e SÁNCHEZ, M. (1990). *Animación Sociocultural. Nuevos enfoques*. Salamanca: Amarú.
- GARCIA, O. (2004). Animação comunitária nos processos de desenvolvimento. In José Correia e Rui Espiney (org.). *Inovação, Cidadania e Desenvolvimento Local*. Setúbal: Instituto das Comunidades Educativas.
- GARCIA, P. (1999). *Estratégias mediáticas do moderno associativismo e sua relação com os novos movimentos*. Disponível em www.lusocom.ics.uminho (último acesso 08/07/07).
- GIL, A. (1999). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Editora ATLAS (5.ª Edição).
- GILLET, J. (2006). *La animación en la comunidad. Un modelo de animación socioeducativa*. Barcelona: Editorial GRAÓ.
- GILLET, J. (2006a). A Animação entre a Marcha e a Democracia. In Américo Nunes PERES, Marcelino de Sousa LOPES, (coord.). *Animação, cidadania e participação*. Chaves: APAP (82-94).
- GOMES, M. (SJ) (1996). *Sto. Inácio e a Fundação de colégios*. INA: GRACOS.

- GOHN, M. (1999). *Educação Não-Formal e Cultura Política: Impactos sobre o associativismo do terceiro sector*. S. Paulo: Cortez Editora.
- GREGORI, S. (1991). *Fundamentos y Estrategias para Efectuar El Diseño Socioeducativo*. Editorial Dykinson.
- HART, R. (1992). *Children's participation: from tokenism to citizenship*. Florence: UNICEF.
- HART, R. (1997). The meaning of children's participation. *EDev News – Education for development Bulletin*. Genebra: UNICEF.
- HENRIQUES, M. et. al. (1999). *Educação para a cidadania*. Lisboa: Plátano Editora.
- JARDIM, J. (2002). *O Método da Animação*. Porto: AVE – Associação dos Valentes Empenhados.
- LOBRET, Michel (1997). *Animação não directiva de grupos*. Lisboa: Moraes Editores.
- LOPES, M. (2006). *Animação sociocultural em Portugal*. Amarante: Intervenção - Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- LOPES, J. (SJ) (2003). *Sto Inácio de Loyola, um educador do desejo*. Braga: Editorial AO.
- LOPES, J. (SJ) (2002). *O Projecto Educativo da Companhia de Jesus*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia – Universidade Católica Portuguesa.
- LOPES, M. (2007). Animação sociocultural em Portugal. In *Revista Iberoamericana*. Vol. 1 N.º1. Disponível em www.lazer.eefd.ufrj.br/animadorsociocultural/pdf/ac105.pdf (último acesso 02/08/09).
- LÓPEZ, J. (1997). *Política cultural municipal. Fundamentación y praxis em un ayuntamiento de tamaño medio*. Tesis doctoral: Universidad de Deusto.
- LUIS, J. (2008). *Animação de Idosos*. Porto: Ambar.
- MACCIO, C. (1977) *Animação de grupos*. Morais Editores.

- MAGALHÃES, P. & MORAL, J. (2008). *Os Jovens e a Política – Um estudo do Centro de Sondagens e Estudos de Opinião da Universidade Católica Portuguesa*. Disponível em http://www.presidencia.pt/archive/doc/Os_jovens_e_a_politica (ultimo acesso em 02/08/09).
- MARCELINO, N. (1995). *Lazer e Humanização*. Campinas SP: Papyrus.
- MARQUES, R. (2002). *Valores éticos e cidadania na escola*. Lisboa: Editorial Presença.
- MARQUES, R. (1998a). *Ensinar valores: teorias e modelos*. Porto: Porto Editora.
- MARQUES, R. (1998). *Educação Cívica e Desenvolvimento Pessoal e Social*. Lisboa: Texto Editora.
- MATOS, M. (2004). Desenvolvimento e Cidadania: Intervenção e Acção comunitária. In José Alberto Correia e Rui d'Espiney (org). *Inovação, Cidadania e Desenvolvimento Local*. Setúbal: Instituto das Comunidades Educativas.
- MEDEIROS, J. & BORGES, D. (2007). *Participação cidadã no planeamento das acções do Emater RN*. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rap/v41n1/05.pdf> (último acesso 25/11/08).
- MERINO, J. (2008). Animação sociocultural, cidadania e participação. In José Pereira, Manuel Vieites e Marcelino Lopes. *Animação sociocultural e os desafios do século XXI*. Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural pp. 129-142.
- MOLTÓ, M. (2002). *Introducción a los Métodos de Investigación en Educación*. Madrid: Editorial EOS.
- PALACIOS, Samuel G. (1994). *Participación en la Gestión Educativa*. Madrid: Ed. Santillana.
- PARDAL, L & CORREIA E. (1995). *Métodos e técnicas de investigação social*. Areal Editores.
- PATROCINIO, T. (2002). *Tecnologia, educação e cidadania*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- PRAIA, M. (1991). *Desenvolvimento Pessoal e Social*. Rio Tinto: Edições Asa.

- PEREIRA, F. (2008). *Participação Infantil e Juvenil em Contexto Associativo: o caso de um Agrupamento de Escuteiros*. Braga: Universidade do Minho. (Tese de Mestrado).
- PERES, A. (2008). A Animação sociocultural no contexto da globalização. In José Pereira, Manuel Vieites e Marcelino Lopes. *Animação sociocultural e os desafios do século XXI*. Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural (pp. 117-128).
- PÉREZ, G. & GUSMÁN, M. (2005) *El Animador. Buenas prácticas de acción sociocultural*. Madrid: Narcea Ediciones.
- PETRUS, A (1989). *Pedagogía Social y educación no escolar*. San Sebastián: Universidad País Vasco (pp. 241-254).
- FROUFE S. & SANCHEZ, M. CASTAÑO, (1994). *Construir la Animación Sociocultural*. Salamanca: Amarú Ediciones.
- QUINTANA, J. (1986) (coord.). *Fundamentos de Animación Sociocultural*. Narcea, S.A. de Ediciones.
- QUINTANA, J. (1993). *Los ámbitos profesionales de la animación*. Madrid: Narcea.
- QUINTÃO, C. (2004). *Terceiro sector – elementos para referenciação teórica e conceptual*. Disponível em: <http://www.letras.up.pt/isociologia/uploads/files/Working5.pdf> (último acesso 29/04/2009).
- QUIVY, R, & CAMPENHOUDT, L. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rabaçal, C. (1997). Poder local, Associativismo, eleições autárquicas. Disponível em: <http://pcp.pt/publica/militant/227/p27.html> (último acesso 31/03/2007).
- ROCA, J. (1994). *Solidaridad y voluntariado*. Santander: Editorial Sal Térrea.
- SAÉZ, J. (1997). *La tercera edad. Animación sociocultural*. Madrid: Dykinson.

- SECRETARIADO DOS COLÉGIOS SJ PARA A ASSISTÊNCIA DA ITÁLIA (1963). *Princípios Educativos dos Colégios da Companhia de Jesus*. Roma – Vila di Porta Pinciana 1: Tipografia particular.
- SHIER, H. (2001), “Pathways to participation: openings, opportunities and obligations: a new model for enhancing children's participation in decision-making, in line with article 12.1 of the United Nations Convention on the Rights of the Child”. *Children & Society*, 15 (2), 107-117.
- SILVESTRE, C. (2003). *Educação / Formação de adultos – como dimensão dinamizadora do sistema educativo / formativo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- SOARES, Natália F. (2006). *Infância e Direitos: participação das crianças nos contextos de vida – Representações, Práticas e Poderes*. Braga: Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho. (Tese de doutoramento).
- SOLER, P (1996). *Projecte docent. Programes d' Animació Sociocultural*. Universitat de Girona (manuscrito inédito).
- TEIXEIRA, T. (2007). *O movimento associativo como processo de intervenção social e acção comunitária. Um estudo de caso*. Braga: Universidade do Minho (Tese de Mestrado).
- TORAYLLE, R. (1973). *A Animação Pedagógica*. Lisboa: Biblioteca de Pedagogia.
- TOMÁS, Catarina (2006). *Há muitos mundos no mundo*. Braga: Universidade do Minho.
- TRILLA, J. & NOVELLA, A. (2001), Educación y participación social de la infancia. *Revista Ibero-Americana de Educación*, nº 26, 137-164.
- TRILLA, J. (1997). Concepto, discurso y universo de la Animación Sociocultural. In Jaume Trilla (coord.). *Animación Sociocultural. Teorías, Programas y Ámbitos*. Barcelona: Ariel (pp. 13-39).
- TRILLA, J. (1993). *La educación fuera de la escuela. Ámbitos no formales y educación social*. Barcelona: Editorial Ariel S.A.

- TRINDADE, R. (2000). Escolaridade básica e cidadania: contributo para um debate que se quer mais urgente que apressado. In Revista portuguesa de educação. Braga: Instituto de Educação e Psicologia. Vol 13 n.º1.
- TSCHORNE, P. et al. (1990). *Guía para la Gestión de Asociaciones*. Madrid: Editorial Popular.
- ÚCAR, X. et al (coord) (2006). *Miradas y diálogos en torno a la acción comunitaria*. Barcelona: Editorial GRAÓ.
- ÚCAR, X. (1992). *La animación Sociocultural*. Barcelona: Ceac.
- VÁSQUEZ, G. (1998). La Educación no formal y otros conceptos próximos. In SARRAMONA, Jaume, VÁSQUEZ, Gozalo, COLOM, Antoni J. (1998). *Educación no formal*. Barcelona: Ariel Educación. pp. 12-25).
- VEGA, M. (1997). *La Animación Sociocultural en el Ámbito Rural*. Madrid: Celeste.
- VENTOSA, V. (1993). *Fuentes de la Animación sociocultural en Europe*. Madrid: Editorial Popular.
- VENTOSA, V. (Coord.) (1998). *Manual del Monitor de Tiempo Libre*. Madrid. Editorial CCS.
- VENTOSA, V. (2006). Educação, Animação, Ócio e Tempo Livre (ou a escura noite onde todos os gatos são pardos). In. Américo Nunes PERES, Marcelino de Sousa LOPES, (coord.). *Animação, cidadania e participação*. Chaves: APAP, pp.149-154.
- YIN, R. (1989). *Case Study Research. Design and Methods*. Newbury Park: Sage.
- ZABALZA, M. (2000). O discurso didáctico sobre atitudes e valores no ensino. In Trillo Felipe (coord.). *Atitudes e valores no ensino*. Lisboa: Instituto Piaget.

MANUSCRITOS

VICENTE, P. (2008a). Manual de funções do acampamento de férias.

VICENTE, P. (2008). Manual de funções do director.

CARVALHO, C. (2007). Caderno da mama

LEGISLAÇÃO

Decreto-Lei n.º 6/2002 de 23 de Janeiro (Lei do Associativismo).

Decreto-Lei n.º 304/2003 de 9 de Dezembro (Campos de Férias)

Lei n.º 71/98 de 3 de Novembro (Bases do enquadramento jurídico do voluntariado).

SITES

<http://www.csjb.pt>

<http://www.catalogo.anq.gov.pt>

<http://anasc.no.sapo.pt>

<http://www.colegiodascalдинhas.pt>

<http://inacio.loyola.pt>

http://inacio.loyola.pt/txt_campinacios.htm

<http://www.fnaj.com>

<http://www.pedroarrupe.com.br/02paginas/05pedagogia/paradigma.htm>

<http://www.institutonunalvres.pt>

<http://www.ppcj.pt/caic.html>

<http://jesuitasj.googlepages.com>

www.campinacios.org

http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/jesuitas/_private/hj.htm

ANEXOS

ANEXO I – INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

Breve Caracterização dos Animadores dos Campinácios

Olá campinaciano (a)

Chamo-me Patrícia Lima e para ti pode, ainda, ser novidade o estudo que tenho vindo a realizar sobre os Campinácios no âmbito da dissertação do meu mestrado.

Pretendo com o meu estudo perceber qual o papel deste movimento na vida daqueles que nele participam e, para isso, precisa da tua ajuda.

Peco-te que preenchas o inquérito abaixo e o me devolvas assim que possível, para que eu possa fazer uma breve caracterização dos animadores dos Campinácios, para os seguintes e-mails: patricialima5@hotmail.com ou lima.patricia@sapo.pt

Obrigada pela tua colaboração

Patrícia Lima

- **Colégio:**
- **Idade:**
- **Sexo:**
- **Nome (opcional):**
- **Habilitações académicas e/ou profissão:**
- **Tens ou já tiveste actividades extra curriculares ou hobbies? Sim**
- **Associas essas actividades, de algum modo, ao facto de teres feito campos como participante e/ou animador. Quais e porquê?**
- **Quantos campos fizeste como participante?**
- **Quantos campos fizeste como animador?**
- **Há quantos anos és animador?**
- **O que é ser campinaciano?**

Obrigada!

ANEXO II – PLANO DE ACTIVIDADES DA DLCC

SETEMBRO	
13 – Sábado	1.ª DL
27 – Sábado	1.ª DN
OUTUBRO	
3 – Sexta	2.ª DN. Avaliação dos Campos Verão
4 – Sábado	2.ª DL
15 – Quarta	3.ª DL
26 – Domingo	Missa e Encontro de Animadores 1 (Recepção dos novos animadores)
31 – Sexta	4.ª DL
NOVEMBRO	
2 – Domingo	3.ª DN
15 – Sábado	Reunião com formandos 07-08
21 – Sábado	ENA
22 – Domingo	ENA
29 – Sábado	Missa (Triciclos. I e II) e Encontro de Animadores 2 Banco Alimentar
30 – Domingo	Banco Alimentar
DEZEMBRO (Processo de Escolha Directores Acampamentos.)	
6 – Sábado	4.ª DN (proposta directores)
21 – Domingo	Ceia de Natal
29 – Segunda	5.ª DN (Aprovação dos directores)
JANEIRO	
31 – Sábado	Missa (Bicicletas I e II) e Encontro de Animadores 3
FEVEREIRO Preparação do Encontro Nacional	
28 – Sábado	Missa e Encontro de Animadores 4
MARÇO Formação de Equipa de animação Inscrição no ENA	
8 – Domingo	7.ª DN
21 – Sábado	8.ª DN
	Formação Directores e Mamãs
22 – Domingo	Formação Directores e Mamãs
29 – Sábado	Missa e Encontro de Animadores 5
ABRIL Processo de Pré-inscrições	
18 – Sábado	EN
19 – Domingo	EN

24 – Sexta	Festa das Famílias
25 – Sábado	Festa das Famílias Missa da Festa
MAIO Processo de Inscrições nos Acampamentos Logística dos acampamentos	
2 – Sábado.	Banco Alimentar Workshops para animadores
3 – Domingo	Banco Alimentar
9 – Sábado	Curso SBV
10 – Domingo	Curso SBV
15 – Sexta	Fim-de-semana da DN
16 – Sábado	Fim-de-semana da DN
17 - Dom	Fim-de-semana da DN
30 – Sábado	Missa e Encontro de Animadores 6
JUNHO Processo de Inscrições nos Acampamentos Logística dos acampamentos	
27 – Sábado	Missa e Encontro de Animadores 7
JULHO	
29 – Quarta	Campo Lambretas I / Campo Triciclos I
30 – Quinta	Campo Lambretas I / Campo Triciclos I
31 - Sexta	Campo Lambretas I / Campo Triciclos I / Campo Formação
AGOSTO	
1 – Sábado	Campo Lambretas I / Campo Triciclos I / Campo Formação
2 – Domingo	Campo Lambretas I / Campo Triciclos I / Campo Formação
3 – Segunda	Campo Lambretas I / Campo Triciclos I / Campo Formação
4 – Terça	Campo Lambretas I / Campo Triciclos I / Campo Formação
5 – Quarta	Campo Lambretas I / Campo Triciclos I / Campo Formação
6 – Quinta	Campo Lambretas I / Campo Triciclos I / Campo Formação
7 – Sexta	Campo Lambretas I / Campo Triciclos I / Campo Formação
10 – Segunda	Campo Bicicletas I / Campo Lambretas II / Campo Trotinetes I
11 – Terça	Campo Bicicletas I / Campo Lambretas II / Campo Trotinetes I
12 – Quarta	Campo Bicicletas I / Campo Lambretas II / Campo Trotinetes I
13 – Quinta	Campo Bicicletas I / Campo Lambretas II / Campo Trotinetes I
14 – Sexta	Campo Bicicletas I / Campo Lambretas II / Campo Trotinetes I
15 – Sábado	Campo Bicicletas I / Campo Lambretas II / Campo Trotinetes I
16 – Domingo	Campo Bicicletas I / Campo Lambretas II / Campo Trotinetes I
17 – Segunda	Campo Bicicletas I / Campo Lambretas II / Campo Trotinetes I

18 – Terça	Campo Bicicletas I / Campo Lambretas II / Campo Trotinetes I
19 – Quarta	Campo Bicicletas I / Campo Lambretas II / Campo Trotinetes I
22 – Sábado	Campo Bicicletas II / Campo Triciclos II / Campo Trotinetes II
23 – Domingo	Campo Bicicletas II / Campo Triciclos II / Campo Trotinetes II
24 – Segunda	Campo Bicicletas II / Campo Triciclos II / Campo Trotinetes II
25 – Terça	Campo Bicicletas II / Campo Triciclos II / Campo Trotinetes II
26 – Quarta	Campo Bicicletas II / Campo Triciclos II / Campo Trotinetes II
27 – Quinta	Campo Bicicletas II / Campo Triciclos II / Campo Trotinetes II
28 – Sexta	Campo Bicicletas II / Campo Triciclos II / Campo Trotinetes II
29 – Sábado	Campo Bicicletas II / Campo Triciclos II / Campo Trotinetes II
30 – Domingo	Campo Bicicletas II / Campo Triciclos II / Campo Trotinetes II
SETEMBRO	
1 – Segunda	Campo Bicicletas II / Campo Triciclos II / Campo Trotinetes II

LEGENDA:

Actividade Campinácios que envolvem animadores	
Actividade Campinácios para DL ou DN	

ANEXO III – QUADRO SÍNTESE DAS ENTREVISTAS

Quadro das entrevistas						
Questões	Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Entrevistado 4	Entrevistado 5	Entrevistado 6
A. Caracterização do entrevistado						
A.1. Nome						
A.2. Idade	20 Anos (A2.2)	21 Anos (A2.2)	24 Anos (A2.3)	23 Anos (A2.4)	26 (A2.5)	
A.3. Habilitação/Ocupação	Estudante universitária (A3.1)	Estudante universitário (A3.2)	Licenciatura em Engenharia Civil / Doutoramento (A3.3)	Estudante universitário / Jesuíta (A3.4)	Licenciatura em Engenharia Electrónica industrial (A3.5)	Jesuíta (A3.6)
A.4. Geração	2006 (A4.1)	2005 (A4.2)	2002 (A4.3)	2005 (A4.4)	2002 (A4.5)	
B. Perspectivas e Vivências do movimento enquanto participante						
B.1. Idade tinha quando fez campo pela primeira vez	17 (B1.1)	17 (B1.2)	14 (B1.3)	17 (B1.4)	17 (B1.5)	
B.2. Razões por não ter participado antes	<i>Nunca fiz antes porque não ouvia falar muito dos Campinácios e porque, também, na minha turma, acho que isto é questão de influências, a minha turma não era nada virada para isso, então nunca tive ninguém que puxasse por mim para ir. Só quando entrei no GRAPA, que também é, tem a ver com estas coisas é que comecei a conhecer pessoas que andavam e falavam mais nisso (B2.1)</i>	<i>Por estupidez e porque antes havia outros campos de férias, sem ser dos Campinácios, havia o movimento de campos de férias eu fazia (...) geralmente em conventos (...) fazia desses campos de férias (B2.2)</i>	<i>No meu primeiro ano no colégio ouvia falar dos campos pontualmente, era uma realidade muito distante da minha. Só ao longo do meu 8º ano é que me foram falando mais dos campos, por um lado tive alguns amigos que insistiram mais para que eu participasse e por outro lado a publicidade que nesse ano foi feita chegou mais eficazmente até mim (...) o que me levou a não fazer campo no meu primeiro ano não foi menosprezo pelos campos mas sim ausência de contacto com</i>	<i>Falta de interesse (...) quando ouvia pessoas falarem-me dos campos, aquilo, inicialmente não me dizia nada, não me dizia assim nada de mais. Conhecia mais porque era amigo de alguns animadores. (B2.4)</i>	<i>Não sei, acho que, se calhar não conhecia o movimento antes. Tinha amigos, meus, até que faziam mas, nunca nada me tinha chamado para lá. (...) Comecei a fazer as actividades da pastoral e foi um bocado por aí (...) depois comecei com os Campinácios. (B2.5)</i>	

			<i>qualquer tipo de publicidade aos mesmos. (B2.3)</i>			
B.3. Razões para fazer campos	<i>Ouvir toda a gente a dizer que aquilo muda a vida das pessoas, que aquilo é uma experiência única, que depois passamos o resto do ano à espera que chegue o verão para fazer outra vez o campo. E como estava no último ano (...) tinha vontade de experimentar, porque sabia que não fizesse naquela altura não ia fazer mais (B3.1)</i>	<i>Insistência dos meus amigos, que quase todos faziam parte dos campos de férias pelo menos o grupo mais chegado (...) gostavam tanto daquilo que eu tive de ir experimentar (B3.2)</i>	<i>Não te sei dizer exactamente em que situação é que me inscrevi no meu primeiro campo, no 8.º ano... Sei que não tinha muitos amigos a fazer campos, mas lembro-me que na altura, tal como referi houve mais publicidade e o que ouvi sobre o que eram os Campinácios, acampamentos com malta dos três colégios, num ambiente fora da civilização, na altura entusiasmei-me bastante e por isso inscrevi-me, fui e confirmei que gostava. (B3.3)</i>	<i>Foi por causa de uma actividade da pastoral dos colégios (...) tem a ver com os Campinácios mas não é a mesma coisa e lembro que na altura tive algum interesse em ir a uma actividade que se fazia para o 11.º ano – o CAFÉ (...) e no final daqueles dias, a coisa é muito simples, basicamente senti-me muito bem tratado ali e senti-me bastante feliz no meio daquelas pessoas e sabia que elas iam fazer campo. (B3.4)</i>	<i>Primeiro (...) foi por aí.(...) Já foi há muito tempo mas ideia que tenho é que como cheguei a fazer as actividades da pastoral e gostei e achei que os Campinácios, porque toda a gente dizia que era um bocado daquilo, claro que muito melhor e toda a gente dizia muito bem e, então acho que foi um bocado por aí. (B3.5)</i>	<i>Eu acho que a motivação principal que leva alguém de um dos colégios a inscreverem-se num campo é o testemunho dos outros alunos, dos colegas deles. Há alunos que fizeram campos que gostaram e que vão falando depois com os colegas, vão falando na turma e esse miúdo começa-se a entusiasmar e vai a reboque dos amigos, digamos. Normalmente um miúdo que vai a um campo pela primeira vez vai porque um ou outro colega deles também vão e por isso quando eles são seleccionados também ficam triste se ficam num campo que não é o dos amigos. Depois, acho que também o nosso papel de divulgação dos campos, sobretudo no 5.ºano, também é muito importante. Muitos deles estudaram aqui na primária e já ouviram falar dos Campinácios, já tem uma expectativa de ir para o 5.ºano para poder participar nos campos de férias. Depois tem também as colónias de férias aqui na primária que já é uma pequena amostra do que é que poderá ser um campo de férias. Outro factor que pode levá-los a inscrever-se pela primeira vez é os pais. Os pais reconhecerem que é uma mais valia que o colégio oferece e que não há nas outras escolas e, então são os pais que inscrevem o miúdo ou que o entusiasma a ir e, então ele vai porque os pais o motivam e o empurram para ir</i>

						<i>(...). Já assisti a miúdos que entram no comboio a chorar porque não querem ir e depois quando voltam chegam a chorar porque não querem ir para casa. É muito complicado, hoje em dia, para alguém, seja nos campos de férias seja noutra actividade qualquer ir assim às escuras porque há um medo muito grande de participar numa coisa nova porque não se conhece portanto é preciso vencer esse medo assumindo o risco da pessoa não gostar, mas como normalmente gostam todos os que vão falam aos outros. (B3.6)</i>
B.4. Quantos campos fez como participante	<i>1 (12ºano) + Campo de formação (B4.1)</i>	<i>1 (11ºano) (B4.2)</i>	<i>3 (8º,9º e 10º ano) + campo de formação (B4.3)</i>	<i>1 (B4.4)</i>	<i>2 (B4.5)</i>	
B.5. O que marcou na experiência	<i>Esse campo foi um bocado estranho, porque quando fazes o teu 1º campo no último ano supostamente todas as outras pessoas (...) que estão a fazer esse campo já fizeram imensos campos antes. Ou seja senti-me um bocadinho inexperiente, até porque no campo de Lambretas as equipas não tem animador de equipa. Ou seja a equipa é que se organiza para fazer as coisas todas. Gostei imenso e acho que é um campo diferente dos todos, mas por ter sido o 1º superou as minhas expectativas. E apesar de ser um campo especial porque choveu a maior parte do campo e nós não fizemos metade das actividades que foram propostas, mas apesar disso, também deu para perceber como os animadores vão para</i>	<i>Foi principalmente a diferença em relação aos outros campos que eu já tinha feito que era a simplicidade, principalmente, acho que se leva tudo com muito mais simplicidade num campo de férias do que nos outros, a relação entre as pessoas, as pessoas tornam-se muito mais próximas (...) e, não sei a magia, não sei e depois, também o poder conhecer pessoas dos outros colégios numa forma muito mais chegada durante 10 dias (B5.2)</i>	<i>Tive sorte de o meu primeiro campo como participante ter sido no local mais isolado da civilização de entre todos os que conheci enquanto fiz campos. (...). O sítio é espectacular, sei lá é bellissimo, todas as estrelas que há no céu estão lá à noite, (...) (...) Agora vendo a coisa como animador acho que esse local foi um pouco loucura, porque é um sítio demasiado inacessível: é muito longe do hospital mais próximo, (...) já teve dois incêndios desde então, ou seja acho que não respeitaria as condições de segurança que nós agora exigimos. No entanto, o campo guardo-o como uma grande recordação, se calhar, também por ter sido o meu primeiro campo. (B5.3)</i>	<i>Três coisas. Uma era (...) o lado mais ligado à simplicidade da vida do campo (...) chamava-me para ir, ver as coisas de uma maneira tão simples (...) pois reflectia-se essa simplicidade nas relações que tínhamos e, esse é o segundo ponto, a questão das relações serem autênticas, serem simples e, se continuadas, este é o desafio dos Campinácios, se continuadas podem vir a ser verdadeiras. E o terceiro ponto (...) é o conhecimento de Jesus que passa estas coisas todas, quer dizer não faz sentido ser simples num campo, se for só uma experiência que depois passa, faz sentido ser simples porque estamos a aprender com Jesus um estilo de vida simples. não faz sentido ser autêntico e tentares cuidar do</i>	<i>Eu quando fui para o primeiro campo (...) eu era para ir com uma amiga minha, mas depois ela não pode, à última da hora. Então eu fui para lá e cai de pára-queadas e não conhecia ninguém (...). O campo tinha mesmo pouca gente (...) e acho que foi, primeiro foi ver (...) uma relação que se cria com as pessoas, assim de um momento para outro, cria-se logo ali amizades que, depois vais notando que as coisas vão, com o tempo a coisa começa a passar um bocado porque acaba por não haver tanto contacto, mas a verdade é que ali na altura parece que já nos conhecemos há muitos anos. (...) Isso também acontece, se calhar por causa de sabermos que estamos no meio do nada, sem nada, claro que há muitas</i>	<i>Bem, são muitas coisas. Eu acho que o que mais os marca, acima é, é uma coisa um bocado complicado de se explicar, é o ambiente que se cria no campo. Para mim, num campo de férias nos conseguimos reproduzir uma verdadeira comunidade cristã, conseguimos ali naquele, espécie de laboratório do que é que seria o evangelho vivido na prática. Temos tudo em comum, não há ninguém especial e diferente, todos são tratados por igual, há uma justiça muito grande em tudo, há um espírito de serviço, também muito forte que parte dos animadores e que depois é transmitido, por testemunho, aos participantes e eles aprendem uma forma de estar no campo que também pode</i>

	<i>lá já a contar com essas falhas, que não é culpa deles e que também conseguem dar a volta às coisas (B5.1)</i>			<i>outro se não há uma pessoa (Jesus) que serve um bocadinho de exemplo para perceberes que tipo de amor é aquele que puxa mais a pessoa que cada um é (para mim é o ser cristão). (B5.4)</i>	<i>coisas que criam isso e depois nos momentos do BDS e essas coisas, também fazem-nos falar, fazem-nos conviver e acho que ajudam nisso. (B5.5)</i>	<i>ser uma forma de estar na vida através do serviço e de estar disponíveis para os outros e aprendem uma felicidade diferente da que o mundo cá fora lhes propõem que é servir os outros. Depois, no campo de férias pelo contacto intenso durante tantos dias e pelas relações que se criam pelos laços que se criam entre eles de amizade, que são muito fortes (...) criam-se laços de amizade em muito pouco tempo e com muita profundidade e, portanto fazem-se amizades para a vida. Eu acho que isso, também, é uma das coisas que marca bastante. <i>Portanto eu diria, sobretudo, aquilo que mais marca os miúdos sem eles se aperceberem disso é a experiência espiritual dum campo de férias, embora eles não o consigam verbalizar desta forma. Só mais tarde é que percebem o quanto foi importante toda a parte espiritual do campo. Por isso é que hoje em dia o BDS, que é a oração da manhã ou o momento de reflexão da manhã é, talvez das coisas que mais marca o ritmo do campo, os directores dão muito prevalência a esse momento que marca também cada dia. (B5.6)</i></i>
B.6. Aprendizagens e sua aplicação na vida quotidiana	<i>A maior aprendizagem que se traz de campo (...) é ter vontade de continuar no movimento (...). É querer ser animador e, querer ser um animador como aqueles que o animaram é, porque isso</i>	<i>Isso, principalmente, (...) a simplicidade, poder estar naturalmente no dia-a-dia com menos coisas, menos coisas que não são tão essenciais, se calhar, bem, a estar mais</i>	<i>Foi nos campos que pela primeira vez falei de Deus e de Jesus num ambiente diferente do ambiente pesado que era o da paróquia. Foi a primeira vez que fui chamado (...) a servir,</i>	<i>Uma coisa muito ligada à espiritualidade inaciana que aprendi mais tarde mas, que os campos de férias ajudaram-me a ver a necessidade que tinha disso que é as relações podem</i>	<i>Sei lá, (...) eu acho que mudei um bocado, eu acho que os campos mudam um a pessoa, se calhar, no momento tu nem notas, mas a verdade é que nos dão muito mais confiança,</i>	<i>Esse é o objectivo. Nós queremos que os Campinácios passem a ser um modo de vida e um modo de estar na vida, mas é a parte mais difícil porque tem a ver com a</i>

<p><i>marcou. Acho que é a postura daquelas pessoas que estão lá no campo a animar-nos (...) eu acho que depois dum ano inteiro de escola (...) chegar ao verão e ver ali animadores que te recebem tão bem a vários níveis, só para te divertirem ou só para te aconselharem sobre determinadas coisas (...) qualquer coisinha que tu tenhas eles ajudam (...). Acho que isso é uma grande lição, é o Espírito serviço deles, de alguém que vai para lá que não nos conhece mas que está sempre receptivo a conhecer-nos e a ajudar-nos. O que mais me marcou foi a postura dos animadores, dessas pessoas que estão lá mesmo para nos ajudar “</i></p> <p><i>“Saímos dos campos, quando fazemos lá os pedidos, orações nas missas, pedimos sempre Senhor, que nos ajude durante o resto do ano a viver uma vida campinaciana e a sermos campinacianos em tudo o que fazemos. Eu acho que nós aprendemos mais a respeitar os outros, aprendemos mais a saber dar valor às coisas da vida, a estarmos atentos aos outros, a estarmos atentos a nós próprios e a saber confiar nas pessoas, a não ter medo de dizermos que estamos mal e que precisamos de ajuda”</i></p> <p><i>“ (...) Como é que tu vês que estás diferente? Quando às vezes estás com determinadas pessoas e vemos elas a fazerem coisas e a ouvirem coisas que tu, se calhar, já em</i></p>	<p><i>atento às pessoas também.</i></p> <p><i>Se calhar mais a vontade de puxar as outras pessoas para isto, também, se calhar foi isso que outros fizeram comigo ao puxarem-me para os campos e depois foi isso, também, que eu tentei fazer (...) tentar passar para fora (...) é mesmo bom esta forma de estar, esta maneira de estar e, acho que só passando por um campo, depois as pessoas conseguem, também estar cá fora assim (B6.2)</i></p>	<p><i>trabalhar pelos outros e para os outros (...) mesmo nas coisas mais básicas como lavar loiça, os pratos que os outros sujaram, fazer um pente fino... É obvio que me marcou e que teve consequências para o resto da vida. Depois, para além disso foi o primeiro verdadeiro contacto com pessoal de outras zonas do país. Quando falo em contacto, falo de um contacto efectivo, de perceber (...) que realmente (...) tinham hábitos bastante diferentes, apesar de depois ali trabalharmos todos da mesma forma e divertirmo-nos todos da mesma forma. Mas foi engraçado perceber que havia mesmo formas diferentes de viver, sobretudo a diferença para o pessoal de Lisboa porque para o pessoal de Coimbra a diferença não era tão grande. (B6.3)</i></p>	<p><i>se manter de uma maneira muito bonitas (...) mas aquela grande coisa (...) que é a rotina por vezes pode enfraquecer as coisas (...) fazer uma coisa pior que é fazer com que as pessoas tenham o mesmo grau de demonstração de afecto mas, que no fundo se perca o vigor e o sentido do porque é que faço, porque é que sou afectivo para esta pessoa. Portanto uma coisa que aprendi da espiritualidade inaciana (...) uma delas, Sto Inácio falava muito que é o exame de consciência, olhares o teu dia (...) agradeceres, veres o que não foi tão bom, pedires perdão e encontrar um ponto concreto e pequeno para depois emendar. E isto aqui ajuda a afinar estas relações e a manter para a vida, tal coisa a simplicidade são coisas que acontecem espontaneamente mas que precisam depois de meios para serem alimentadas, são coisas que lá são espontâneas, são grupais e que cá fora não é assim tão grupal, a vivência. E por isso o que trouxa para a minha vida de concreto, para manter estas relações foi, essencialmente isto, o exame de consciência, de ver diante de Deus pequenos pontos, pequenas coisas em que se pode afinar, não com a maneira mais, bonita mas com o estilo de Jesus ser, que é o mais importante em todos os campos. (B6.4)</i></p>	<p><i>ajudam a viver a vida de uma outra maneira. É um bocado difícil porque as coisas ocorrem muito lentamente, se calhar tu notas nem dás por ela. Mas eu notei muito que cresci. Eu sempre fui muito tímida e os campos ajudaram-me também nesse aspecto. Mudam muito e depois a vida depois do campo às vezes voltam um bocado o que era. Tu sais do campo, chegas a casa e naqueles primeiros dias é tudo completamente diferente, mas depois aos poucos ela vai voltando um bocado ao que era. Só que há sempre aquele bichinho, que às vezes basta ir a uma missa dos Campinácios que parece que aquilo volta logo. Marca mesmo. (B6.5)</i></p>	<p><i>conversão do coração, portanto ninguém converte um coração num campo. Começa um caminho de conversão, aliás nós dizemos que podemos passar uma vida inteira a fazer este caminho de conversão. Vamos sempre convertendo cada vez mais a Deus e aos outros portanto, a mudança de vida é muito lenta. Normalmente quando um miúdo começa muito novo a fazer campo de férias é mais fácil porque começa a adquirir um modo de estar na vida quase inconsciente que o vai formando, vai formando a sua personalidade, vai formando o seu coração, vai crescendo dessa forma, fazendo, também opções de acordo com aquilo que se vive nos campos. Um participante começa a aperceber que é possível ter as mesmas atitude que tem no campo na vida dele, pouca a pouco vai percebendo isso e, participando na vida do movimento e, participando nos campos todos os verões e nas coisas que há durante o ano vai começando a identificar-se com esse estilo, com esse modo de estar. Agora, também é a coisa mais difícil porque implica uma conversão constante.</i></p> <p><i>Depois quando a pessoa passa a animador isso começa a aparecer com uma urgência maior, ou seja, começa a aperceber que tem de dar um testemunho, portanto, já não está para receber mas, está para dar e, portanto esse testemunho vai puxar muito</i></p>
--	---	---	--	--	--

	<p><i>tempos pensaste isso mas depois com a experiência dos Campinácios, passas a ter uma visão muito mais profunda das coisas. E notas isso quando tu exprimes isso às pessoas e elas nem se quer percebem. Então é porque há algo que te diferencia dos outros (B6.1)</i></p>					<p><i>mais por ele para ele ter que ser mais coerente da vida que vive no quotidiano da vida que vive no campo. Portanto não podem ser duas realidades completamente diferentes (...) porque senão, então, o testemunho não é verdadeiro no campo, não é autêntico. (...) A dificuldade disso se realizar vem, também muito das dificuldades que eles encontram cá fora, ou seja quando eles começam a vir para a escola outra vez e começa o ano lectivo o que acontece é que se deparam com imensas dificuldades porque os outros à volta não viveram aquela experiência, portanto não estão abertos aquele modo de estar. E eles deparam-se com imensos problemas de relação com os outros e, começam, desde muito cedo a perceber que se dão um testemunho isso, também, acarreta algum sofrimento da parte deles porque tem de fazer opções que os implicam directamente. E, portanto quando decidem partilhar em vez de não partilhar e, quando todos à volta deles não partilham, quer dizer fica ali entre a espada e a parede a pensar bem ou entro na carreira e funciono como os outros todos ou marco aqui a diferença mas, isso vai-me costumar e vai acarretar algum sofrimento para mim. E, muitas vezes as pressões dos grupos de amigos que não viveram a experiência dos Campinácios são mais fortes do que aquela convicção que trazia do campo que partilhar é bom. Por isso a</i></p>
--	---	--	--	--	--	--

						<i>difficuldade principal é que as pessoas fora do campo de férias não funcionam assim, os critérios, muitas vezes, são os contrários àqueles que se vivem no campo, do egoísmo, de cada um salve-se por si, do eu quero é ter para mim e depois, então é que me posso preocupar em dar aos outros. Ninguém está disposto a pôr em prática o evangelho, assim, de um modo claro. (B6.6)</i>
B.7. Transformações ocorridas depois do acampamento	<i>Quando chegas dum campo tu notas que estás mesmo diferente e, essa diferença tu vais notando durante algumas semanas, mas depois, durante o ano só em coisas mesmo específicas que te acontecem é que tu voltas a ter esse espírito, porque é impossível tu durante um ano andares sempre a lembrar que fizeste um campo e viveste isto e aquilo. Quando chegas dum campo tu já não dás tanta importância a ver televisão, não ir à Internet. Essas coisas para ti já são um pouco dispensáveis</i> <i>Acho que é mesmo, o facto de estar muito mais aberta aos outros, ou seja estar atenta aos outros e, se os outros precisarem de alguma coisa, não sei se já é uma característica minha ou não, mas se calhar dos campos, é estar sempre atenta aos outros, estar a ouvi-los e se eles precisarem não ser uma pessoa que pensa duas vezes antes de ir ter com um amigo ou de o ajudar (B7.1)</i>	<i>Cria-se (...) uma relação mais próxima com as pessoas (...) e que dá muita vontade de transmitir aos outros isto. Sei lá por que acho que faz mesmo bem esta simplicidade, esta forma de estar bem com os outros, com a natureza, com Deus e comigo próprio, que são os quatro pilares.</i> <i>O campo que eu fiz, fi-lo numa altura em que comecei a fazer todas as actividades da pastoral, portanto, não sei muito bem o que é que um campo especificamente mudou. Foi, um bocado junto com as outras actividades todas tornaram-me uma pessoa muito mais virada para os outros do que para mim, muito, também, pela relação com Deus, pela oração, mas, principalmente, sim, mais uma pessoa virada para os outros (B7.2)</i>	<i>A influência que sofri por parte dos campos (...) foi sendo algo manifestado ao longo do tempo, não consigo com facilidade identificar momentos concretos. Há alturas em que dás alguns cliques e parece que aprendeste mais, que estás mais consciente, mais atento aos outros (...). No final dum campo, no final duma actividade (...) que te deu mais trabalho, num EN, por exemplo, achas sempre que crescestes imenso, mas depois voltas atrás e, afinal não aprendeste nada naquele momento e só mais à frente é que a poeira assenta e aprendes mesmo (...). De qualquer forma, olhando para tudo o que vivi nos campos uma das principais transformações que sofri foi na forma de ver Deus e de ver Jesus. Os campos deram-me uma visão diferente da visão castigadora de Deus que me tinha sido transmitida até aí. Conheci um Deus que liberta e que me dá força. (...) Outra transformação foi perceber que é possível estar na vida, estar no dia-a-dia não (...) centrado</i>	<i>Crescimento numa auto-confiança, sim. Isso porque, uma razão muito engraçada que parece bastante contraditória. Eu antes achava-me bastante confiante e nos campos reparei que era bastante inseguro e, isso deu-me uma confiança grande, o facto de ter reparado que era bastante inseguro (...). Não vejo isso como um drama, porque no campo às relações também te complementam e por isso consegues conciliar a tua fragilidade com a potencialidade do outro que está ao pé de ti e por isso o ter conhecido a fragilidade relativizando-a (..) fez-me ter uma maior confiança em mim. (B7.4)</i>	<i>Eu acho que apesar de continuar bastante tímida, mudei um bocado. (B7.5)</i>	

			<p><i>em mim, mas a fazer as coisas com o pensamento também nos outros, respeitando-os. Ajudou-me, pelas características tão diferentes que fui vendo em tanta gente nos campos. Ajudou-me a tentar ser cada vez mais humilde, a perceber que realmente todos os meus defeitos e qualidades e a vida que tenho são dons de Deus e que por isso devo procurar sempre viver na humildade. (...) Em termos de influência na minha maneira de ser e de estar sinto que também me ajudou no respeito pela diferença das pessoas à minha volta. Em termos mais técnicos, é obvio que o ter estado a animar campos e ter sido director de campos, também me ensinou bastante, a nível de organização e a nível de sentido de responsabilidade. Um critério importante que aprendi nos campos, e que algumas vezes consigo usar outras vezes não é, em vez de fazer a pergunta; e porque não fazer isto? fazer a pergunta e porque sim fazer isto? (...) Nem sempre consigo pensar nestes termos mas acho que pode ser sempre um bom critério a usar até na organização de actividades. (B7.3)</i></p>			
<p>B.8. Definição de Campinácios enquanto participante</p>	<p><i>Não sei se a culpa era da minha geração ou não, mas eu nunca era muito ligada aos Campinácios. Parecia-me sempre uma coisa que existia num cantinho da escola e que só apenas algumas pessoas é que conheciam. Por isso, não sei, (...) a ideia que eu tinha era</i></p>	<p><i>Eu não tinha muita noção, só tinha (...) do que os outros diziam, que era ir para um campo dez dias, (...) estar dez dias num campo com outros tipos todos sujos (...) achava que era mais ou menos como os campos que eu fazia (...) por isso é que não me chamou</i></p>	<p><i>Uma festa. (...) Enquanto participante não tinha o trabalho que temos agora como animadores. Divertia-me, conhecia gente nova, estava em contacto com a natureza, tinha momentos de reflexão, que eu também sempre precisei um bocado. (...) Era obviamente o</i></p>	<p><i>Um grupo que sabiam tocar guitarra e que alguns eram muito engraçados que se juntavam, tinham umas missas, jogam uns jogos e contavam umas anedotas e riam-se muito desde de Setembro até Outubro e depois passava a febre e só voltava em Junho (...). Era</i></p>	<p><i>Nunca tinha grande contacto. Só sabia que o pessoal ia para o meio do mato, mas, isso até às vezes me metia um bocado de confusão. Mas, depois de começar a fazer a ideia muda completamente ... não sei, é especial, só vivendo. É difícil de explicar por palavras porque é</i></p>	

	<i>mesmo essa, era alguma coisa que exista na escola, que fazia campos de férias, que eu conhecia pouca gente que aderiria a isso, foi por isso que eu também não aderi, mas depois foi mesmo o facto de eu ter entrado foi mesmo por estar no ultimo ano da escola e querer experimentar. (...) Sabia vagamente o que faziam, faziam jogos à noite, faziam actividades durante o dia, havia animadores, havia a parte espiritual, de resto não sabia (...) fui sem saber (B8.1)</i>	<i>mais cedo até. Só quando comecei a ficar, se calhar com mais idade (...) e a ter outras ideias. Só no 11º ano é que pensei bem eles falam disto numa maneira que realmente é diferente eu tenho de experimentar isto. Até aí via como uma coisa, sei lá como mais uns campos de férias (B8.2)</i>	<i>ponto alto das férias. Tudo era diferente, as pessoas eram diferentes, os sítios eram completamente diferentes daqueles em que eu costumava estar, mesmo a noção do tempo era diferente, com essa história de andar sem relógio. Tudo era diferente mas ao mesmo tempo tudo era natural. (B8.3)</i>	<i>basicamente essa a imagem que eu tinha, um bocado caricatura. (B8.4)</i>	<i>muito de sentir. A diferença é que quando uma pessoa não está dentro não liga tanto. Eu só me interessei mesmo pelo movimento quando comecei a fazer as actividades da pastoral e, por exemplo agora há actividades da pastoral a partir do 7.º ano e na altura, acho que só no secundário é que havia, por isso neste aspecto está a melhorar. (B8.5)</i>	
		C. Perspectivas e Vivências do movimento enquanto animador				
C.1. Quantos anos, é animador	<i>3 anos (C1.1)</i>	<i>4 Anos (C1.2.)</i>	<i>6 Anos e pouco (C1.3)</i>	<i>4 (C1.4)</i>	<i>6/7 (C1.5)</i>	
C.2. Quantos acampamentos animaste	<i>Campo de formação mais 2 campos (C2.1)</i>	<i>3 Campos (C2.2)</i>	<i>7 (C2.3)</i>	<i>Enquanto animador 2 depois na Companhia 1 (C2.4)</i>	<i>8 (C2.5)</i>	
C.3. Sabias que o campo de lambretas se escolhem possíveis animadores / Desejavas ser um dos convidados	<i>Não tinha noção nenhuma, aliás quando eu fui convidada para animadora e me apresentaram os critérios, eu fiquei mesmo a pensar bem se calhar até pensaram que eu fiz este campo somente para ser animadora, porque um dos critérios é ter feito campo de lambretas nas não fazia a noção nenhuma, nem se quer sabia que depois havia um processo de recrutamento de animadores (C3.1)</i>	<i>Não. Na altura não e não sei se os outros tinham (...) que faziam desde o 5º ano. Enquanto participante acho que não se tem essa noção de que se é avaliado (...) ainda por cima éramos a maior parte do 11º ano (...) achamos só que quando saímos para a faculdade, aí é que aqueles que são mais brincalhões (...) são que são escolhidos para animadores (C3.2)</i>	<i> Talvez por não ter feito campos de Lambretas não tinha grande consciência dessa questão nem pensava na hipótese de ser animador (...) até porque até ao final do 12º não tinha propriamente noção de como é que os animadores eram escolhidos. (...) Enquanto era participante, a sensação que eu tinha era que a equipa de animação era sobretudo um grupo de amigos, no qual um deles tinha sido nomeado pelo colégio como sendo director e que na sequência de ter sido nomeado convidava os amigos em que mais confiava... Como não "sabia" sequer que poderia vir a ser animador, esta questão não me aquecia nem me</i>	<i>Sim, tinha alguma, eu confesso que na altura estava no 11.º e também queria mais estar ali a conhecer a coisa, mas reparava que havia ali alguns participantes que faziam um bocadinho de teatro para serem vistos e eu se calhar se estivesse nas mesmas condições deles fazia o mesmo. Mas sim, reparava isso, principalmente pela atitude que alguns até confessavam. (C3.4)</i>	<i>Não, também eu só fiz campos de lambretas e não sabia muito bem como era as coisas. Claro, que a partir do momento em que comecei a fazer campos desejava ser animadora, gostava de continuar a fazer. Agora como é que as coisas surgiam na altura, também não sei muito bem. Já não tenho bem a ideia mas acho que as coisas eram um bocado diferente (...) nem havia campo de formação nem nada. Na altura acabavas, eu lembro-me que comecei a ir algumas reuniões e depois podias ser ou não convidada para animar. (...) Tenho um amigo meu que fez os dois campos que eu fiz, acho eu, ele chegou a ir (...) às</i>	<i>Não há propriamente uma selecção dois animadores (...) O campo de Lambretas não é uma espécie de estagio para ser animador. O campo de Lambretas é um campo de participantes normal como qualquer outro. Nem se quer o director de Lambretas vai com a função de observar os participantes, obviamente que depois quando as DL'S vão ter que seleccionar quem é que vão convidar para o processo de formação vão falar com os directores de Lambretas e perguntar "olha, o que é que achaste deste miúdo e daquele do outro". Porque não há uma selecção rígida, nós não escolhemos os animadores a</i>

			<p><i>arrefecia: ia para o campo, adorava e no final voltava para casa todo contente.</i></p> <p><i>Quando me convidaram para ser animador senti, obviamente, uma excitação muito grande. O facto de ser convidado no início do ano ajuda a não teres o pensamento imediato de e agora o que é que eu vou fazer, quando é o campo? Para além disso quando fui convidado para animador, os Campinácios viviam um período conturbado e lembro-me, sobretudo, de ficar contente com o facto de poder participar nos temas na altura em debate... (...) Lembro-me de que tinha vontade de ajudar ao máximo o movimento mas o pensamento não foi tanto o ai o que é que eu vou fazer agora porque eu nunca fui animador, por um lado porque na altura faltava pouco menos de um ano para os campos seguintes e por outro lado porque eu já tinha tido uma experiência de animação, nas Colónias de Férias do Colégio. (C3.3)</i></p>		<p><i>reuniões mas depois, por acaso, porque as coisas na altura as coisas eram um bocado diferentes nunca foi convidado para animar e acabou por deixar. (C3.5)</i></p>	<p><i>dedo, nós, normalmente damos a oportunidade a todos que chegam a lambretas de serem animadores. Também é verdade que se nota dois tipos de participantes, nota-se muito bem em bicicletas e Lambretas, uns que vão fazer campos na desportiva, porque aquilo é giro e, outros que estão a viver aquilo por dentro. E, portanto já estão de certa maneira a assumir um modo de vida e uma opção de vida quando fazem campos de férias. E isto nota-se muito bem os dois níveis diferentes de vivência (...). E depois há outros factores que é se o aluno foi aparecendo nas actividades dos Campinácios, durante o ano, se veio às missas, se faz coisas da pastoral do colégio, se participa na vida do colégio durante o ano, portanto não é só o campo de férias em si. Mas, eu acho que nós damos a oportunidade a qualquer Lambreta de poder vir a ser animador. E até há muitos casos de miúdos que não são convidados à partida, não são seleccionados e depois vem falar com DL local a auto-proporem-se (...) e, normalmente a gente nunca nega a possibilidade, porque, depois, é próprio processo de formação, o próprio plano de formação que os vai seriar e que os vai seleccionar. Um animador com um plano de formação tão exigente (...) ou começa a perceber que isto não é para mim, que é demasiado "beatize", como às vezes eles dizem ou que é muito puxado ou estão a exigir demais, auto-</i></p>
--	--	--	---	--	--	---

						<i>exclui-se (...) ou a pessoa insere-se, perfeitamente no plano de formação, gosta imensa, acha que é por aqui, acha que é uma opção de vida dele e portanto segue para a frente. (C3.6)</i>
C.4. O que levou a ser animador / aceitar o convite	<i>Acho que (...) uma das coisas que marca é realmente a nossa vontade (...) de continuar nesta vida (...) foi, se calhar uma forma de pôr em prática tudo aquilo que eu aprendi num só campo, que se calhar até nem foi assim muito, mas também a ter a certeza que tinha muitas coisas para dar aos outros e achava que não devia guardar isso só para mim e que devia, se calhar, tentar passar a mensagem que os Campinácios me passaram (C4.1)</i>	<i>Sim, pensava muito, lá está já pelos outros campos de férias (...) porque via os animadores (...) é muito para aí que uma pessoa quer ser animador (...) ver os animadores como sendo um exemplo (...) não sei, temos uma ideia quase mítica dos animadores e dá-nos imensa vontade de estar ali também. Mas depois passa também por outra coisa (...) pelo menos para mim (...) foi tentar transmitir aos outros, também esta maneira de estar. Também podemos pôr egoísmo (...) tinha imensa vontade de ser (C4.2)</i>	<i>Aceitei porque achava que podia acrescentar alguma coisa aos miúdos, achava que podia dar um bom testemunho... (...) Pode-se achar sempre que é presunção, mas à partida se tu achas que não podes dar nada de jeito aos miúdos não aceitas. (...) E na altura, aceitei também o convite porque, tal como já disse, o movimento vivia uma fase um pouco conturbada, e eu achava que podia ajudar a resolver os problemas que existiam. (C4.3)</i>	<i>Na altura não pensava muito em Razões, assim fortes, para a coisa. Sei que havia (...) embora fosse uma razão muito ligeira, na altura, havia já um desejo de me comprometer com algo que Deus me pedisse e isso era forte (...). Embora a mais importante tenha sido o facto de muitos dos meus amigos estavam aí, sentia-me útil. (C4.4)</i>	<i>Foi ter feito campos. Quando me ligaram a primeira vez... Eu acho que a partir do momento que se começa a fazer quer-se continuar sempre a fazer porque tens aquele bichinho... faz bem. Eu acho que é um bocado disso, saís de lá mesmo mudada, pelo menos naqueles tempos, vens cá prá fora com uma mentalidade muito diferente, muito guiada pela fé que se cria lá. Eu acho que é um bocado por aí. Depois, a vida volta um bocado ao normal com as coisas do dia – a dia, com a televisão e essas coisas que lá não existe. (C4.5)</i>	
C.5. O que é ser animador de Campinácios	<i>Adoptar uma postura e uma forma de viver que é um bocadinho diferente, não podemos estar a dizer que somos melhores que as outras pessoas, mas acho que somos pessoas que temos visões diferente sobre certas coisas e acho que isso nos facilita a vida em determinados aspectos. Eu acho que temos uma postura na vida e depois temos determinados valores que tentamos passar aos outros. Também é muito é importante passar esta mensagem, não só através dos nossos actos estar atentos aos outros, mas também, às vezes até em conversas (...) dizer as coisas</i>	<i>Digo isto muitas vezes, mas é verdade. Ser animador não é só nos campos de férias, é no dia-a-dia, na vida, em tudo. É difícil é muito difícil. Não se sabe muito bem como. Mas eu acho que ser animador de Campinácios é exactamente conseguir trazer para fora a maneira de estar no campo, a maneira de estar atenta aos outros, o serviço, de ser o primeiro a oferecer-se para fazer qualquer coisa, não olhar, se ele não está a fazer também não vou fazer, ser humilde (...) acho que passa por trazer (...) a maneira como nós estamos num campo de férias, trazer um</i>	<i>É difícil responder alguma coisa que não seja o obvio. (...) Fora do campo acho que é preciso ser coerente com o que se pede a um animador num campo sobretudo na parte da relação com os outros. Também deve ser obviamente coerente a nível do testemunho de fé. No entanto isso não significa que as pessoas não tenham fases de dúvidas de fé, (...) acho que faz parte do crescimento e, às vezes para fortaleceres a tua fé, há momentos em que podes ter de pôr tudo em causa para reestruturares. (...) Para além da coerência de acreditares em Jesus, acho que é preciso, também ser bastante coerente</i>	<i>Aí, aí (...) eu posso dizer muitas coisas (...) acho que acima de tudo é uma questão de disponibilidade, acho que sim (...) disponibilidade para ti, para os outros e para Deus. Mas eu acho que a questão de ser animador não é tanto assim, acho que é disponibilidade, e acho que isto é o elemento cristão da coisa: ser animador é ser disponível para dois para os outros e para Deus de forma incondicional, sabendo e confiando sem exigir que mesmo que os outros não cuidem de ti Deus há-de cuidar de ti. O animador tem de ser uma pessoa que esteja centrada em Jesus, isso é</i>		<i>Deve ser um bom cristão, sobretudo, para mim, é ser um bom cristão, com tudo o que isso implica, uma opção pela igreja, uma opção pela fé, numa relação pessoal com Deus, alimentar essa relação pessoal com Deus, também estar informado do que é que implica esta fé, ou seja a doutrina, o que tradicionalmente chamamos de doutrina, de perceber que isso também tem implicações morais, das opções que faço na minha vida também tem a ver com a minha fé porque não vale tudo. Se eu escolho um modo de vida eu tenho que, também, ter alguns critérios e</i>

	<p>que nós fazemos e tentar que as pessoas também se interessem por esta forma de chegarmos ao verão, perdemos 10 dias (...) estarmos lá a animar pessoas que nós nem conhecemos de lado nenhum enquanto podíamos estar a fazer outras coisas. Eu acho que ser animadora é ter um grande espírito de serviço e entrega acima de tudo (...) estar disponível para fazer tudo o que apareça em qualquer altura (C5.1)</p>	<p>bocado cá para fora (C5.2)</p>	<p>ao nível do serviço aos outros. (...) Os animadores devem ser pessoas com disponibilidade natural para servir os outros (...). Outra coisa importante é (...) a humildade e o auto-conhecimento (...) Na minha opinião um bom animador tem um bom conhecimento de si próprio, das suas capacidades e limitações (...) e por isso é humilde, também, no sentido de não se achar auto-suficiente no campo, que consegue fazer tudo tão bem ou melhor do que os outros... Esta atitude é importante para o trabalho em equipa. E acho que para ser animador de Campinácios é importante ter, também, estabilidade emocional para aguentar o cansaço associado a um campo de 10 dias em que interages 24h sobre 24h com 14 miúdos grandes e 60 miúdos pequenos. Isto aplica-se qualquer que seja o cargo que ocupes no campo... Em geral as pessoas gerem bem o seu cansaço, mas há imensas pessoas que sentem mais dificuldades (...) e é normal que assim seja.(C5.3)</p>	<p>fundamental. (C5.4)</p>		<p>valores que para mim são fundamentais.</p> <p>Há quem veja um animador de Campinácios, mais como uma pessoa que tem jeito para miúdos, ou que anima ou que salta para a roda, que faz aplausos, canta etc. Mas eu acho que isso é ao contrário. Isso é uma consequência mais do que um ponto de partida. Eu acho que a pessoa, depois de ser um bom cristão, vai saber saltar para a roda e fazer aplausos e divertir-se de um modo completamente diferente, com uma alegria genuína, autêntica, podemos chamar-lhe divertimento cristão. E já vai ser um divertimento completamente diferente, já não precisa de recorrer ao ordinário, ao banal, ou a patéticos ou ao álcool ou a outros estímulos. É uma alegria que lhe sai de dentro, portanto é uma alegria sã, pura.</p> <p>Portanto eu acho que ao nível da formação do animador acho que o mais eficaz é uma formação boa espiritual, num grupo de partilha, num grupo de fé, no que chamamos de comunidade de vida cristã, mas depois tem toda a parte, também, técnica de fazer campos de férias. Mas isso +é um aspecto secundário, para mim. (C5.6)</p>
<p>C.6. Papel do animador</p>	<p>Nos escalões mais baixos, os animadores são os exemplos (...). Eles vão para lá, eles estão sozinhos dos pais, que supostamente em casa são aqueles por quem eles se</p>	<p>Transmitir isso aos outros, principalmente aos participantes, que são esses que estão dentro do movimento, mas também aos de fora, que sejam os outros</p>	<p>Há sempre aquela imagem típica de que um animador deve ser um exemplo, como se se tratasse de um irmão mais velho... Há dois aspectos principais que me surgem no</p>	<p>Ser disponível para fazer o que é preciso (...) e acima de tudo ser uma pessoa atenta, principalmente para aquilo (...). A grande força de ser animador e o grande papel do animador é</p>	<p>No campo eu acho que é formar e mostrar um bocado, tentar passar para os miúdos um bocado daquilo que nós aprendemos e fazer com que eles cresçam como pessoas e</p>	<p>Partindo que o animador seja um bom cristão é também um educador (...) está a educar os miúdos, está ajudá-los a crescer. E, por isso, a função principal dele é servir os</p>

	<p><i>guiam. Eles chegam lá e quem é que têm? Têm-nos a nós. E acontecem muitas situações, dos miúdos mais pequenos até sentirem algumas saudades e quem os vão confortar somos nós. Eu acho que a partir desse momento em que eles sentem que nós estamos ali, mesmo para os ajudar, eu acho que começa a funcionar porque eles conseguem entregar-se às coisas e não têm medo de serem eles próprios e de se mostrarem, porque eles sabem que estão lá as pessoas que são os animadores para ajudá-los e ensinar-lhes coisas novas. (C6.1)</i></p>	<p><i>alunos do colégio, (...) foi assim que me trouxeram para dentro (...) como na faculdade eu próprio estar com os meus colegas (...) conseguir passar essa mensagem de tal maneira que eles fiquem curiosos por saber porque é que aquilo me chama tanto. Acho que é muito importante (C6.2)</i></p>	<p><i>pensamento quando me perguntas qual o papel do animador em relação aos participantes. Em primeiro lugar acho muito importante não os fazer sentirem-se traídos. E isso pode acontecer por exemplo quando apesar de nos conhecerem há pouco tempo partilham connosco algo de pessoal e depois caímos no erro de indevidamente tornar público o que nos foi partilhado. Outra coisa importante é dar efectivamente atenção aos participantes, colocá-los numa posição muito central do campo... Por exemplo quando se conversa com um participante dar realmente importância à vida daquele miúdo (...) fazê-los sentir e perceber que aquilo que estão a dizer tem interesse e que podem confiar. Às vezes partimos dos campos a perceber que há casos que devem ser especialmente acompanhados durante o ano. (...) Claro que quando falo em dar real atenção às conversas com os participantes não estou a falar de escavar a vida deles (...) mas sim estar verdadeiramente receptivo. (C6.3)</i></p>	<p><i>obvio que é estar atento aos outros, agora como é obvio temos tendência para estarmos mais atentos para um miúdo que engraçamos mais e acho que o grande papel do animador enquanto pessoa cristã é também fazer aquilo que Jesus vai chamando e que já se falava desde o Antigo Testamento que é seguir e estar próximo dos que são mais predilectos de Deus. Ou seja o que é mais predilecto para Deus no Antigo Testamento é o mais fraco, o mais frágil, o que precisa mais neste momento concreto, claro que todos são amados, mas o que está fraco, o que se chama no Antigo Testamento o roto, o nu, o pobre, a viúva e o órfão são num campo férias, bom, são aqueles que deixaram pela primeira vez a casa para ir a um campo e por isso estão cheios de saudades, são aqueles que têm uma fragilidade qualquer e não querem mostrar diante dos miúdos, são aqueles que não se sentem integrados e que de alguma forma tu vais simplesmente ser transparência de um amor que os integra. E esse é o maior papel do animador, embora te pareça abstracto, mas acho que diante da pessoa se torna bastante objectivo. (C6.4)</i></p>	<p><i>seguindo os quatro pilares. (C6.5)</i></p>	<p><i>participantes, estar lá para os participantes, para oi que eles precisam, para os ajudar, para conversar com eles, para lhes dar atenção e o participante sente que tem ali um irmão mais velho, uma pessoa em quem pode confiar e que tem coisas importantes para lhe ensinar, mas não num ensino formal, mas informal de um campo de férias. Algo passa por contágio, por relação, por testemunho e não tanto "olha, tu tens que fazer isto assim e assim. Portanto, o seu papel num campo é sobretudo dirigir tudo o que faz para os interesses do miúdo. Pois claro que depois todo o campo de férias tem uma toda uma organização logística por de trás em que os animadores têm funções específicas e sabem o que é que tem de fazer no campo. Enquanto um tem que estar a sopa, o outro está a preparar um jogo, o outro está a ir buscar água, o outro está a conversar com um miúdo, que está mais desanimado. Portanto, depois cada animador insere-se, está onde deve estar. E se está ocupado com uma tarefa tem que haver outro que se ocupa das outras, porque são muitos miúdos. Claro que o animador já vai para o campo com uma tarefa específica e, já sabe que a missão principal dele é aquela, sempre no interesse último dos miúdos, para que o campo funcione como um todo. E depois tenta-se, sempre dar um grande relevo ao trabalho em equipa, à interdependência entre os</i></p>
--	--	--	---	---	--	--

						<i>animadores, não sou eu que estou a fazer a minha função isolado dos outros, mas eu estou a fazer a minha em função enquanto o outro está a fazer o almoço. Há aqui uma grande interdependência entre todos. (C6.6)</i>
C.7. Qualidades e defeitos	<i>Deve ser uma pessoa responsável, acima de tudo (...) deve estar aberto para fazer qualquer coisa que lhe apareça, eu acho que no campo existe muitos imprevistos, eu acho que se sou animadora de equipa também tenho que saber ser animador livre, ou ser tia ou ser directora quando isso for preciso (...) há animadores que se distinguem pela sua diversão, outros pela sua forma de acarinhar os miúdos. Acho que o animador deve ter um bocadinho de isso e acho que não se deve sobressair apenas por uma coisa. É obvio que os miúdos, às vezes marcam os animadores porque ele era isto, mas o outro já era aquilo (...) e saberem mudar de registo rapidamente (ser versátil) porque mudar de registo numa brincadeira para uma oração para os miúdos é difícil, eu acho que se um animador não conseguir ter essa mudança de registo para os miúdos é difícil de compreender. Por isso deve ser versátil, deve ser uma pessoa responsável, deve ter um grande espírito de serviço, deve ser humilde, nem sempre as coisas correm bem entre os animadores e às vezes é difícil ouvir da pessoa com o cargo mais alto na equipa tu fizeste</i>	<i>Nós discutimos muitas vezes isso (...) primeiro (...) tem que ser uma pessoa cristã (...) tem que ser um cristão activo (...) e convicto (...) ser humilde (...) uma pessoa que se põe ao serviço, em primeiro de tudo, pessoa animada, pessoa animada é que tem alegria de ser como é, portanto e quer passar essa mensagem aos outros, (...) responsável porque no fundo nós somos responsáveis por 40 pessoas pequeninas durante 10 dias (...) pessoa com visão daquilo que é preciso fazer em cada momento.</i> (C7.2)	<i>Qualidades: Humildade, coerência, auto-conhecimento e espírito de serviço. O espírito de serviço, quando se está no campo, todos acabam por o manifestar. Depois do campo, o espírito de serviço aos outros acaba por não ser tão grande. O auto-conhecimento, acho que é muito importante, por causa da gestão do cansaço, do humor e da participação nas várias tarefas do campo. Estar atento às necessidades dos outros, mais do que uma qualidade pessoal é uma atitude importante a cultivar no campo (e fora dele, claro...). Há muito mais qualidades importantes mas dependem um pouco de cargo para cargo e nem todos os animadores têm de ter todas as qualidades, o importante é que se complementem (...). Por exemplo, não estou a falar da qualidade “ser divertido”, porque (...) a maior parte das pessoas, sem serem o homem da roda são ainda mais importantes para o campo.</i> (C7.3)	<i>Disponibilidade e acima de tudo dentro dessa disponibilidade, (...) a disponibilidade de estar aberto nas relações, ou seja estar aberto para chegares a uma reunião apresentares um jogo que achas que é fenomenal e quatro pessoas dizem, que isso é uma estupidez e tu sem deixares que crie ulcera também sabres engolir, perceberes (...). Também disponibilidade para te abrires na relação, quando vês um miúdo que está mais fragilidade e dizes pá aquele puto eu não tenho paciência nenhuma para ele, mas ser animador é missão (...) e mais do que ser missão, que não simplesmente um cargo como quem vai vender telefones numa rua e, pronto, tem de ir aquela casa é muito uma questão de ser missão que Deus fez chegar pelos outros.</i> (C7.4)	<i>Eu acho que deve haver de tudo um pouco, acho que uma equipa deve ser equilibrada. Primeiro é preciso espírito de serviço, isso sem dúvida, mas de resto é preciso gente para animar na roda, é preciso gente para ter conversas mais sérias. Não posso dizer que exista o perfil para ser animador. Acho que quase todas as pessoas até têm perfil para isso. É preciso às vezes ser um bocado moldado (...) mas isso é normal para qualquer coisa, as pessoas até são capazes de fazerem, precisam é de serem incentivadas e seguirem o caminho.</i> (C7.5)	<i>Primeiro que tudo ser um bom cristão, ter fé e ser uma pessoa que acredita neste projecto, que é um projecto católico explícito e, muitas vezes, a pessoa pode ser ótima pessoa e, ser um ótimo animador mas se lhe falta esta parte o seu lugar não é nos Campinácios. Pode ser noutro lado, pode fazer imenso bem, mas não é aqui porque aqui pressupõe-se, de fundo, uma opção da pessoa. E, depois, claro outras tantas qualidades humanas de educador, de irmão mais velho, de serviço, de saber fazer um jogo, ter talentos pessoais que depois cada um, que são aproveitados para o campo de férias. Para mim basta-me e, ao movimento basta, que a pessoa esteja disposto a servir os outros.</i> (C7.6)

	<i>mal ou que devias ter feito de outra forma. (C7.1)</i>					
C.8. Primeira experiência de animação	<p><i>Como animadora eu fui muito insegura, ainda hoje tenho essa marca comigo de que não tinha mesmo segurança das coisas que estava a fazer, estava a fazer bem estava a fazer mal. Eu acho que deve ser a marca de todos os animadores que animam pela primeira vez, mas acho (...) que a equipa de animação tem um papel fundamental aí, é saber que eu estou a animar pela primeira e estar um bocadinho atento aos erros que possa cometer ou mesmo até se eu precisar de alguma coisa</i></p> <p><i>Comparando o campo que animei em 1º lugar com este último correu muito melhor este campo. Eu acho que o 1º campo marcou-me um bocadinho, mesmo pela falta de segurança, e até porque eu estava animar o campo com pessoas (...) já muito experientes então não me sentia nada segura naquilo que fazia e sentia que os outros estavam sempre fazer melhor que eu e que eu não conseguia estar a alcançar as expectativas que eu tinha colocado para aquele campo. por isso em termos de expectativas (...) não me correu assim muito bem, porque eu acho (...) que a insegurança (...) prejudicou-me muito, mas pelo que os outros animadores dizem animei muito bem e não houve problemas (C8.1)</i></p>	<p><i>Na altura os animadores eram convidados pelos directores directamente (...) Na altura fui convidado pelo (...) que já me conheci a (...) Eu fiquei radiante (...) por um lado já estava à espera de ser convidado (...) fiquei muito contente com o papel que ele me deu, na altura convidou-me para animador livre, explicou-me o que é que era e ele disse-me esta frase EU preciso de ti para pões fogo à aquilo e, eu gostei. Porque a ideia, exactamente era ir para lá e o meu trabalho seria o de animar (...). Gostei muito apesar do campo ter tido alguns problemas em relação à equipa de animação (...) coisas que na altura não me apercebi por ser a primeira vez que estava a animar (...) acho que, mesmo agora, ainda todos os campos que faço, vou – me apercebendo de mais coisas (...) Não sei se é de ir ficando mais velho ou se é de ir animando mais vezes (...) mas lembro-me que na primeira vez, na altura achei que correu mesmo bem (...) e só no ano a seguir (...) é pá no ano passado falhei imensas coisas, passou-me tanta coisa ao lado, não estive atento a isto, era muito menos atento às pessoas, se calhar, não tinha tanto tacto, se calhar ainda, é uma coisa que se ganha. Mas na altura (...) adorei por isso me esforcei imenso para continuar (C8.2)</i></p>	<p><i>Foi espectacular por dois motivos, por um lado porque foi um campo de Triciclos, que são o escalão que eu mais gosto de animar. Naquela idade os miúdos são de uma espontaneidade desarmante, não têm filtros, dizem o que pensam sem pensarem no que é que fica bem dizer. (...) Por outro lado adorei também porque tive oportunidade de nesse campo animar com um animador que me tinha animado e que era um ídolo para mim. Além disso, em termos de organização o campo correu muito bem, (...) a equipa de animação era calma (...) e os miúdos eram simplesmente geniais. (C8.3)</i></p>	<p><i>Estava cheio de vontade de fazer alguma coisa (...) sentia-me muito bem, gostei da equipa de animação, puxaram bastante por mim, corrigiam-nos muito uns aos outros e éramos bastante, lá está disponíveis e abertos, daí essa imagem.</i></p> <p><i>O capelão deve tornar explícito o que no animador esta implícito nas acções ou seja dizer na boca o que os outros dizem com as mãos, falar de Deus de forma mais explícita (...). É uma experiência bastante reconfortante mas que no início é dura porque sentes que tens que ser exigente no que vais dizer (...) ir para lá fazer umas chouriçadas, os miúdos ficam muito contentes e depois no final não fica nada, ou podes de facto tentar transmitir uma experiência de Deus. O que é que acontece quando tentas transmitir uma experiência de Deus, nunca sabes se vai resultar. Depende da abertura, depende da tua abertura para não teres medo de propores isto, às vezes pode-se vender a mensagem crista de uma maneira (...) muito superficial que toda a gente gosta quando as mesmas pessoas pedem e querem mais e isso puxa por ti e, também dependes da abertura dos outros, porque queres falar de Deus e nunca sabes se a coisa vai dar e é um grande medo antes do campo. (C8.4)</i></p>	<p><i>Eu era tia, que me lembro Sei que era tia, as tias nunca estão tanto em contacto com os miúdos, mas animei. Foi óptimo, era a primeira vez A equipa era porreira (...) Foi giro. Já não me lembro muito bem, mas tenho uma ideia. A equipa mesmo depois surgiu, algumas pessoas continuaram depois por mais dois ou três campos e nós dávamo-nos muito bem. Acho que foi um campo que correu bem. Eu não tenho tanto ideia porque era tia, mesmo se me perguntares se eu me lembro bem dos miúdos e isso não, lembro-me de alguns, os que me marcaram, outros continuei a fazer campos ano após ano com eles. Vou fazer campo outra vez este ano com alguns. É mesmo engraçado eu animei miúdos em triciclos que vou animar agora em formação.</i></p> <p><i>Eu era tia, eu não cozinhava nem cozinho assim também quanto isso. E depois na altura, ainda tinha muita dificuldade, ainda tenho um bocado, a minha timidez. Sei que às vezes não ajuda muito porque nos Campinácios (...) para cativares os miúdos, para os conseguir formar é preciso falar bastante com eles. E também se tu não crias uma relação de amizade com eles, às vezes, até saís de lá um bocado frustrada porque queres falar de Deus e nunca conheceste. Nesse não, se calhar tanto porque era o primeiro, era tudo o novo por</i></p>	

					<i>isso foi tudo o máximo. (C8.5)</i>	
C.9. Funções exercidas	<i>Animadora de equipa nos dois (C9.1)</i>	<i>“Animador livre no primeiro ano, no segundo também e agora este no último ano director adjunto (C9.2)</i>	<i>Animador livre e Director (C9.3)</i>	<i>Animador de equipa, animador livre e capelão. (C9.4)</i>	<i>Tia e animadora de equipa (C9.5)</i>	
C.10. Qual gostaste mais		<i>Animador livre não só por ter feito (...) mais vezes mas acho que, também não experimentei as outras, não fui animador de equipa ou director, mamã ou tia acho que nunca serei. Mas eu gosto muito de ser animador livre porque exactamente porque se está livre para fazer tudo (...) acho que é o cargo mais, que dá mais margem de manobra. (...) Podemos ser uma pessoa muito mais ausente, que está de fora e trabalhar muito no background nas coisas que são precisas, como podemos ser os que não fazem nada, que não estão com os miúdos a falar e dá-nos a oportunidade de estarmos exactamente onde somos mais precisos. Por isso é que há animadores livres (...) Isso puxa muito por mim numa coisa que eu sou mau, e acho que é por isso que eu gosto tanto, também, que é ser perspicaz, eu sou pouco perspicaz, perceber o que é que, às vezes, é preciso, porque é que aquela pessoa está mais triste (...) e isso puxa por mim nisso, se calhar é por isso que eu gosto tanto (C10.2)</i>	<i>Durante o campo gosto mais de ser animador livre porque podes fazer uma maior variedade de coisas desde lavar a loiça, a preparar os jogos, a fazer sketches, enfim, tudo. Ser director dá mais trabalho, (...) no campo tens que estar a pensar em imensas coisas ao mesmo tempo (...) ou seja dá muito trabalho e o melhor dia é o último porque é o dia em que tu sabes que os miúdos chegam a casa, que estão entregues aos pais e que tudo está bem.”</i> <i>“Resumindo, entre as duas hipóteses, escolheria animador livre. E se tivesse liberdade total de escolher, neste momento queria ser animador de equipa. (C10.3)</i>	<i>Capelão porque senti mais o risco. O risco de não saber se nada ia correr bem e não é um risco que depois do campo feito já se perde os riscos para sempre ou já se perde os medos para sempre (...) volta-se sempre aquele medo inicial e isso de certa forma não me deixa cair numa certa mediocridade (...) e por isso é a que tem puxado mais por mim. (C10.4)</i>	<i>Animadora de equipa (C10.5)</i>	
C.11. Gostarias de exercer alguma especial	<i>Há uns tempos eu dizia gostava de exercer Tia, mas agora não</i>	<i>Gostava de experimentar ser animador de equipa, nunca fui</i>	<i>Animador de equipa! (...) No último ano, antes de ser</i>	<i>Não (C11.4)</i>	<i>Acho que não. Gosto das que fiz. Este ano as coisas já vão</i>	

	<p>sei muito bem (...). Também não me importava de ser livre (...) pela experiência do campo passado em que tivemos de ser tão versáteis que todos tivemos de ser um bocadinho de cada coisa e tomei (,,) mais conhecimento do papel dum livre e até achei bastante interessante.</p> <p>O livre é um dos cargos da pessoa mais atenta que tem de haver no campo (C11.1)</p>	<p>e acho que, se calhar é a posição mais importante (C11)</p>	<p>convidado para ser director estava mesmo disposto a ser animador de equipa, tinha vontade de, pela primeira vez, acompanhar com mais atenção um grupo mais restrito de participantes. (C11.3)</p>		<p>ser um bocado diferente porque é formação. Todos somos animadores livres porque não há equipas, mas (..) eu gosto de ser animador de equipa e acho que neste momento, também já não ia sentir tanto aquela coisa de não estar com os miúdos como senti muitas vezes quando fui tia. Acho que é uma coisa que não importava de ser. (C11.5)</p>	
<p>C.12. De que modo te preparas para ser animador</p>	<p>Todos os anos antes de irmos para campo de férias devemos fazer uma pequena paragem (...) para pensarmos muito bem no tipo de idade que nós vamos animar. E muito menos experiência que tenhamos, temos de ir sempre com algumas ideias na cabeça daquilo que eles vão mais precisar ou daquilo que eles mais podem fazer, para que nós animadores não apanharmos um grande choque. Depois acho que devemos ser muito versáteis, a partir do momento em que chegamos lá, porque a nossa formação como animadores (...) acho que ocorre muito durante o campo. Porque durante o campo é que acontece as coisas (...) por mais que tu vás com o campo com todo programado é impossível tu conseguires cumprir aquilo à risca. Por isso, eu acho que a tua grande formação acontece durante o campo porque é lá que tu realmente vês como é que tu lidas com as coisas que te vão acontecendo. E aí, tu</p>	<p>A maneira de me envolver é muito preparar coisas para o campo. Eu adoro ter ideias, ideias parvas, (...) sou muito a favor da criatividade e esforço-me muito por inventar jogos novos e aplausos, coisas assim. E se calhar a maneira de como me preparo é exactamente pensar em coisas para o campo põe-me dentro dele (...) ideia para um jogo novo, e é assim que começo a interiorizar o campo, pensar em nomes para o campo, em aplausos que se podia fazer, falar com os outros animadores, claro depois há os fins-de-semana de preparação. E depois acho que só naqueles dias antes do campo é que começo a ficar ansioso (...) e depois quando se vai para lá, cada vez mais, então na manhã em que os miúdos vão chegar fico mesmo ansioso. Acho que já não faço nada para me preparar é só: estar ali para os receber. (...) Nós preparamos tudo o que podemos mas há imensas coisas que podem correr mal. O Gonçalo, (...) tem uma frase</p>	<p>Fiz um campo de formação que foi muito útil para me alertar para questões relacionadas com a filosofia dos campos, com a pedagogia que se pretende pôr em prática. Mas acho também que o campo de formação podia ter sido mais útil em termos de questões práticas. (...) Acho que a formação, quando dada pelas pessoas com os conhecimentos e talento certos, é mesmo importante. É um erro achar nalgum momento que já não temos nada a aprender.</p> <p>A formação em relações humanas, comunicação (..), primeiros socorros, logística e questões práticas (como montar uma tenda, como preparar uma caminhada (...)) nunca será demais. Nem todos os animadores de um campo podem ter toda a formação mas quantos mais tiverem e quanto mais variada esta for, maior probabilidade há de que tudo corra bem. Neste momento quem vai tendo formação em termos de organização geral de um campo acabam por ser os</p>	<p>Voltando a falar de Sto. Inácio ele falava muito de dois pontos que me ajudam imenso (..) um deles é chamada composição de lugar (...) às vezes ajuda-me parar imaginar pessoas e imaginar que eu sou responsável (...). A imagem de responsabilidade como, esta expressão cai mal mas, acho que é muito verdadeira no sentido cristão que é eu sou obrigado a cuidar de ti, mais esta imagem de responsabilidade eu sou mesmo obrigado a cuidar de ti, a ter-te como parte de mim e isso aí ajuda-me. Por outro lado, outra questão que é o outro ponto que Sto. Inácio fala muitas vezes que é trazer à memória todos os <u>benefícios</u> recolhidos nos campos de férias e quanto a isso não é preciso explicar mais. Ajuda-te a perceber o que é chamado a fazer ou como Jesus dizia ontem no Evangelho Tiveste graça dá-lhes graças. (C12.4)</p>	<p>Eu acho que nos vamos preparando. Não faço nada demais. Há sempre as reuniões e isso já te começa a levar para aquele espírito e depois a preparação dos jogos e isso ajuda e depois também tens aqueles dois três dias antes que vais para montar o campo e o que acontece aí é que nós queremos é que os miúdos não cheguem (..) mas depois quando eles chegam já nos sentíamos mal se eles não estivessem lá.</p> <p>Importância do Campo de formação</p> <p>Acho, não sei se nos molde que está. Eu não sei todos os parâmetros da formação, (...) mas acho que estão a focar a parte religiosa, que é muito importante, mas acho que é preciso, também a parte prática. Acho que formam demasiado na parte religiosa e pouco na prática e no fundo é preciso as duas (...) porque no campo para as coisas funcionarem é preciso ter traquejo para se acontecer</p>	<p>Nós temos dois tipos de acções de formação que propomos no plano de formação dos Campinácios. Um é de tipo espiritual e o outro de tipo técnico, mais específico do ser animador ou monitor, digamos assim. Na parte espiritual propomos aos novos animadores fazerem parte de um grupo de vida cristã, uma CVX-U uma comunidade de vida cristã para universitários que funciona normalmente no centro universitário do Porto, Coimbra e Lisboa. Portanto, convidamos a pessoa a integrar um desses grupos, porque isso vai dar um conhecimento da espiritualidade inaciana, que é típica dos jesuítas, vai, também permitir que ele continue a aprofundar a sua fé, que tenha, também, um grupo de partilha onde vai vivendo com os outros as dificuldades e as alegrias da sua fé, o crescimento na fé. Para além da inserção nesse grupo pedimos que faça um fim-de-semana de espiritualidade inaciana, pode ser os Exercícios Espirituais</p>

	<p>também sabes, animador que podes ter ajuda dos outros animadores perante situações que aparecem e tu não consegues lidar com elas. Eu acho que a preparação antes, quer seja no campo de formação, quer seja em dias antes ou reuniões de preparação são muito importantes. Mas acho que também é muito importante tu pensares na tua postura que vais ter durante o campo e lá também fazeres um reflexão nem que seja um bocadinho no final da noite daquelas coisas que tu fizeste e pensares: Bem o campo estava previsto assim e está a correr assim de que modo eu posso ajudar a que as coisas correm melhor ou adaptar o programas às exigências dos miúdos que nem sempre estão de acordo.</p> <p>O meu campo de formação foi muito bom (...) correu mesmo muito bem (...) acho que teve uma grande componente espiritual (...) teve mais isso do que a parte prática. Uma (...) das críticas que fizemos na avaliação do campo de formação foi que havia de haver uma componente prática, por exemplo de coisas simples como acender um petromax, como montar uma tenda e isso não houve no nosso campo de formação. O nosso campo de formação foi dado numa vertente (...) de preparação interior. (...) Para mim, pessoalmente correu-me mesmo muito bem e aprendi muitas coisas (...) a nível</p>	<p>que eu acho que eu (...) que é a maneira como nós nos preparamos para o campo que é prepararmo-nos para o pior, esperarmos pelo melhor e receber o que vier. Acho que é essa a maneira com nós vivemos</p> <p>Eu já agora sem saber ao certo o campo que é vou fazer já começo pensar em coisas que se podiam fazer no campo. Também é uma maneira de depois (...) quando for convidado dizer: Olha pensei nisto, era altamente fazermos isto (C12.2)</p>	<p>directores, mããs e directores-adjuntos. No entanto acho que haveria vantagem de mais animadores terem acesso a esse tipo de formação, mesmo que nunca (...) venham a ser directores, para mais facilmente perceberem todas as dimensões do campo e melhor saberem estar e actuar no mesmo. (C12.3)</p>		<p>alguma coisa. Não chega, é importante é, é extremamente importante e, é um dos pilares, mas a formação prática é muito importante. (C12.5)</p>	<p>para aqueles que sentem que isso pode ser para eles, ou pode ser um curso intensivo de fé intensiva num fim-de-semana, ou pode ser uma preparação para o crisma, ou pode ser uma pascoa universitária inaciana, pode ser alguma coisa que tenha a ver com o crescimento na fé, típico inaciano.</p> <p>Isto na parte espiritual, na outra parte mais técnica, aquilo que nós podemos aos animadores é o curso de socorrismo, que pode ser feito em qualquer dos três colégios, fazem, também o campo de formação no verão (...) em que aí também é transmitido, um pouco, do que é ser animador. Funciona como autogestão em que eles preparam um dia e depois avaliam, no dia a seguir (...) parte muito da experiencia deles e com isso vão aprendendo (...) e depois toda a parte técnica vai crescendo com a experiencia do ser animador de um campo. Eles depois de fazerem um campo de formação vão animar um campo e, aí com os mais velhos e em equipa vão aprendendo como se fazem as coisas.</p> <p>Nós não estamos muito preocupados que eles aprendam como é que se cava uma latrina, ou como é se monta uma tenda, ou como é que se faz uma refeição ou como se põe uma roda. Não estamos muito preocupados com isso, porque isso aprendesse com a experiencia.</p>
--	---	--	---	--	---	---

	<p><i>espiritual a tua postura no campo como é que pode ser.</i></p> <p><i>Estávamos à espera dum campo de formação com a aprendizagem dessas coisas práticas (C12.1)</i></p>					<p><i>O que estamos mais preocupados é que eles assumam esta identidade de fundo do animador, porque depois de eles serem animadores isto é um bocado automático porque já fizeram campos vários campos, já sabem mais ou menos o que os animadores têm de fazer. Para além vão ter um director que lhes vai dizer: "olha, faz isto, faz aquilo, faz aqueloutro". Depois esta tradição vai passando de mão em mão nas várias gerações de animadores.</i></p> <p><i>Formação continua (...) é um ponto em que nós falhamos porque não chegamos, não temos hipótese de propor mais coisas para formação para os outros animadores. Há uma coisa que já se tentou fazer o ano passado e que este ano, provavelmente se vai tentar outra vez, mas, também, vai ser difícil que é uma acção de formação para os três movimentos ligados aos jesuitas, CAMTIL, Campinácios e os Gambozinhos, que já se fez noutros tempos e que resultou muito bem que é uma coisa que tem mais a ver com relações humanas, com modos de trabalhar em equipa, conhecer-me a mim próprio para depois reconhecer os outros e para depois aprofundar a relação com Deus. Mas não se tem feito, ultimamente porque que a gente entende que se o primeiro ano de formação for uma rampa de lançamento para a vida deles de animadores e se lhes der</i></p>
--	---	--	--	--	--	--

						<p>bases sólidas para serem bons cristãos depois cada animador por si próprio vai querer procurar sítios onde possa continuar essa formação cristã e depois nos campos vão-lhes dando a formação específica, técnica de ser animador. É normal que um animador do primeiro ano, que está em formação que se insere num grupo de CVXU depois não acabe esse ano e sai do grupo, que vai querer continuar para os outros anos e o grupo continua como grupo (...). Também é normal que ao pertencerem a esses grupos e inserindo-se nos centros universitários dos jesuítas depois se interessem por outras acções de formação diferentes nos próprios centros universitários, aquilo que eles oferecem, peregrinações, pascoas, coisas desse género, é normal, que eles depois façam esse tipo de coisas. (C12.6)</p>
<p>C.13. De que modo ser animador mudou a tua vida</p>	<p><i>Eu acho que apela muito à criatividade e eu acho que também ganhei muita criatividade com isso, apela muito ao facto de tu te desinibires perante os outros porque há vários momentos num campo em que tu tens de fazer isso e acho que de campo para campo eu vou (...) melhorando isso. Criatividade, desinibição. Eu acho, também melhorei muito a responsabilidade, mas acho que criei também uma preocupação excessiva, às vezes, quando vou para os campos porque tenho sempre</i></p>	<p><i>Ser mais perspicaz (...) ser animador é diferente de ser animado, quer dizer, a responsabilidade é minha. E desde que sou animador que eu, com a humildade que também devo ter, mas é em cada sítio que estou perceber quando é que preciso de ser eu o animador. Se na faculdade tenho um grupo de trabalho que não faz nada, também aqui tenho que ser animador e tenho que ser eu a puxar, olha vamos fazer isto, olha porque é que (...) Ser animador, também, às vezes é também ser chato. É assim que eu sou animador na</i></p>	<p><i>Influenciou a minha vida de diferentes formas: vários dos meus amigos conheci-os por animarmos campos juntos, muita da minha fé foi sendo fortalecida com o que aprendi e vivi enquanto animador (...) foi nos campos que senti pela primeira vez a alegria profunda do serviço. E os campos influenciaram a minha vida, não só pelas experiências boas mas, também pelas negativas, com as quais acho que cresci ainda mais do que com as boas. Foi nos Campinácios que eu pela primeira vez vi as pessoas perderam a cabeça por</i></p>	<p><i>Tornou-me mais simples, mais prático (...). C13.4)</i></p>		

	<p><i>aquela noção de que são filhos de alguém e que não lhes pode acontecer mesmo nada. E que lhes pode acontecer uma situação em que eu esteja sozinha com eles eu tenho que estar mesmo responsável por eles. Então é uma responsabilidade no sentido mais materno (C13.1)</i></p>	<p><i>minha em vida, em tudo, na família. Não ser só animador no campo, é ser fora (C13.2)</i></p>	<p><i>cansaço, por exemplo e que percebi que é mesmo importante respeitarmos que cada um tenha limites diferentes. Ao ser animador percebi também que quanto mais tempo dedicas ao movimento mais valor ele ganha. E foi o facto de ser animador que me fez procurar ser cada vez mais uma pessoa coerente nas minhas atitudes. E aí eu acho que tenho de continuar a esforçar-me muito. (C13.3)</i></p>			
<p>C.14. Definição do movimento enquanto animador</p>	<p><i>Campinácios é tu poderes fazer tudo aquilo que tu não fazes durante o ano com pessoas que tu aparentemente não conheces (...) mas que no fim quando vens embora não te queres separar dessas pessoas, queres continuar a fazer aquelas coisas e vens tão rico interiormente que os teus pais quando chegas a casa acham mesmo estranho tu estares assim, acham estranho tu não queres ver televisão, acham estranho tu estares tão suja (...) e por mais que tu tentes explicar tu não consegues porque só te consegues rir, só te consegues ou chorar ou mandar mensagem aos teus amiguinhos. Acho que são estes os efeitos que nos miúdos sentem no final dum campo (...) chegar a casa estar sempre a rir, estar sempre com saudades ou sempre a chorar e sempre a falar das coisas que fez, estar sempre a contar as coisas (...) se eu tivesse de descrever a um miúdo como é que era eu acho</i></p>	<p><i>Os Campinácios continuam a ser e desde o início um movimento de campos de férias. O principal, são os campos de férias que fazemos no verão. (...) Um movimento de campo de férias que tem crescido imenso (...) cada vez fazemos mais campos e isso já mostra um bocado, também como e bom e como faz bem às pessoas. As pessoas tem vontade e chamam mais e, depois um movimento quase de família porque que nós acabamos por conhecer toda a gente (...) como animamos sempre campos com pessoas diferentes ficamos a conhecer as pessoas. E uma coisa muito boa, ficamos a conhecer as pessoas no melhor e no pior porque durante o campo é muito desgastante, às vezes as pessoas ficam irritadas, as pessoas chateiam-se, então ficamos a conhecer as pessoas no melhor e no pior e trabalhar junto. (...) É um movimento de pessoas que gostam muito daquilo e depois, claro, é uma</i></p>	<p><i>O Movimento é excelente pelos valores que transmite e pelo que ajuda quer os participantes quer os animadores. Ajuda imenso os miúdos (...) porque muitos deles, se não tivessem sido os campos, tinham dado umas pestinhas mimadas. Pode parecer exagero, mas vês diferenças nítidas nalguns participantes entre o 1º dia de campo e o último. Os que no início choram com saudades dos pais muitas vezes são os que no final mais choram pelo facto de o campo acabar. Mas o movimento também ajuda, e muito, os animadores, quer pelas experiências que ganham para a vida, quer pelo cultivo da atitude de humildade e serviço. Os animadores não ganham dinheiro por serem animadores por isso tudo o quanto se dedicam é esforço gratuito... Mas é obvio que também há uma parte "egoísta", as pessoas divertem-se nos campos, têm os amigos nos campos, portanto nunca se pode dizer que se está lá</i></p>	<p><i>Acho que se pode dizer, embora isto seja redutor, mas acho que se pode dizer que um curso intensivo de vida e pelo facto de ser intensivo não és obrigado a ser coerente mas devias. Quer dizer podes não manter na prática tudo o que aprendeste, mas é um curso intensivo, acho eu de um estilo de vida que tenta actualizar também o estilo de vida de Jesus. (C14.4)</i></p>	<p><i>O movimento é regido pelos quatro pilares e acho que isso acaba por ser o que o define. (...) É muito difícil explicar. É muito mais sentido. Muda-nos, muda-nos muito a todos os níveis. E quem nunca fez é difícil perceber o que é que aquilo é, mas quando se começa a fazer quer-se é continuar, acho que, principalmente porque nos muda muito.</i></p> <p><i>O importante de campos de férias mas não é só um campo de férias, a verdade é que se calhar num campo de férias tu não ficas tão mudada nem te marca tanto como os Campinácios (...) porque os pilares que o regem fazem com que ele seja diferente. É mais do que campo de férias. (C14.5)</i></p>	<p><i>Institucionalmente, se tu me perguntares como AN eu diria que os Campinácios são um movimento de campos de férias em que o instrumento campo de férias é um instrumento educativo que ajuda o objectivo educar para servir que os colégios têm como objectivo de fundo, como grande meta. É uma forma de educar a pessoa toda nos quatro pilares que são os quatro pilares dum colégio da Companhia de Jesus. Portanto não é uma coisa diferente do que aqui no colégio, porque aqui no colégio a gente também tenta fazer a mesma coisa. Portanto eu diria que é um meio para educar os alunos numa vertente mais de ar livre, actividade de tempo livre. E que chega a eles com muito mais intensidade e com muito mais força porque parte de uma coisa que eles gostam de fazer para os formar, para os educar.</i></p> <p><i>Se tivesse de definir os Campinácios para um miúdo</i></p>

	<i>que lhe dizia isso (C14.1)</i>	<i>coisa que tentamos manter durante o ano. E é por isso que temos missas, e é por isso é que temos ceia de natal, encontros nacionais, porque não dá para estar o a o inteiro (...) isto lá está é mais uma coisa que mostra a vontade das pessoas estarem juntas. É isso, um movimento de campo de férias sempre com mais amigos (C14.2)</i>	<i>completamente por sacrifício alegando que não me apetecia nada fazer campo mas faço. Não, as pessoas estão e estão com gosto! Mas não temos de transformar as coisas boas em sacrifícios só para que tenham valor, não é? E acho que é um movimento que tem tendência a crescer, a ter cada vez mais participantes e animadores. E com isso aumenta o número de actividades às quais os campos estão associados, desde o Banco Alimentar às actividades da pastoral do colégio... Aliás, no futuro acho que o movimento pode continuar a evoluir no sentido de existirem mais actividade ao longo ano, em que os campos de Verão, apesar de continuarem a ser o momento alto do ano "campinaciano", sejam uma de muitas outras actividades. Finalmente, e como prova da importância do movimento na vida dos animadores, esta acaba por ser muitas vezes a única ligação que continuam a ter com o colégio. É engraçado constatar que, muitas vezes, no final do secundário (ou mesmo no 9º ano), as pessoas saem do colégio, entram na universidade e nesse primeiro ano, com toda a onda de novidades, se desligam, mas passado um ano voltam à procura dessa referência. (C14.3)</i>			<i>que nunca fez evidente que a gente começa pela parte mais estimulante que é (...) tomamos banho no rio, fazemos imensos jogos, dormimos nas tendas (...) conhecemos imensos amigos, fazemos novos amigos, portanto toda a parte estimulante (...) dos Campinácios. Se me perguntares o que é para mim, eu comecei a fazer aos onze anos e nunca mais deixei de fazer campos e faço todos os anos campos de férias, continuo a gostar muito. E para mim foi a descoberta de Deus, foi, também a descoberta de mim próprio, foi uma forma em que eu percebi que era possível, neste mundo, pôr o evangelho em prática, efectivamente. Uma coisa que a gente pensa que é uma utopia, que é pôr o evangelho em prática entre nós nos campos de férias realiza-se. E eu a primeira vez que fiz percebi logo isso. Tipo, isto é mais ou menos o céu na terra é a realização do projecto de felicidade cristão ali, no terreno. E funciona e as pessoas ficam mais felizes quando experimentam isso e, por isso, é que depois toda a vida continuei a fazer campos de férias e depois a animar e a ser director. Portanto há diferentes tipos de definição segundo os destinatários. (C14.6)</i>
C.15. Desenvolvimento dos 4 pilares durante o acampamento	<i>A equipa de animação tenta sempre nas reuniões de preparação ter os 4 pilares em</i>	<i>Boa pergunta. Acho que nunca se tem muito em conta. Nunca se tem directamente em conta</i>	<i>Deus (..) cada vez mais está presente como pilar fundamental (..). Os campos</i>	<i>Tenta interagir com isso. E dizer quatro pilares, distinguir quatro é já um esforço de linguagem</i>	<i>Eu acho que depende muito do escalão (...) em triciclos, as coisas, tem que ser muito mais</i>	<i>A ideia é que quem está à frente os conheça e saiba que eles existem porque isso, são as</i>

	<p>conta e, tenta sempre fazer uma ou outra actividade em que eles estejam mesmo incluídos, depois é obvio que as actividades acabam por sempre bater mais num do que noutra. A parte espiritual está sempre presente, isso sem duvida nenhuma (...). A parte da natureza (...) é só o simples facto de nós estarmos num campo deserto, longe de habitações (...) mas tentamos depois, se calhar meter essa componente na parte espiritual, que é durante as orações, se calhar fazer, uma viagem espiritual para eles sentirem os vários sons da natureza, os toques, os cheiros, essas coisas todas (...) o em relação com os outros e o eu próprio ou é através de jogos, mais a relação com os outros, os jogos de equipa, o próprio facto de existirem equipas e de teres de trabalhar entre elas. O eu (...) acho que é muito desenvolvido na parte espiritual (e acaba por ser também, a experiência que tu fazes e que te faz mudar, aí é que se vê o eu) (C15.1)</p>	<p>os 4 pilares do movimento, para olha vamos fazer este jogo e isto é para reforçar o pilar da natureza. (...) Não sei até que ponto os miúdos, eu se calhar quando era participante não fazia a mínima ideia do que são os 4 pilares. Mas não sei se o objectivo é esse, ou seja se calhar a ideia dos 4 pilares é trabalhar mesmo sem ser directamente falado nisso. (...) Ah, então isso é sorte. Eu acho que não porque desde o inicio que nós seguimos mais ou menos o mesmo esquema de campo. Os campos de 10 dias, com aqueles jogos, com o Bom dia Senhor e, essa estrutura, se calhar, não é muito pensada agora. No inicio, se calhar, foi pensada exactamente para trabalhar isso, a relação com os outros, com Deus, connosco, com a natureza. Eu acho que é trabalhado mesmo sem ser directamente falado nisso. Se calhar era coisa a ser pensada mais a sério. Se podíamos puxar mais por aqui, se podíamos puxar mais por ali (C15.2)</p>	<p>hoje em dia são muito pensados e estruturados (...) no sentido de conciliar as actividades com o tema dos BDS. Os pilares do "Eu", e do "Outro", inevitavelmente, pela intensidade que um campo tem, acabam sempre por estar muito presentes. Um campo é uma oportunidade única de aceitar o que sou e os meus limites e respeitar a diferença dos outros. O pilar da natureza (...) também se tenta respeitar ao máximo apesar de, por exemplo, em quase todos os campos ter tido a experiência de ver participantes ou animadores a dar cabo de um animalzinho qualquer só porque sim, e por isso acho que ainda há que aumentar a consciência do que significa "respeitar a natureza". Obra de Deus, não é? Resumindo, na minha opinião, o pilar de Deus é o que mais tem sido fortalecido e o pilar da natureza, volta e meia ainda é sujeito a "vandalismos. (C15.3)</p>	<p>porque no fundo passam os quatro juntos, a maioria das vezes. A relação com Deus passa directamente com os outros e, aqui, mais uma vez, o fundamento cristão quando S. João diz se não amas o próximo que vez como é que vais amar Deus que não vês. Isto para dizer que são quatro coisas que passam absolutamente ligadas entre si, por mais que distingamos (...) para podermos ver melhor quais são, (...) para podermos objectivar propostas, mas passa tudo bastante junto em cada jogo em cada, em cada BDS tem que passar os quatro. (C15.4)</p>	<p>joguinhos. Claro que tem que de haver BDS porque se não houvesse, também, não é Campinácios. E, aquilo muda muito e, notas mesmo nos triciclos eles quando eles saem de lá, às vezes o que se nota é que eles vão mesmo mudados. Às vezes só notas passados uns tempos durante o ano. Este ano estive com alguns no SVX e tu vais notando isso. Eles ao longo do ano vão mudando um bocado, se calhar por causa do ano vão mudando um bocado, se calhar por causa pastoral que tem durante o ano.</p> <p>Eu acho que tem de haver as duas coisas e eu acho (...) em triciclos é muito mais joguinhos e se calhar os BDS são muito mais pequenos mas existem mas à medida que segues para lambretas os BDS vão aumentando cada vez mais e cada vez menos joguinhos. Mas os jogos também são precisos porque formam a equipa, (...) são preparados (...) e fazem com que as pessoas comecem a ter uma relação diferente. Na equipa notas que eles vão criando uma relação, ficam muito próximos mesmo e, isso também é uma das coisas que se quer com os Campinácios (...).</p> <p>Eu acho que nós já nos regemos um bocado pelos pilares por isso, implicitamente, estamos a pensar neles (...). Eu acho que se consegue ter um pouco de tudo (...) eu acho que eles são marcados porque há um pouco de tudo, tens a parte (...) religiosa (...) mas também</p>	<p>raízes do que é o movimento. Muitas vezes eles são explicitados no campo de formação, mas eles, também, já como participantes já ouvirem falar deles várias vezes, portanto eu acho que de uma maneira geral os quatro pilares vão aparecendo ao longo da vida de um aluno no colégio que faz Campinácios. Portanto quando chega a animador isso é das coisas que ele mais sabe (...). Por outro lado não faz sentido estar sempre a falar disso explicitamente porque é algo está presente em tudo. Portanto isto é a base e no campo tudo o que se faz tem a ver com os quatro pilares. A natureza, obviamente está-se em contacto com a natureza, valoriza-se e favorece-se todo o tipo de contacto com a natureza. Deus, parte do BDS (...) depois há as missas de campo, o capelão. O autoconhecimento também é natural porque há a actividade de reflexão, há actividades de se darem a conhecer aos outros, portanto trabalha-se o autoconhecimento e o Eu de uma forma natural. E, por fim a relação com os outros e o serviço que também é algo que é muito estimulado no campo de férias desde uma equipa que tem de fazer a refeição ou lavar a loiça, juntos, até que é preciso ajuda para ir buscar água, é preciso ajuda para pintar um cartaz (...) portanto eles estão constantemente a ser solicitados para sair de si próprio e para trabalhar com os outros. Portanto como vês, os</p>
--	---	---	--	--	---	--

					<i>tens uma parte que os une muito e que faz com que eles fiquem marcados e faz com que eles queiram repetir. (C15.5)</i>	<i>quatro pilares são sempre desenvolvidos num campo, para alguns mais explicitamente, para o director com certeza e a mamã, que são as pessoas que estão à frente, para outros se calhar mais implicitamente mas estão sempre presentes. (C15.6)</i>
			D. Vivência da fé			
D.1. Papel da fé na vida do animador	<i>Tem um papel muito importante (...) os Campinácios tentam inculir muito nos miúdos essa componente. Acho que eles saem de lá muito mudados a esse nível (...), mas isso também é muito o papel que o capelão e o capelinho têm, porque podem ser pessoas (...) tradicionais, que se regem em ensinar a fé através de métodos tradicionais ou podem ser pessoas mais viradas para a criatividade e que tentam que os miúdos se apercebam que estão a pensar e, que estão a ter através de métodos indirectos (..) Acho que os Campinácios tiveram um papel muito importante na minha fé,. Porque acho que são 10 dias em que te sentes, a maior parte das vezes sozinho, mas depois tens essa parte espiritual que te leva a acreditar e a saber que tu não estás sozinho. No campo tens Deus alem dos animadores (...) quando saís lá e te sentes mudado eu acho que essa mudança te leva a acreditar que é provocada por Deus e pelo facto de te teres entregue e por teres sabido ouvi-lo de outra forma no campo. é mesmo</i>	<i>Um lugar de relevo porque acho que é isso (..) que me faz como sou, no fundo, tudo o resto, o que eu dizia de ser um animador, de ter vontade de puxar pelos os outros, tentar ser humilde, tentar ajudar em tudo pela minha forma de estar, pela minha fé em Jesus e pela minha vontade de ser como ele em tudo (...). E hoje em dia é muito difícil, se calhar, afirmar esta fé, sei lá, no dia-a-dia. Cada vez mais se vê mais ateus. As vezes é muito difícil na faculdade, mas eu acho que passa, isso já vem de ser animador, o não ter vergonha, (...) qualquer pessoas numa situação normal na faculdade o quê vais à missa, estás parvo! Podia se esconder, mas eu acho que essa coisa de ser animador dá-me segurança para enfrentar (...) e para falar disso e acho que as outras pessoas ficam curiosos e ficam com vontade de conhecer (D1.2)</i>	<i>Na minha vida já achei que tinha muita importância (..) já teve pouca e neste momento considero que tem muita importância. Naquela altura dos 14, 15, 16 anos, em que nas actividades do colégio todos choram muito nos ombros uns dos outros (normal na idade) eu achava que acreditava muito...Estamos na praia e vemos as ondas, estamos no campo e vemos as estrelas e ficamos arrepiados e acreditamos todos muito. Para alguns não será assim mas no meu caso, nessa altura a minha fé estava longe de ser sólida apesar de eu acreditar que sim. Era uma fé demasiado e apenas "emotiva". Posteriormente tive uma fase em que eu punha muitas dúvidas sobre a existência de Deus, por racionalismo. Actualmente, a fé faz parte da minha vida, é uma coisa difícil de explicar, (...) mas sinto um orgulho e uma vontade muito grandes de ter Jesus como modelo e aceitar tudo o que me acontece como algo que me é dado por Deus, sejam as boas oportunidades, como os</i>	<i>Durante quase todo o ano trabalha, está casando e tem trabalhos na faculdade, por isso se não for a fé, seria fácil mandar tudo às malvas, com a fé percebes que há um compromisso maior que o teu gosto pessoal. (D1.4)</i>	<i>É importante. Para quem faz Campinácios, se calhar nem para toda a gente. Eu sinto que só depois de começar a fazer Campinácios é que se calhar comecei a ver algumas coisas doutra maneira. Eu fiz a catequese, fiz o Crisma, mas acho que lá é diferente, é difícil explicar mas a verdade é que crescemos muito internamente.(...) Ficas a ver que aquilo é realmente importante e foi um bocado os Campinácios que ajudaram a esse nível. (D1.5)</i>	<i>Fundamental. (D1.6)</i>

	<i>verdade, porque (...) distanciado das coisas que te ocupam a cabeça durante o dia sentes-te muito mais livre e muito mais aberto para experimentar outro tipo de coisas, sensações. Acho que é muito mais fácil sentir Deus num campo do que cá fora, no dia-a-dia (D1.1)</i>		<i>momentos mais difíceis, sejam as qualidades ou os defeitos. E a partir da consciência de que tudo me é dado por Deus, viver em constante e profundo agradecimento, em vez da constante insatisfação. (D1.3)</i>			
		E. Outras actividades/ participação em associações ou movimentos				
E.1 Outras actividades/participação em associações ou movimentos	<i>Já fiz, agora este ano só faço parte do grupo de jovens (...) também sou animadora das actividades do fermento, que é outro grupo da animação que existe no colégio que anima actividade durante o ano (...) catequese, já fiz voluntariado, rondas, já andei num grupo de partilha no Creu (...) GRAPA (E1.1)</i>	<i>Este ano não (...).O ano passado era animador do CREU (Centro de Reflexão e Encontro Universitário – Inácio de Loiyola) fazia parte do grupo que existe lá que é o FAS Rondas, fazia parte do grupo de famílias, portanto visitava uma senhora que tinha Alzeimaar, (...) duas vezes por semana ia a casa dela, para a filha, também, poder sair, ia visitar aos sábados, ia ao IPO à parte da pediatria, estar com as crianças, fomos lá animar, depois fazia parte do Restolho (...) actividades da pastoral, isso continuo até hoje (E1.2)</i>	<i>Durante alguns anos, entre o 12º ano e o 3º ano da faculdade andei no teatro... Já há muitos anos que não estou no futebol, mas adorava o ambiente era mesmo bom para “descomprimir”... Em termos de “movimentos” pertenco neste momento, e desde 2004 a um grupo de CVX, que significa “Comunidade de Vida Cristã”, do qual fazem parte também, aliás, alguns outros animadores “campinacianos. (E1.3)</i>	<i>Sou animador do centro universitário. (E1.4)</i>	<i>Fazia parte do núcleo de estudantes do curso (...) as coisa que fiz tem a ver com o curso. Actividades da pastoral – SVX. (E1.5)</i>	
E.2. Influencia do movimento nessas actividades	<i>Eu acho que está um bocadinho o facto de eu pertencer ao fermento. Quer dizer, eu acho (...) na prática não. Se calhar (...) os Campinácios tem actividades durante o ano como a ceia de natal e o encontro nacional (...), actividades eu também faço (...) relacionadas com os Campinácios. De resto, as outras que eu faço, não faço por influência dos Campinácios. O banco alimentar comecei a fazer porque as pessoas dos</i>	<i>Boa pergunta, isso não sei. Provavelmente sim, quer dizer não sei. Eu fui mais para o Creu, sim eu comecei a fazer actividades lá e depois fui para a faculdade e já não sei quem é que me foi puxando para Creu. Comecei a ir lá, comecei a passar lá algum tempo, depois convidaram-me para animador e só aí é que comecei. Eu acho que o ter sido convidado para ser animador do Creu vem, também, pela minha forma de estar e tudo e, se calhar isso</i>	<i>Só faço parte de um grupo de CVX devido ao movimento, na altura fui impulsionado por elementos intimamente ligados aos campos. Mas a influência do movimento nas actividades em que participo se por um lado é constante, por outro lado é geralmente indirecta: os campos influenciaram a minha vida logo se a minha participação nas várias actividades revelam o que eu sou, revelam também a influência dos campos em mim</i>		<i>Eu, mesmo sem pensar as coisas acabam por estar interligadas, porque os Campinácios mudam-nos um bocado e depois as nossas escolhas vão consoante aquilo que nós somos. Como estamos mudados com aquilo, também acaba por influenciar no que fazemos, porque tu mudaste. (...) A idade também nos muda, mas a verdade é que acho que muda, um bocado nem que seja só pelo facto de fazeres e de veres as coisas de uma</i>	

	<i>Campinácios (...) faziam (..) e hoje em dia faço banco alimentar através dos Campinácios (E2.1)</i>	<i>construí-se nos Campinácios (..) É difícil de ver causa efeito, mas acho que teve influencia, portanto acho que sim.</i> <i>O à vontade que ganhei nos Campinácios de falar com as pessoas de falar com as pessoas, animar, acho que também influencia, ter vontade de tocar viola para os miúdos do IPO, se calhar se não tivesse o treino dos Campinácios não me sentia tão à vontade (E2.2)</i>	(E2.3)		<i>maneira diferente. (E2.5)</i>	
			F. Considerações Finais			
F.1. Outras questões	Papel do Animador <i>Falando mais no papel do animador (...) os animadores se desenvolvem e aprendem mesmo muito à medida que vão fazendo os campos (...) se queremos passar a mensagem aos miúdos para eles levarem os Campinácios do campos de verão para o resto do ano nós animadores também temos de fazer isso durante o ano, estar presentes no movimento durante o ano, saber estar nas actividades onde os miúdos vão estar e só estão porque sabem que nós vamos estar lá (...) e por mais que estejamos ocupados, acho que nós somos responsáveis por eles querem voltar a fazer as actividades e acho que devemos marcar a nossa presença para eles verem que nós também somos campinacianos durante o ano. E acho que isso é muito importante para o movimento não ser uma chachada e ter</i>	Experiência na DL e DN <i>Ninguém tem noção, nem eu tinha (..) do trabalho que dá e da preocupação dá e do tempo que tira. Só percebi, realmente quando entrei no ano passado e eu adoro, adoro estar na direcção, poder estar numa posição que influencia, sei lá, que estou na parte da tomada de decisão e na tomada de rumo do movimento. Eu acho que isso é muito importante. (...) A DL é um trabalho muito ingrato, porque, eu percebi isso, os animadores formam muitas vezes opiniões em relação às decisões que não exteriorizam (...) e então acabamos por ser excluídos (...) de determinados grupos, (...) das conversas porque somos da DL (...) somos as pessoas que tomaram aquelas decisões e, portanto não se pode falar. (...) Ainda me dói um bocado ser da DL, (...) mas fico muito contente porque todas as decisões que tomamos</i>	Experiência na DL e DN <i>Como membro da DL e DN acabas por dar ainda mais do teu tempo pessoal em prol do movimento e, só quem por lá passa sabe que ao fim do ano são mesmo muitas horas e muitos dias dedicados a um trabalho muitas vezes imperceptível. Mas foi um trabalho muito gratificante, pelo prazer do serviço e pelos laços desenvolvidos entre nós, elementos da DL. Dávamo-nos muito bem, articulamos sempre o trabalho conforme as disponibilidades de cada um em cada momento. Também foi gratificante pelos frutos que fui vendo. Além disso, pessoalmente, estar na DL e sobretudo na DN ajudou-me a ter uma noção global do movimento, da mensagem que se pretende passar aos participantes, da responsabilidade de termos nos campos, durante dez dias</i>	Participação em voluntariado mesmo que não pertencesse à Companhia <i>Em principio pela personalidade mesmo sem saber que experiência teria se estivesse fora da comunidade durante estes três anos, em principio adequa-se à minha maneira de ser. Ligado um voluntariado (...) que te liga a uma pessoa de forma mais definitiva.</i> Contributo dos Campinácios <i>Os Campinácios fazem pelos miúdos tantos quantos miúdos há, ou seja cada miúdo tem e é um dom dos Campinácios, é algo que também os Campinácios lhe deu de uma maneira muito particular, porque não há o dom em geral e abstracto mas, há as coisas recebidas em particular que são de facto a grande proposta dos Campinácios, que é dar a cada um. Por mais que seja uma coisa comunitária, é servir no</i>	Importância dos Campinácios na vida dos participantes <i>Eu acho que é só olhar para eles (...). Tu notas que há uma evolução (...) eles também crescem e vão mudando, mas se calhar os Campinácios ajuda muito. As pessoas ficam mudadas e nem toda a gente percebe isso, basta não conhecer o movimento (...) na universidade (...) o pessoal brincam comigo, ate acham graça fazer mas toda a gente percebe (..) porquê é que isto é tão fantástico não percebe. (F1.5)</i>	

	<i>força durante o ano (F1.1)</i>	<i>(...) foram de consciência tranquilo com a certeza de que estávamos a fazer o melhor. Deixa-me muito contente (F1.2)</i>	<i>centenas de filhos de centenas de pais. Se como director aprendi muito, como membro da DL e DN acho que aprendi ainda mais. E finalmente só queria acrescentar que fico mesmo contente de ver de ano para ano aumentar o número de participantes a fazer campos, o número de animadores e o número de campos realizados, sem que isso implica perda de qualidade dos campos (F1.3)</i>	<i>prato para que depois, também, o outro o sirva. (F1.4)</i>		
--	-----------------------------------	---	--	---	--	--

